Histórias de minha Avó
DESBRAVADORES
Recordações felizes de Ellen G. White
Ella M. Robinson

História de Minha Avó

Recordações felizes de Ellen G. White

Ella M. Robinson

COPIADO DA VERSÃO ORIGINAL

PRIMEIRA EDIÇÃO - 2001

Prefácio

Esta história de Ellen G. White, minha avó, são verídicas. Os relatos das visões foram conferidos por centenas de testemunhas confiáveis, algumas das quais deixaram registros escritos de circunstancias e eventos que as acompanharam.

Os pormenores e as conversas são baseados na correspondência pessoal e nos diários da Sra. White, em suas próprias histórias e nas de seu filho, William Clarence White, que foi meu pai, bem como em informações reunidas entre seus familiares e amigos. Alguns aspectos foram extraídos de meus 33 anos de convivência intima com minha avó.

Ella M. Robinson

Índice

1
A vida na casa da Vovó

Vovó sentou-se em sua plataforma perto da lareira. Estava feito o seu trabalho naquele dia. Corri até o piso superior para pegar seu pente e escova de cabelo, mas minha Irmã mais nova chegou lá antes de mim. Assim, sentei-me para observá-la penteando o cabelo macio e prateado da vovó e ouvir as histórias que ela poderia contar enquanto suas agulhas de tricô estivessem clicando. Da próxima vez eu seria mais rápida e não deixaria Mabel passar na minha frente!

- O que você está fazendo, vovó? – perguntei.

- Estou tricotando meias grossas para os obreiros da editora da Basiléia, Suíça, e de outros países onde os invernos são rigorosos.

- A editora de Basiléia! Foi lá que eu nasci, não foi, vovó? – perguntou Mabel.

- Sim, os obreiros moravam nos apartamentos da casa publicadora.

- Então fui adotada, fui? Ella disse que fui. – E Mabel olhou desdenhosamente para mim.

- Não, Mabel, você não foi adotada; e ainda que fosse, teríamos amado você da mesma maneira. Mas de onde você tirou essa ideia, Ella?

- Na primeira vez que vi Mabel, alguém me disse que o doutor havia trazido o bebê na maleta.

Nós duas rimos e vovó riu junto conosco.

Nesse momento, papai entrou na sala para falar com a vovó e assim não ouviríamos histórias naquela noite. Mas a referencia ao nascimento de Mabel na casa publicadora de Basiléia conduz meus pensamentos a muitos anos no passado, para aquela noite em que mamãe me pediu que buscasse um pedaço de pão torrado para minha irmãzinha beliscar enquanto seu alimento estava sendo preparado sobre o fogareiro. Timidamente, saí da cama e andei pelo escuro e longo corredor. Mas meu medo sumiu quando, ao passar em frente ao quarto da vovó, pude ver por baixo da porta que havia luz acesa lá dentro. Eu sabia que não estava sozinha. Vovó estava acordada e ocupada com seus escritos. Deve ter sido entra duas e quatro da manhã, pois era essa a hora costumeira de vovó começar seu trabalho.

Lembro-me de um Sábado em que vovó pregou no salão de reuniões em Basiléia. Um homem ao seu lado traduziu para o Francês cada frase que ela proferia. Depois outro homem repetia tudo em alemão para o grupo em outra parte do salão. Nossa mãe anotava os sermões de vovó em taquigrafia e os escrevia depois com pena, porque não havia maquina de escrever. Ela selecionava os textos para os folhetos e depois trabalhava com o tradutor, passando-os pra o francês. Às vezes, quando havia pouca gente para ajudar, mamãe ia para a sala de composição tipográfica e ela mesma fazia o trabalho.

Como minha mãe era muito ocupada, "tia Sara" McEnterfer, a secretaria e companheira de viagem de vovó, tomava conta do bebê Mabel. Quanto a mim, fiquei muitas vezes aos cuidados da cozinheira, uma terna e conscienciosa senhora chamada Christina Dahl. Eu tinha cinco anos na época. Um de meus principais divertimentos era observar Christina até que ela ficasse concentrada em alguma complicada tarefa culinária; depois, bem quietinha, eu saia da cozinha, ia pé pelo corredor e batia à porta do quarto da vovó.

Se ela estivesse escrevendo, eu ficava parada bem quieta ao seu lado até que ela soltasse a pena. Esse era o sinal para uma das prazenteiras conversas que eu tanto apreciava. Ela contava então de seus dias de infância ou de suas viagens, ou ainda de algum gatinho ou pônei, ou sobre crianças interessantes que conhecera nas viagens de trem.

As vezes me sentava num banquinho aos seus pés. Ela me dava uma tesourinha de pontas arredondadas e permitia que eu recortasse figuras de resistas que ela havia guardado. Certa vez,

quando cortei fora o campanário de uma igreja, ela disse com ternura: “Você precisa contornar as bordas com cuidado, par5a não estragar as belas figuras.”

Quando via que eu estava ficando cansada, ela buscava ema bala de hortelã ou uma maça e dizia que pedisse a Christina para colocá-la na prateleira para mim, até à hora da refeição. Jamais pensávamos em beliscar qualquer coisa entre as refeições. “Depois disso”, dizia ela, “volte para darmos uma caminhada em volta do quarteirão.” Creta vez nos perdemos e, como não nos comunicávamos em francês, alemão ou italiano, chegamos tarde para o almoço.

Nuca me esquecerei da surra que meu pai me aplicou, por eu ter despejado uma caixa de pedras para construção sobre o piso de ladrinhos, depois de ter prometido ficar quieta durante uma reunião de comissão. Vovó, vendo minhas lagrimas, colocou-me em seu colo e me consolou. Explicou que nunca mais deveria fazer barulho durante uma reunião.

Ficamos dois anos na Suíça. Mamãe trabalhava longas horas no escritório e contraiu tuberculose. Quando vovó retornou para a América do Norte, nossa família voltou com ela. Fomos morar em Boulder, Colorado, esperando que o ar fresco e a luz solar propiciassem restabelecimento de mamãe. Mais sofremos um desapontamento e tivemos de deixa-la repousando ao lado do vovô Tiago White, no Cemitério Oak Hill, em Battle Creek, Michigan.

Vovó abriu para nós o seu coração e seu lar. Mas quando ficou decidido que ala precisava ir a Austrália para ajudar os missionários, e que nosso pai iria com ela, compramos uma casinha nos subúrbios da cidade e providenciamos para que a Srta. Mary Mortensen cuidasse de nós. Mary havia acompanhado nossa mãe durante sua ultima enfermidade; ela nos amava e nós a amávamos.

- Por que não podemos ir com você, papai?

Ternamente ele respondeu:

- Vovó e eu devemos viajar bastante e talvez não tenhamos nossa própria casa por algum tempo. Além disso, não há uma escola da igreja para vocês frequentarem. Aqui em Battle Creek, Mabel pode ir ao Jardim da Infância com os órfãos de quem o Dr. Kellogg esta cuidando; e você terá o privilegio de ser aluna da primeira e, por enquanto, única escola adventista do sétimo dia em todo o mundo. Quatro longos anos passaram. Então, certo dia, abrimos uma carta de papai, vinda da Austrália:

“Queridas filhas: Encontrei uma amável jovem que concordou em ajudar-me a formar um novo lar. Ela será mãe para vocês e podemos ficar juntos novamente. O Pastor E. R. Palmer esta vindo para a Austrália a fim de organizar a obra da colportagem aqui; tomamos as providencias para que vocês venham junto. Ele e sua esposa cuidarão de vocês, para que cheguem em segurança.”

Choramos por ter que deixar nossa querida Mary, que havia sido tão boa para nós; mas a viagem para a Austrália nos reservava muitas emoções, e fizemos escalas em Honolulu, Samoa e Auckland.

Papai, May Lucey, que seria nossa nova mãe, vovó e sua secretaria estavam viajando, visitando igrejas em Vitoria e na Tasmânia quando chegamos ao nosso novo lar, e por isso a mesa das refeições estava reduzida. Mas, se me lembro corretamente, estava posta para dez pessoas. Fiquei encantada por conhecer Edith, uma garota de catorze anos, um ano mais velha do que eu, sentada ao meu lado. Do outro lado da mesa, junto com minha irmã, estava Nattie, uns dois anos mais velha que Mabel. Logicamente queríamos saber por que Edith e Nettie estavam ali e se morariam conosco na casa da vovó.

Edith explicou:

- Quando sua avó ficou sabendo que meu pai estava com dificuldades para cuidar de mim e do meu irmão e ao mesmo tempo trabalhar, ela me procurou. “Edith”, disse ela, “você não gostaria de ser minha menina por algum tempo?” Ela parecia ser tão bondosa, que eu disse: “Sim.” E aqui estou.

- E ela nos procurou também – disse a mãe de Nettie, uma baixinha, não muito maior do que a própria Nettie. – Viemos da Escócia depois que o pai de Nettie faleceu. Mandei buscar minha Irma e minha outra filha, mas o navio delas se perdeu no mar. Por isso, Nettie e eu estamos sozinhas em Sydney. Abri uma casa de confecções, mais as coisa não foram bem. Ficamos sabendo sobre o

sábado e decidimos guardá-lo. Enquanto tentava decidir se fechava minha loja ou continuava com ela, sua avó veio e me disse: “Irmã Hamilton, a senhora e Nettie não gostariam de vir morar comigo? Dentro de pouco tempo minhas duas netas estarão chegando da América do Norte e precisarei de uma governanta para elas. A senhora também pode ajudar-me costurando para meus auxiliares.”

Numa das extremidades da mesa estava um rapaz de dezessete anos, chamado Willie MacCann. Willie era o mais velho de nove irmãos. Depois que seus pais assistiram às palestras sobre a Bíblia, decidiram obedecer a Deus e guardar o sábado. Por isso, o pai de Willie havia perdido um emprego muito bem remunerado e precisou depender de trabalhos avulsos para manter a família. Durante aquele período de aperto financeiro, era difícil encontrar trabalho. Quando vovó soube que a família estava passando necessidade, comprou cinqüenta dólares em comida e levou os produtos à casa deles.

Enquanto ela conversava e orava com os pais, encorajando-os a permanecer firmes a despeito das dificuldades, Willie entro na sala.

- Você não gostaria de ser meu jardineiro? – perguntou ela. – Poderá cuidar também do cavalo, da vaca e das galinhas, arrancar as ervas daninhas do jardim e fazer outras tarefas ao redor da casa.

Willie ficou encantado. Vovó pagava para ele o suficiente para impedir que a sua família passasse privações, até que seu pai conseguisse um emprego.

Atuando como o responsável pela casa na ausência de meu pai, estava um senhor de uns trinta e cinco anos, que andava longe de casa e em dificuldades financeiras. Era inteligente e consciencioso, e assim vovó confiou-lhe a atribuição de cuidar da contabilidade da casa. Emily Campbell, uma das auxiliares de vovó, fazia as vezes de dona da casa.

Enquanto comíamos, Anno e Ulrickentroi para servir a mesa. Ela sempre se recusava a comer junto com a família porque era assim que as domesticas procediam na Alemanha, de onde ela viera. Enquanto tirávamos a mesa e lavávamos a louça, a Srs. Hamilton nos contou a história de Annie.

- Ela assistiu a mesma serie de palestra Bíblica da qual Nettie e eu participamos, e resolveu, assim como nós também, que a coisa mais importante era obedecer a Deus. Os pais dela ficaram tão irados quando ela deixou sua igreja e se tornou Adventista, que a expulsaram. Sua avó nos disse: “Annie esta completamente sozinha no mundo; precisamos arranjar um lugar para ela em nossa casa.” Assim, convidou Annie para ser cozinheira. Annie havia sido arrumadeira na Alemanha e não sabia nada de cozinha antes; mas está aprendendo rapidamente agora.

Naquela tarde, Marian Davis, assistente literária de vovó, levou Mabel e eu para seu quarto.

- Sua avó esta escrevendo um livro sobre a vida de Cristo – disse ela. – Estas páginas datilografadas, espalhadas pelo chão, vão entrar num dos capítulos. Passei meses lendo os sermões de sua avó, os quais forma anotados em taquigrafia enquanto ela falava. Também examinei centenas de paginas de artigos, diários e cartas; e copiei as mais belas coisas ali escritas acerca de Jesus. Agora estou juntando essas seleções para completar os capítulos que ela esta escrevendo. Isso lhe economiza muito tempo. Quando ela voltar da viagem, vai revisar esses capítulos e fazer as alterações e os acréscimos.

Quando a Sra. Davis terminou de reunir as melhores coisas que vovó tinha escrito sobres a vida de Jesus, havia mais material do que podia ser colocado num livro. Com os capítulos que vovó tinha escrito especialmente para o livro, havia material suficiente para três volumes: O Desejado de todas a Nações, Parábolas de Jesus e O Maior Discurso de Cristo, além de textos que sobraram para fazer parte de A Ciência do Bom Viver. Em algum momento, vovó havia escrito ou falado tudo o que ajudou, separando o material em capítulos e verificando se haviam sido copiados corretamente.

Quando o grupo retornou da Viagem, a mesa se estendeu por quase todo o comprimento da sala de jantar. Vovó sempre teve uma família grande. Havia os seus ajudantes regulares, que anotavam suas entrevistas e sermões e que copiavam e duplicavam cartas e artigos. Além desses, normalmente havia em sua casa entre uni e seis meninos e meninas a quem ela servia de mãe. Quando ela ficava

sabendo de alguma pessoa enferma, desanimada ou infeliz, a pergunta era se haveria lugar a mesa para outro prato ou um cantinho em algum lugar da casa para um colchão a mais.

Aproximadamente um ano depois que Mabel e eu chegamos à Austrália, a Associação adquiriu uma propriedade de l.5OO acres de mata, na qual se estabeleceria a escola australasiana, Vovó comprou um lote anexo e foi a Cooranbong para supervisionar a limpeza do terreno, o plantio do pomar e do jardim e a construção da sua casa. Tive a honra de ir junto, como acompanhante.

Nessa época, vovó tinha sessenta e oito anos deidade. Ela e eu moramos juntas numa grande tenda.Ali por perto estava outra barraca para os trabalhadores e uma terceira que servia de refeitório, com o lugar para a cozinha nos fundos. Muitas vezes, de manhã bem cedo, eu afastava a Cortina que separava meu cantinho do da vovó na tenda e espiava para vê-la sentada na cama, apoiada em travesseiros, ou na sua poltrona com um suporte diante de si, escrevendo a luz da lâmpada de querosene.

Para economizar o tempo dos homens que construíam sua casa em Avondale, vovó ia ela mesma as serrarias para encomendar o material necessário, e logicamente eu ia junto. `

Sua primeira preocupação depois de construir a casa for mandar cortar algumas arvores grandes para usar o terreno como jardim_ Eu gostava de observar as seis juntas de bois arando a terra. Era preciso gritar e estalar o chicote para estimular Snowball, Strawberry e Tenderfoot a fazerem sua parte.

Quando vovó conduzia sua charrete de dois cavalos pelo Campo, eu a acompanhava muitas vezes. Num viveiro de plantas, ela escolheu as mudas de arvore para o seu pomar. O proprietário perguntou:

- A senhora gostaria que eu lhe mostrasse como devem ser plantadas?

- Deixe-me primeiro dizer como pretendo que o trabalho seja feito - respondeu ela com um sorriso. - Vou mandar que os meus empregados cavem um buraco bem fundo e nele coloquem terra boa, depois algumas pedras granules, depois mais terra fértil. Depois disso, eles vão acrescentar camadas alternadas de terra e fertilizante, ate que o buraco esteja cheio, para então introduzir as árvores.

- É obvio que a senhora não precisa de lição sobre como plantar árvores - disse ele.

Um ano depois de plantados os pessegueiros de três anos de idade, eles produziram as mais deliciosas frutas que já provei. Vovó também plantou uvas, abricós, nectarinas e ameixas.

Pouco tempo depois, papal também mandou construir nossa casinha do outro lado da rua, na

frente da "Sunnyside" [Canto Ensolarado], como se chamava a Casa da vovó. Durante a estação das frutas, frequentemente ouvíamos uma batida a porta na hora do desjejum. Vovó entrava Carregando uma cesta de pêssegos ainda cobertos de orvalho, colhidos em seu pomar. Ela escolhia um pêssego rosado e o colocava sobre o prato da mamãe, depois dava a volta à mesa, deixando um pêssego em cada prato. "Traga uma travessa, May", dizia ela, Mamãe pegava uma travessa e vovó esvaziava a cesta de pêssegos sobre ela, Depois, desejando-nos bom apetite, retomava para colher mais uma cesta para sua própria família.

Certa vez, vovó e eu saímos a procura de uma vaca para comprar Era a hora da ordenha quando chegamos a fazenda. Como gostava muito de animais, Vovó não se agradou da forma como a ordenha era feita nas fazendas daquela região do país.Ela disse ao fazendeiro: "Se o senhor der um pouco de grãos para a vaca comer enquanto tira o leite, e lidar com ela gentilmente, falado-lhe de maneira calma, não precisara amarrar-lhe as patas. Ela aprenderá a ficar quieta na hora da ordenha e se sentira muito mais confortável e a vontade."

Levamos para casa uma vaca Chamada Molly e a colocamos no pasto da propriedade da vovó. Todas as tardes íamos juntas buscá-la para a ordenha. Caminhávamos pela trilha no bosque de eucaliptos,procurando ouvir o soninho preso ao pescoço de Molly Quando o ouvíamos, eu pulava sobre os troncos e arbustos, agitando uma vara, enquanto vovó ficava na estradinha chamando: "Ei, Molly! Ei, Molly! "Depois íamos juntas para casa, conduzindo a vaca a nossa frente.

Um dia, quando Molly estava mugindo com saudade do seu bezerrinho, vi que vovó colocou o braço ao redor do pescoço dela e disse a saudosa mãe o quanto sentia por ela.

Independentemente do lugar onde morássemos,se houvesse algum animal doméstico por perto, vovó fazia amizade com ele. Assim que os pés dela tocavam o Chão do potreiro, o pônei relinchava boas-vindas e estendia o pescoço para o afago que ele já sabia que receberia, Vovó não suportava veros animais sendo maltratados porque, dizia ela,“eles não podem contar-nos os seus sofrimentos”.

Uma vez, quando eu a acompanhava na carruagem, vimos um homem espancando uma égua magrinha que tentava puxar uma carroça muito Carregada, colina acima:

- Sara - disse ela - pare _a carruagem!

Depois, começou a falar com o homem.

- O senhor perdeu o juízo? Não vê que essa pobre criatura esta fazendo o seu melhor?

Por estranho que parecesse, o homem desculpou-se, tirou a metade da Carga, empilhou-a ao lado da estrada e disse que faria duas Viagens

Muitas vezes cantávamos ao andar pelas estradas do interior. Mas o que mais gosto de recordar e as vezes em que me sentava ao lado da vovó na frente da lareira, enquanto nos contava histórias do tempo em que ela e vovô viajavam e labutavam para edificar uma igreja forte.

....

2

Tarefa para uma adolescente

- **E**llen! Você esta doente?

Não houve resposta._

- Será que ela desmaiou? Ou estaria...

Ansiosamente, quatro mulheres se curvaram sobre o corpo imóvel de uma garota de dezessete anos de idade.

- Ela não esta respirando!

- Mas posso sentir seu pulso.

- Há sinais de vida. Os olhos estão abertos mas ela não parece ver-nos.

As quatro mulheres esperavam e se espantavam mas não tinham motivos para alarme. Ellen se encontrava Completamente sob o controle de Deus. Naquele momento, ela não as via; tampouco Ouvia o que estavam dizendo. Ela prestava atenção ao Anjo que lhe falava, e contemplava uma cena que passava diante de seus olhos como um filme. Estava tendo uma visão celestial.

Ellen Harmon estava visitando o lar de uma amiga,e orando junto com outras quatro mulheres.Aproximadamente dois meses antes, pessoas de muitas credos, chamadas Adventistas por causa de Sua crença na Segunda vinda, haviam ficado desapontadas porque Jesus deixara de retornar a Terra na data estabelecida por elas, Muitos pequenos grupos como aquele haviam estado estudando a Bíblia juntos e orando para que Deus lhes mostrasse onde haviam cometido o erro de interpretação das profecias.

O Salvador olhava amoravelmente para aquelas pessoas de coração quebrantado que haviam estado tão seguras de Seu retorno naquele dia de outubro de 1844, a fim de levá-las para o Céu. Agora Ele enviara Seu anjo para garantir-lhes, através daquela visão que Ele realmente viria para buscá-las, só que não ainda. Precisariam esperar pacientemente por mais algum tempo.

Qual for a cena que Ellen viu? Em sua visão, como a descreveu mais tarde, ela parecia estar se elevando cada vez mais alto. Virou-se para ver seus amigos adventistas, mas não conseguiu vê-los. Um Anjo lhe disse: “Olha novamente, e olha um pouco mais para cima,” Ela fez isso e viu o povo do advento andando por um caminho estreito, bem acimado mundo, na direção da Cidade Santa, na extremidade do caminho. Jesus os conduzia, e aqueles que conservavam os olhos fixos nEle estavam Seguros. Uma luz que brilhava no inicio do caminho iluminava toda a sua extensão, para impedir que tropeçassem. O anjo que havia vindo para mostrar essas coisas a Ellen disse que aquilo era o “clamor da meia-noite.

O “clamor da meia-noite” era uma expressão muito usada durante o verão de 1844. Veio da parábola de Jesus sobre as dez virgens, na qual se ouviu a meia-noite um clamor: “Eis ai o noivo; sai-lhe ao encontro!" As virgens representam a igreja expectante, e o clamor a meia-noite era a proclamação de que Jesus estava voltando, Era um apelo para que as pessoas se preparassem para recebê-Lo.Assim, naquela época, quando as pessoas falavam do clamor da meia-noite, referiam-se ao grande despertamento, quando centenas de ministros, em muitas partes do mundo, anunciaram as pessoas que Jesus voltaria no outono de 1844.

Em sua Visão, Ellen viu que alguns dos Viajantes se cansavam pelo caminho. Diziam que a cidade ficava longe demais e que esperavam já ter entrado nela antes Então Jesus erguia Seu braço direito, e uma luz incidia sobre o grupo de peregrinos.

Alguns rejeitaram a luz, dizendo que não fora Deus quem os havia conduzido ate ali. Para esses,a luz se apagou, deixando-lhes os pés na escuridão, e eles tropeçaram, perderam a Jesus de vista e caíram do caminho para baixo, Muitos Viajantes, entretanto, prosseguiram pela trilha celestial. Em suas testas estava escrito “Deus” e “Nova Jerusalém".

Eles ouviram a Voz de Deus anunciando o dia e a hora da Volta de Jesus, e viram uma pequena nuvem negra no céu. Silenciosamente, observaram enquanto a nuvem se aproximava da Terra, tornando-se mais brilhante e gloriosa, are parecer como logo, Ao seu redor havia anjos e sobre ela, um arco-íris. Os anjos cantavam a mais bela musica que alguém já ouviu.

E lá, sentado sobre a nuvem, estava Jesus com muitas coroas sobre a cabeça. Na mão direita, segurava uma foice aguda, e na esquerda, uma trombeta de prata. Enquanto as pessoas contemplavam a gloriosa cena, seus rostos se tornaram pálidos. Parecia que os olhos dEle, como chama de logo, lhes perscrutavam o intimo. Com temor, exclamavam:

“Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?"

Os anjos pararam de cantar e seguiu-se um momento de silêncio. Então Jesus falou: “Aqueles que tem mãos limpas e Coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta.” Diante dessas palavras, iluminou-se o rosto das pessoas que O esperavam, Os anjos cantaram novamente, enquanto a nuvem se aproximava da Terra.

Quando terminou a Visão, Ellen contou a suas amigas o que havia visto e elas ficaram emocionadas. Ela estava feliz, pois achou que havia cumprido seu dever. Uma semana mais tarde, entretanto, o anjo que lhe falara na Visão apareceu de novo, dizendo que ela precisava contar aos outros o que havia visto.

O grupo de adventistas em Portland se reunia muitas vezes na casa dela para orar e estudar a Bíblia. O líder do grupo solicitou a Ellen que relatasse a Visão na reunião seguinte, mas ela temeu que não acreditassem naquilo que lhes contaria Ao invés de ir a reunião, ela foi de trenó a casa de uma amiga, a 6,5 quilômetros de distancia.

Lá, num quarto do piso superior, ela passou o dia inteiro orando para que Deus a liberasse de

contar a Visão. Mas se sentia infeliz, pois sabia que Jesus não estava satisfeito com ela. Mesmo enquanto orava, sentia-se sozinha e temerosa, quase abandonada por Deus, Por fim, perto do anoitecer, ela se rendeu e prometeu que daria a mensagem.

Quando ela chegou a reunião de oração, as pessoas já haviam ido embora. Mas no encontro seguinte, Ellen lhes relatou a visão e ficou grandemente surpresa ao perceber que todos a ouviam com alegria. Ficaram felizes, pois agora tinham a certeza de que Jesus ainda os conduzia e de que o clamor da meia-noite era uma luz brilhante que iluminaria todo o caminho rumo ao Céu. E começaram a ver seu erro em concluir que a purificação do santuário significava que Jesus estaria voltando a Terra naquele tempo.

Certo dia, o pai de Ellen perguntou:

- Por que Você anda tão abatida? Qual e o problema?

Sem erguer os olhos, ela respondeu:

- O senhor sabe, papai, que Deus me pediu que contasse aos outros aquilo que Ele me mostrou. Porque escolheria Ele alguém tão débil como eu para realizar esse trabalho tão grande? Como e que Vou sair de casa e Viajar de um lugar para outro? Quem dera que o senhor pudesse ir comigo! Mas sei que o senhor não pode deixar seu trabalho de lado.

O Sr. Hannon era um homem pobre e sustentava a família fazendo chapéus.

- Sara pode ir com Você - respondeu ele, encorajando-a- Sara era sua irmã mais Velha.

- Como podem duas garotas Viajar de uma cidade para outra? - perguntou Ellen. - Quem pagaria nossa passagem? Quem marcaria as reuniões para nós? E se o povo se reunisse, como poderia eu captar-lhes a atenção para que me ouvissem? As pessoas somente iriam rir de mim.

As dificuldades pareciam muito grandes.

Com apenas nove anos de idade, Ellen havia sido gravemente ferida num acidente Sua cabeça fora machucada e seu nariz quebrado, dificultando muito a respiração, Por três semanas ela permaneceu inconsciente e durante muitos anos ainda sofreu os efeitos daquele acidente. Seus pulmões ficaram tão fracos que lhe era dolorido respirar. Muitas Vezes precisou ser apoiada em travesseiros a noite para conseguir respirar melhor. Seu coração também ficou fraco. O medico da família disse que ela Viveria uns três meses, provavelmente nem tanto.

Enquanto Ellen falava das dificuldades a sua frente, seu pai abraçou-a e disse com ternura:

- Ellen, se Deus a chamou para realizar uma obra, Ele lhe clara forcas suficientes para executá-la e abrirá o caminho para que Você comece. Oraremos por você em nossa reunião desta noite.

Deus enviou uma benção especial enquanto oravam por Ellen. Ela sentiu-se encorajada e dis-

posta a ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa, se tão-somente pudesse contar com o sorriso de Jesus.

Um ou dois dias mais tarde, o cunhado de Ellen,que morava numa cidadezinha 48 quilômetros ao norte dali, chegou de trenó.

-Você Vem comigo, Ellen? - perguntou ele.- Mary quer que Você vá Visitá-la.

Ellen sentiu que Deus lhe abria o caminho para que ela desse a Sua mensagem, e achou que deveria ir. Era o auge do inverno no Norte da Nova Inglaterra. Carla respiração em meio aquele ar gelado lhe causava dor nos pulmões. Mas ela se agasalhou bem e, sentada no Irene, puxou um pesado manto de pelo de búfalo sobre a cabeça.

Quando chegaram, sua irmã disse:

- Que bom que Você Veio! Haverá uma reunião hoje a noite em MacGuire’s Hill. Você Vai com agente?

Naquela época, os adventistas não possuíam igrejas próprias. Quando Ellen chegou ao local do encontro, Viu um amplo salão cheio de gente ansiosa por ouvi-la descrever a Visão. Mas quando ela se levantou para falar, sua Voz estava tão fraca e rouca, que mal podia ser ouvida, Durante cinco minutos ela tentou, enquanto os ouvintes se inclinavam para captar-lhe as palavras sussurradas.

Então, de repente, para surpresa de todos, a Voz dela mudou, Soava clara como um sino. Ela falou durante duas horas, descrevendo a Viagem do povo de Deus rumo a Cidade Santa, a vinda de

Jesus e o lar celestial. Muitas lagrimas foram derramadas,mas eram lagrimas de alegria, Todos os corações se alegraram. Quando Ellen se sentou e tentou falar com as pessoas mais próximas, sua Voz estava rouca como antes, e ela conseguia somente sussurrar.

Algumas pessoas tem perguntado por que Deus escolheu uma pessoa tão frágil para transmitir Suas mensagens ao povo. Havia uma razão. Quando aqueles adventistas observaram Ellen colocar-se em pé e tentar, em sua debilidade, fazer-se ouvir, e depois quando o poder de Deus Veio sobre ela, capacitando-a a falar claramente. Viram que ela não fazia aquilo sozinha - Deus a estava ajudando.

Naquela noite, ao dispersar-se o grupo, houve brados de alegria: "Estamos indo para o lar! Vamos rumo ao lar!" Alguns que observavam os amigos de Ellen amparando-a e colocando-a dentro do trenó,pensaram nas palavras do apostolo Paulo: "Deus escolheu... as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; a fim de que ninguém se Vanglorie na presença de Deus".

Durante a reunião, um jovem chamado Hazen Foss ficou escutando do lado de fora da porta. Votando-se para um amigo, disse: "Essa Visão e muito parecida com a que Deus me deu". Seus amigos conheciam sua triste historia. Duas Vezes lhe fora dada a Visão, e duas Vezes ele se recusara a contá-la. Então Deus lhe disse que ele estava liberado da tarefa, e que ela seria dada a um dos mais fracos filhos de Deus.

Isso o deixou assustado. Ele reuniu o povo, mas quando começou a falar, não conseguiu lembrar-se de uma só palavra.

- Deus tirou de mim a Visão! - exclamou ele. -Sou um homem perdido! - E saiu correndo

Um dia depois de ouvir Ellen falar, ele foi Vê-la na casa da Irmã dela.

- Quero falar com Você- disse ele. - O Senhor me deu uma mensagem para o Seu povo, e eu me recusei a transmiti-la, Ontem a noite eu a ouvi falar. Não se recuse a obedecer a Deus, Seja fiel ao realizar a obra que Ele lhe dá; Você recebera a coroa que eu poderia ter Lido.

Ele aprendera tarde demais que e terrível dizer "não" a Deus.

Certa ocasião, Deus deu a Ellen uma urgente mensagem para os crentes em Portsmouth. O trajeto requeria uma Viagem de trem, mas não havia dinheiro para a passagem. Apesar desse fato, Sara e Ellen prepararam-se para ir, confiando que o Senhor abriria o Caminho.

Vestiram-se para a Viagem e estavam para sair de casa e percorrer a pé a curta distancia ate a estação,quando Ellen olhou pela janela e Viu um homem a quem conhecia, cavalgando rapidamente na direção do portão. Seu cavalo estava coberto de suor. O homem correu na direção da casa e perguntou:

- Alguém aqui esta precisando de dinheiro?

Senti a forte impressão de que alguém aqui precisa de dinheiro.

As jovens contaram-lhe rapidamente que estavam indo a Portsmouth, atendendo a um mandado de Deus, mas não tinham dinheiro para a passagem. Ele lhes deu o dinheiro para o bilhete de ida e Volta.

- Sentem-se na minha charrete, e as levarei ate a estação - disse ele.

A caminho da estação, aquele senhor lhes contou que o cavalo quis percorrer tão rapidamente os quase vinte quilômetros desde sua casa, que ele teve dificuldade em impedir que o animal galopasse o caminho todo. Ellen e Sara haviam acabado de ocupar seus lugares no trem, quando este partiu. Estavam a caminho.

Ellen Harmon, que mais tarde se tornou minha avó, estava iniciando a obra de sua vida. Nunca hesitou quando Deus lhe confiava uma incumbência.A despeito de aparentes impossibilidades as Vezes,ela sabia que Deus tomaria as providencias.

3
A trama que não Deu certo

Ao entrar em casa, certo dia, Sara perguntou a sua mãe:

- Quem e aquele homem que esta conversando com papai na sala?

- E Otis Nichols, um adventista de Dorchester, Massachusetts. Ele quer que você e Ellen passem alguns dias em sua casa, Dois homens que se auto-proclamam pregadores estão ensinando doutrinas estranhas que tem confundido e desanimado alguns crentes por lá. Ele deseja que ouçam Ellen relatando Suas visões para, se possível, colocar um fim aos seus ensinos fanáticos.

Quando o Sr. Nichols voltou para casa, Sara e Ellen foram com ele. Pouco depois de sua chegada, dois homens, o Sr. Sargent e o Sr. Robbins, apareceram para falar sobre um assunto de negócios.Quando terminaram a conversa, disseram ao Sr. Nichols:

- Vamos pernoitar aqui, se o senhor não se importar.

- Sem problemas; podem ficar – o Sr. Nichols respondeu. - As irmãs Harmon também estão aqui, e vocês terão a oportunidade de conhecê-las.

O Sr. Sargent olhou para o Sr, Robbins, e o Sr. Robbins olhou para o Sr. Sargent, De repente, ambos concluíram que precisavam voltar correndo para Boston.

O Sr. Nichols ficou desapontado.

- Que penal - disse ele. - Mas vocês terão a oportunidade de vê-las em Boston. Estamos planejando levar a irmã Ellen conosco para falar ao grupo no dia do culto.

Quando ele disse “dia do culto", realmente queria dizer domingo, pois ainda não compreendiam que o domingo não era o dia de repouso.

- Esta certo - os homens responderam – vamos espalhar a noticia de que a Srta. Harmon Vai falar em Boston no domingo, e encontraremos vocês por lá.

Naquela noite, durante o culto familiar, numa silenciosa visão que durou apenas um momento,foi mostrado a Ellen que ela não deveria ir a Bostonno domingo, mas sim a Randolph, uma cidadezinha que ficava 16 quilômetros ao sul de Boston.

Quando ela contou ao Sr. Nichols, ele protestou:

- Não podemos ir a Randolph. Prometi aos homens que nos veríamos em Boston. Como posso quebrar minha palavra?

- Tudo se arranjara - Ellen respondeu. – Deus me mostrou que devemos ir a Randolph. Entenderemos tudo quando chegamos lá.

Depois de sair da casa do Sr, Nichols, os dois homens anunciaram que não haveria reunião naquela semana em Boston; que todos os crentes deveriam reunir-se em Randolph. Acharam que estavam aplicando uma peça em Ellen Harmon. Ela encontraria um salão vazio em Boston, enquanto as pessoas a quem ela esperava falar estariam em Randolph, ouvindo a pregação deles.

De acordo com o anuncio, no domingo de manhã os dois homens se reuniram com os crentes adventistas na casa da família Thayer, em Randolph. Estavam muito satisfeitos consigo mesmos por terem sido mais espertos que o Sr. e Sra. Nichols e as irmãs Harmon, O Sr. Sargent, que falava mais, andava dizendo as pessoas que já se havia encerrado o tempo em que os cristãos deveriam trabalhar.

Dizia ele: "Irmãos, estamos no ano do jubileu,quando todo homem deve repousar,” Mas ele não sabia o que dizer acerca das mulheres, que precisavam cozinhar, limpar a casa e cortar lenha enquanto seus maridos descansavam. Esses homens estavam espalhando seus ensinos fanáticos por toda parte. Pessoas de discernimento perguntavam:

"Como podemos viver desse jeito? Como vamos sustentar nossas famílias?" Os dois homens respondiam: “Que os ricos vendam suas propriedade se deem os recursos aos pobres. Assim ninguém terá necessidade de trabalhar.”

Naquele dia, em particular, o Sr. Sargent estava pregando essa estranha doutrina. Depois começou a falar sobre as visões.

- Vocês já ouviram falar das visões de Ellen Harmon- disse ele. –Não lhes deem atenção, porque São do diabo.

Ouviu-se então uma batida a porta. Entrou a família Nichols com Sara e Ellen Harmon. Sargent parou no meio de uma frase, surpreso demais para continuar falando. Abruptamente, voltou-se para o Sr. Robbins e pediu-lhe que anunciasse o ultimo hino.

- Depois do almoço, reunimo-nos outra vez -disse ele.

As pessoas almoçaram rapidamente e voltaram para o salão, curiosas para ver o que aconteceria a seguir.

Durante a Oração inicial, o Espirito do Senhor tomou Ellen em visão. Isso desagradou a Sargent e Robbins. Era a ultima coisa que eles queriam que o povo presenciasse, pois sabiam que Ellen se o opunha a seus estranhos ensinos. Todos os olhos se fixavam na jovem que estava tendo a Visão. Ocasionalmente ela falava palavras de conforto e esperança.

Algo precisa ser feito para desviar s atenção que as pessoas estão dedicando a ela, foio que pensou o Sr. Robbins. Ele se colocou em pé e anunciou um hino, mas poucas pessoas cantaram junto com os dois homens. O Sr. Sargent tomou sua Bíblia e começou a ler em voz alta, num esforço por abafar a voz de Ellen.

“O senhor faça o favor de parar de cantar e ler,” veio o pedido do auditório, “Queremos ouvir o que a irmã Ellen esta dizendo.”

Era justamente isso o que os dois homens não queriam. Continuaram gritando e cantando are ficarem roucos, enquanto suas mãos tremiam a ponto de mal poderem segurar os livros. Mas a Voz de Ellen, que parecia estar conversando com alguém na visão, soava de modo claro e distinto, Cada palavra podia ser ouvida.

Todos, naquele salão, viam que ela se encontrava sob o Controle de um poder divino. Observavam seus movimentos discretos e notavam que ela não respirava, mesmo enquanto repetia ao grupo de ouvintes as frases que lhe eram proferidas em visão.

As pessoas cochichavam:

- A mensagem dela não pode ser do demônio; é tão cheia de alegria, do conforto e amor de Deus!

- Suas palavras soam como uma voz do Céu.

- Com certeza esses homens andam contando mentiras.

- Essa visão nos faz recordar as visões que Deus concedeu aos Seus profetas nos tempos bíblicos.

O Sr. Thayer colocou-se em pé.

- Ouvi dizer que as visões provenientes de Satanás podem ser interrompidas se for colocada uma Bíblia aberta sobre a pessoa que esta tendo a visão.

Sr. Sargent, pode fazer o teste?

O Sr, Sargent se recusou.

Naquele momento, Ellen estava descansando sentada numa cadeira a um canto da sala, apoiando-se contra a parede. O Sr. Thayer ergueu uma grande Bíblia da família de sobre a mesa e colocou-a sobre o peito dela.

Imediatamente Ellen levantou a Bíblia com uma só mão. Encaminhou-se ao Centro da sala, ergueu a Bíblia acima de sua cabeça e exclamou:

- O inspirado testemunho de Deus!

Durante uma hora, segurou aquela pesada Bíblia com uma só mão, acima da cabeça, e virava as paginas com a outra mão. Com os olhos afastados do livro, apontava com o dedo os próprios versículos que ia repetindo.

- Vamos ver se ela os esta citando corretamente- sugeriu alguém.

Colocando uma cadeira ao lado de Ellen, o homem subiu para poder olhar o texto bíblico. Surpreso, exclamou:

- A irmã Ellen esta virando as paginas e apontando com o dedo os textos exatos que esta proferindo. Sem olhar, ela os aponta corretamente!

Outros também subiram na cadeira para poderem ver por si mesmos, e diziam, espantados:

- Isso é maravilhoso! Ela não esta vendo as passagens com seus olhos naturais. Estão sendo mostradas para ela em visão.

As palavras que ela proferiu trouxeram esperança ao povo. Todos puderam ver que Deus lhes falava por intermédio de Sua débil e humilde mensageira.

Apos algum tempo, Ellen referiu-se a textos que descreviam o castigo dos ímpios no juízo. Diante disso, o Sr. Sargent e o Sr. Robbins se perturbaram e ficaram em silencio O que fariam agora? O grupo esperava - aguardava, expectante. Confessariam eles o seu pecado? Mas eles eram orgulhosos demais. Apos o encerramento da reunião,saíram sem

admitir que estavam errados.

O Sr. Robbins havia dito jactanciosamente a Sara Harmon que poderia fazer magica para tirar Ellen da visão. Mas ali, na presença do poder de Deus, teve medo ate mesmo de tentar levar avante sua ameaça.

Ao entardecer, acenderam-se as velas. Durante o período em que tinha estado em visão, Ellen não havia respirado nem tivera consciência de coisa alguma naquela sala, Agora, começava a respirar e aperceber as pessoas ao seu redor.

Essa foi a mais longa Visio de que se tem registro. Durou quase quatro horas.

....

4

O Jovem e Simpático Pregador

Você gostaria de saber como Ellen Harmon, minha avo, conheceu Tiago White, seu esposo? Eis a história:

Certo dia, William Jordan e sua irmã convidaram Ellen para uma viagem a Orrington, uma cidade que ficava a 240 quilômetros de distancia, na direção nordeste.

- Vamos devolver um treno e um cavalo emprestados de um jovem ministro adventista chamado Tiago White. Ele esta enfrentando problemas com alguns fanáticos. Se Você vier conosco, poderá ajudar a por as coisas em ordem.

Foi uma decisão difícil para Ellen. Seria realmente seu dever ir junto? Ela detestava encontrar-se com fanáticos. No entanto, havia prometido ir aonde o Senhor a chamasse. Ela orou e a resposta foi que se ela fosse, confiando em Deus, Ele enviaria um Anjo para mostrar-lhe o que fazer e protege-la do perigo.

Dentro de pouco tempo, os três deslizavam pela neve, ao ritmo dos sinos dos trenós e dos cascos dos cavalos. Após uma viagem que deve ter levado quase dois dias, eles chegaram ao destino no

entardecer. Exausta devido a longa jornada, Ellen prestou pouca atenção ao jovem ministro a quem foi apresentada naquela noite.

Na manhã seguinte, apos orarem juntos, os três decidiram ir com Tiago White, o jovem pastor, visitar uma família que morava perto da cidade, Tiago os levaria com o cavalo e o trenó que lhe haviam devolvido.

Quando chegaram ao local, notaram vários trenós no pátio e perguntaram:

- Está havendo alguma reunião aqui hoje?

- Não – responderam– Essas pessoas Vieram para tratar de vários assuntos.

E Ellen recordou-se da promessa de que um anjo iria com ela. Terra o anjo reunido aquelas pessoas para que pudessem ouvir a mensagem de Deus?

Todos foram convidados a ocupar a Sala da frente, e então pediram que Ellen contasse suas visões. Ela levantou-se e começou a falar, mas foi interrompida por um brado de "Glória, Aleluia". Alguns dos presentes começaram a bater palmas, a pular e gritar. Ellen parou de contar sua história e lhes dirigiu a palavra seriamente:

- Isso e jeito de cristãos agirem? Nunca li na Bíblia que Cristo e Seus discípulos tenham se comportado dessa maneira imprópria, Não deve ser Ele o nosso exemplo?

Tiago White então abriu a Bíblia e leu que Deus é um Deus de ordem, não de confusão; que o Santo Espirilo fala aos Corações com uma Voz terna e suave. Disse ele:

- Satanás os esta levando a portar-se dessa maneira para que seus vizinhos detestem o nome adventista e nunca mais desejem ouvir falar da vinda de Jesus.

Depois de certo tempo, o barulho diminuiu e Ellen continuou sua história.

Daquela casa, o grupo saiu para visitar outras famílias, e durante as semanas seguintes realizaram reuniões em varias cidades próximas. Por vezes encontravam pessoas com idéias estranhas. Um homem estava pregando que Jesus já havia retomado a Terra, ressuscitado os mortos e ascendido ao Céu com eles.

- O senhor não sabe - perguntou Ellen – que quando Jesus voltar em poder e glória, a trombeta

de Deus soara ao redor do mundo, os santos adormecidos se erguerão para a vida e aqueles que estiverem vivos serão transformados e arrebatados junto com eles para encontrar o Senhor nos ares? Já aconteceu isso? O senhor ainda não Viu Cristo voltando com poder e glória.

Algumas pessoas acreditavam ser sua obrigação fazer longas Viagens a pé, a fim de obter a salvação.Outras jejuavam, recusando-se a comer qualquer coisa durame Vários dias, insistindo ainda para que seus amigos fizessem a mesma Coisa. Alguns aceitavam qualquer idéia que lhes penetrasse a mente, como sendo do Senhor. Quando ouviam dizer que deveriam

fazer determinada coisa, corriam para fazê-la, sem parar para questionar se estavam agradando a Jesus e obedecendo as instruções dadas por Ele na Bíblia.

Numa determinada casa, a reunião já estava em andamento quando Tiago, Ellen e seus amigos chegaram. Alguém lá dentro os Viu chegando e rapidamente trancou a porta. Em nome do Senhor, Ellen abriu a porta trancada e o grupo entrou. Que cena estranha encontraram! Uma mulher estava deitada no Chão, chorando e advertindo os outros para que

não dessem ouvidos a Ellen Harmon. Ellen ajoelhou-se ao lado dela e, em nome de Jesus, repreendeu o espírito mau que a possuía. A mulher ergueu-se em silêncio e ocupou seu lugar junto com os outros. Não causou mais problemas enquanto Ellen falava ao grupo acerca de Jesus.

Dia após dia, o grupo visitava os lares apresentando as mensagens de Deus e repreendendo os fanáticos. Em muitos lugares, encontravam crentes perturbados por esses barulhentos religionistas. Um pequeno grupo de pessoas havia dado a impressão, pelos seus gritos, de que os adventistas eram uma turba arruaceira. Alguns vizinhos haviam inclusive prestado queixa deles à polícia.

A entrada da uma cidade, foram colocadas sentinelas para fazer retroceder qualquer pregador que estivesse chegando para dirigir reuniões. Mas o trenó que transportava os mensageiros do Céu passou deslizando silenciosamente pelos guardas. Mais uma vez Ellen se lembrou da promessa de

que um Anjo a acompanharia, e deu graças a Deus porque o Anjo havia fechado os olhos das sentinelas.

As últimas reuniões que eles dirigiram foram felizes. Os perturbadores haviam sido subjugados, e os mansos seguidores de Jesus agradeceram a Ellen Harmon e aos Jordan por terem percorrido uma distância tão grande a fim de ajudá-los, bem como ao seu jovem pregador, a pôr ordem nas reuniões.

Na ultima reunião em Orrington, Ellen foi informada, numa curta visão, de que sua tarefa ali

estava concluída e que ela devia retornar imediatamente a Portland, Caso contrario, estaria correndo perigo. Dois espias haviam sido vistos bisbilhotando pela janela; mas como as janelas eram altas e os crentes se encontravam ajoelhados em Oração, os homens foram embora dizendo que não havia ninguém naquela casa.

Na manha seguinte, hem cedo, Tiago White, Ellen e os irmãos Jordan entraram num barco a remo com um amigo de Tiago e remaram rio abaixo até Belfast, Lá, Ellen e os Jordan embarcaram num vapor de volta para casa, enquanto Tiago e seu amigo retornaram de barco para Orrington. Souberam que alguns oficiais haviam estado na casa onde o pregador morava, procurando por ele. Tiago e seu amigo foram presos, açoitados e lançados na prisão. Mas foram libertados quando os oficiais ficaram sabendo que eles não haviam sido de forma alguma responsáveis pelo tumulto dos quais as pessoas haviam se queixado.

Tiago não conseguiu deixar de se sentir ansioso em relação à Ellen. Ela era tão jovem e frágil, rodeada por tantos perigos! Como necessitava de alguém que a acompanhasse e protegesse! Mas, ao que parece, na época não lhe passava pela cabeça a ideia de que um dia seria seu legitimo protetor, pois nenhum dos dois pensava em casamento ainda.

A despeito disso, não foi de estranhar quando, algum tempo depois, ele propôs que ela se tornasse sua companheira de vida. Ser-lhe-ia uma alegria participar de suas provações e perigos. Ele sentia que precisavam um do outro e que poderiam realizar mais para o Senhor juntos do que separados.

- Além disso, Ellen, eu a amo. Tenho orado a respeito disto.

Ellen respeitava e admirava aquele rapaz, que era um cristão sincero. Mas antes de consentir em casar-se com ele, Ellen queria ter certeza de que sua união era da Vontade de Deus, Ela respondeu:

- Tiago, eu também vou orar para que o Senhor nos torne conhecida a Sua vontade.

Para seu deleite, enquanto orava, sentiu a impressão cada vez mais forte de que Deus queria

que trabalhassem juntos. A resposta não veio através de uma visão. O Espírito Santo lhe falou silenciosamente ao coração, assim como fala com todos os filhos de Deus que oram de maneira sincera, pedindo orientação na escolha do companheiro para a vida.

Tiago e Ellen sé se casaram depois de terem certeza de que estavam fazendo á vontade de Deus.

Entre os registros da família White, há um pequeno, mas precioso, documento: a certidão de casamento de Tiago e Ellen White, Não se tem noticia de convites impressos, presentes, damas de honra, ornamentação com flores; nem mesmo de um vaporoso vestido de noiva ou de uma lua-de-mel. Evidentemente, Tiago e Ellen eram muito pobres. Além disso, um trabalho muito importante os aguardava.Cada momento possível e cada centavo disponível precisavam ser colocados no serviço, para anunciaras boas novas da vinda de Jesus.

Tiago estava feliz, pois amava Verdadeiramente a Ellen; e Ellen se sentia feliz, pois amava a Tiago e ambos amavam a Deus.

5
O Capitão se Convenceu

- Estou achando que é hora de Visitarmos nossos amigos em Topsharn - disse Tiago White a sua jovem esposa certo dia.

Ellen gostou da sugestão, Na manhã de sexta-feira bem Cedo, Tiago atrelou o cavalo ao trenó da família e ambos partiram numa viagem de quase cinquenta quilômetros para estudar a Bíblia com seus amigos. No sábado, reuniram-se na casa da família Curtiss. Ficaram felizes por Ver entre seus velhos amigos um capitão aposentado da Marinha, chamado José Bates. Esse homem ouvira Ellen relatar suas visões, mas não tinha certeza de que eram do Senhor. Ele não acreditava em Visões modernas.

Os cristãos, naqueles dias, ouviam muito acercado "profeta" mórmon, José Smith, e acerca de AnnLee, líder dos Shakers, que alegavam ter Deus enviado um anjo para falar com eles. Mas as visões desses dois eram muito diferentes das visões dadas aos profetas de Deus nos tempos bíblicos. Seus ensinos eram contrários à Palavra de Deus.

Por causa desses erros, muitas pessoas se a cautelavam com relação aqueles que professavam ter tido visões. Diziam que Deus podia ter falado a Isaias, Daniel, João e outros profetas nos tempos bíblicos, mas que agora Ele não falava mais com Seu povo. Os pastores diziam a suas congregações que as visões do Céu eram coisa do passado.

Mas alguns estudiosos da Bíblia criam que Deus ainda falaria com Seu povo através de visões, assim como havia prometido fazer nos últimos dias. Certamente, pensavam eles, enquanto Satanás envia seus anjos para enganar os homens, Deus também enviara mensagens do Céu para advertir e guiar Sua igreja.

Durante a reunião na casa dos Curtiss, Ellen White teve uma visão e José Bates a observou atentamente. Ele era um homem sincero que queria conhecer a verdade. Um sorriso lhe iluminava o rosto enquanto ela andava pela sala, parecendo ver algo a distancia, Então ele a ouviu falando. Mas que estranho! Que espantoso! Bates mal podia acreditar nos próprios olhos e ouvidos - ela falava, mas não respirava! Em tons suaves e melodiosos, ela descrevia o que estava contemplando.

- Vejo quatro luas –disse ela. E contou que estava observando vários planetas, um deles rodeado por belos e coloridos anéis ou cinturões.

De repente, o Capitão Bates se esqueceu de que não acreditava em visões.

- Ela esta olhando para júpiter! – disse ele. – E este que ela esta descrevendo e Saturno!

Mais tarde:

- Agora, ela esta vendo Urano!

Ela não havia mencionado o nome de nenhum planeta em particular, mas José Bates, o homem domar, havia passado anos estudando o firmamento e lendo livros acerca das estrelas. E sabia sobre o que ela estava falando.

Depois de algum tempo, Ellen começou a descrever "os céus que se abriam", uma abertura para uma região gloriosa mais além, resplandecente deluz.

O Capitão Bates deu um salto.

- Como eu gostaria que o Lorde William Rosse estivesse aqui!

- Quem é o Lorde William Rosse? - Tiago White perguntou.

- É o grande astrônomo inglês– foi a entusiástica resposta – Eu gostaria que ele ouvisse essa senhora falando sobre astronomia e que ouvisse a sua descrição sobre a "abertura no céu". Isso esta além de qualquer coisa que já li sobre o assunto.

A partir de então, José Bates nunca mais duvidou de que as visões da Sra. White eram sobrenaturais;e ao comparar seus ensinos com a Bíblia, ficou convencido de que a mensagem que ela trazia não era dela mesma, e sim a Voz de Deus ao Seu povo.

Algum tempo antes dessa visão, o Capitão Bates havia tentado discutir astronomia com Ellen, mas percebera que o assunto não lhe era familiar. Ele sabia que ela estava dizendo a verdade quando afirmava nunca ter aberto um livro de astronomia. Ele também ficou impressionado com o fato de que Deus havia dado aquela visão em sua presença, a fim de que ele não mais duvidasse.

Em seu estudo das Escrituras, o Capitão Bates havia aprendido que Jesus e seus discípulos não haviam mudado o sábado cristão do sétimo dia da semana para o domingo, o primeiro dia, mas que essa mudança havia sido feita por lideres da igreja muitos anos depois da ascensão de Cristo. Ele escreveu um panfleto dando as suas razões para crer que os cristãos deveriam guardar o sábado do mandamento, mas não tinha dinheiro para pagar a publicação.

Quando parou de trabalhar no mar, vendeu seu navio por onze mil dólares. Era considerado rico para aquela época; mas agora estava pobre, pois havia gastado a sua fortuna toda para espalhar a mensagem do advento. O tipógrafo, entretanto, havia concordado em imprimir o folheto sobre o sábado e esperar o pagamento. Quando o folheto saiu do prelo, a conta foi paga por um amigo que ocultou sua identidade, e o Pastor Bates recebeu o panfleto para distribuição gratuita. Entregou um exemplar para Tiago White. (O capitão aposentado era muitas vezes chamado “Pastor Bates” porque passava muito tempo pregando e deixado estudos bíblicos.)

Tiago e Ellen o leram com muita atenção. Talvez o Pastor Bates estivesse certo! Precisavam saber exatamente o que a Bíblia dizia, pois queriam com certeza obedecer a Deus em todas as coisas.

O panfleto havia sido impresso em letras tão miúdas, que a Sra. White não conseguia lê-lo. Aquilo lhe castigou os olhos e causou dor de cabeça. Tiago lia um paragrafo em voz alta e a seguir procuravam os textos; embora o folheto fosse breve, estava repleto de versículos bíblicos. Muitas Vezes, enquanto estudavam, Tiago e Ellen se ajoelhavam e pediram que Deus lhes enviasse o Seu Espirito Santo, conforme a promessa, para guiá-los a verdade.

Seu estudo os convenceu de que Jesus nunca dissera qualquer coisa acerca da mudança do dia de repouso, do sétimo para o primeiro dia da semana. Nem Jesus nem seus discípulos haviam guardado o domingo ou ensinado as pessoas a observá-lo.

Repetidas vezes liam sobre Como Deus, após criar o mundo, havia abençoado o sétimo dia, santificando-o, e dando-o a Adão e Eva e a todos os seres humanos que vivessem no mundo; para que se lembrassem de seu poder criador. E liam os textos que declaravam o sábado como um sinal entre Deus e seu povo para sempre. Quando Tiago e Ellen compreenderam a importância do sábado, começaram a observá-lo imediatamente.

O rigoroso inverno passou e Chegou a primavera. Muitas vezes, meus avós se reuniam com os amigos em Topsham. Ellen relatou uma visão que teve no inicio daquela primavera, durante um estudo da Bíblia na casa da família Howland:

“Enquanto orávamos, o Espírito Santo desceu sobre nós. Estávamos muito felizes. Em seguida, não percebi mais as coisas terrenas e fui envolvida numa visão da glória de Deus. Um anjo me transportou da Terra para a Cidade Santa. Com Jesus,entrei no templo do Céu.

“Entrei no Lugar Santíssimo. Ali contemplei a arca de ouro. ... Jesus ergueu a cobertura da arca, e vi as tabuas de pedra sobre as quais estão escritos os Dez Mandamentos. Fiquei surpresa ao ver um suave halo de luz ao redor do quarto mandamento, chamando-me especialmente a atenção para ele e fazendo com que brilhasse mais do que os outros nove.”

A Sra. White examinou cuidadosamente para ver se o mandamento havia sido mudado. Diria ele:“Lembra-te do primeiro dia para o santificar”? Certamente, se Deus tivesse mudado o dia de repouso,teria mudado a escrita nas tabuas de pedra dentro da arca no Céu. Mas ali ainda se encontravam as palavras: “O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus", da mesma forma como haviam sido gravadas nas tabuas de pedra que Moisés deveria colocar dentro da arca do concerto.

Tiago e Eller,bem como outros adventistas, não começaram a guardar o sábado porque José Bates o ensinava, mias porque haviam aprendido essa verdade por si mesmos através do estudo cuidadoso da Bíblia. E agora Deus havia dado essa visão para assegurar-lhes que haviam entendido as Escrituras corretamente e que era seu dever obedecer ao quarto mandamento, ensinando outros a lhe obedecerem também. A Sra. White relatou por escrito a visão e a instrução do anjo.

Ele disse a Ellen que Deus tinha muitos filhos que guardavam o primeiro dia da semana porque criam que Jesus e seus discípulos haviam mudado o dia de repouso. Nestes últimos dias, quando grandes provas virão sobre a Terra, a Verdade do sábado será mais plenamente ensinada. Muitos cristãos sinceros desistirão de seu sábado criado pelo homem e começarão a guardar o dia Santo de Deus.

Algum dia, muito em breve, esse fato lhes causara grande perseguição e sofrimento. Os guardadores do sábado serão acusados de causar os problemas do mundo. Mas Jesus estará com seu povo leal e, antes da destruição final do planeta, voltara para salvá-los.

....

6
Tempestade no Mar

Certa vez, o navio no qual Tiago e Ellen viajavam enfrentou uma tempestade. Era jogado de um lado para outro e as ondas batiam contra as escotilhas. De repente, um grande candelabro espatifou-se no Chão. A louça na mesa do desjejum era jogada em todas as direções. Uma senhora caiu do seu beliche, indo parar no meio de sacolas e caixas que deslizavam pelo Chão do camarote.

- Irmã White, a senhora não esta aterrorizada?

- outra mulher perguntou. – Percebe que talvez nunca cheguemos a terra firme?

A resposta da Sra. White foi calma:

- Nada tenho a temer. Fiz de Cristo o meu refugio e, se minha obra estiver concluída, posso muito bem repousar no Fundo do oceano, tanto quanto em qualquer outro lugar. Mas se meu trabalho ainda não estiver feito, nem as águas todas do oceano poderão afogar-me. Minha confiança esta em Deus e Ele nos levará à terra firme se for para Sua glória.

Algumas mulheres começaram a confessar seus pecados e a clamar a Deus por misericórdia. Outras apelavam a Virgem Maria para que as salvasse. Uma gritou, amedrontada: “Ó Deus, se nos salvares da morte, eu Te servirei para sempre!”

Algumas horas mais tarde, o navio a vapor atracou em segurança. Enquanto os passageiros desembarcavam, a Sra. White ouviu uma mulher exclamar em tom de em tom de desdém: “Gloria a Deus! Estou feliz por pisar em terra firme outra vez!" Ela virou-se para ver quem estava falando e descobriu que era a mesma senhora que havia prometido servir ao Senhor para sempre, caso Ele lhe salvasse a vida naquele dia.

Olhando seriamente para o rosto daquela mulher, a Sra. White disse:

- Retroceda algumas horas e lembre-se de sua promessa.

A mulher virou-se com um sorriso de escárnio.

Em outra viagem de navio, a Sra. White estava contando a algumas mulheres acerca da terrível tempestade que ela e o esposo haviam enfrentado.

- Os cristãos devem estar sempre preparados para encerrar seu tempo de graça, ou por ocasião da morte ou da vinda de jesus - disse ela.

- E exatamente desse jeito que os mileritas falam - disse uma das mulheres. - Eles são as pessoas mais iludidas do mundo. No dia em que aguardavam a vinda de jesus, grupos em diferentes lugares vestiram trajes para a ascensão, foram para os cemitérios, para o telhado das Casas e para os montes, a fim de orar e cantar ate que o momento chegasse.

- Você viu alguma dessas pessoas vestida com trajes de ascensão? - a Sra. White perguntou.

- Não, eu mesma não vi, mas uma amiga que viu me contou. E o fato e tão bem conhecido por toda parte, que creio nele como se eu mesma o tivesse Visto.

- É verdade - disse outra senhora do grupo -Todos os mileritas da cidade onde eu morava vestiram trajes para a ascensão. `

Novamente a Sra. White perguntou:

- E Você os viu vestidos dessa maneira?

- Não; eu não os vi; não eram do meu bairro.

Mas correu a noticia de que todos fizeram trajes de linho branco para a ascensão e os vestiram. Todo o mundo acredita nisso.

Então a primeira mulher, percebendo o olhar de duvida no rosto da Sra. White, disse categoricamente:

- Sei que aconteceu assim. Tenho tanta certeza como se eu mesma tivesse Visio a cena.

- Bem - continuou a Sra. White - então devo crer que se tanta gente vestiu esses trajes, vocês com certeza poderão mencionar os nomes de algumas pessoas envolvidas.

- É claro - foi a confiante resposta, - Aconteceu com as irmãs Harmon, em Portland. Amigas me contaram que viram as garotas indo para o cemitério com seus trajes brancos. E depois que aquele dia terminou, as duas meninas se tornaram descrentes.

Uma das senhoras daquele grupo, tendo ouvido a conversa toda em silencio, não pôde deixar de rir.

- Talvez Vocês não saibam que estão falando com uma das irmãs Harmon - disse ela. - A senhora que esta sentada ao lado de vocês e Ellen Harmon. Ela e eu fomos colegas de escola. Conheço as irmãs Hamion desde a infância, e sei que a noticia de que elas usaram trajes para a ascensão e uma mentira. Não sou milerita, mas tenho certeza deque nunca ocorreu algo parecido.

Seguiu-se um silencio constrangedor.

- E provável que todas as histórias acerca de trajes para a ascensão sejam tão falsas quanto esta - disse a Sra. White. – O traje que devemos estar Vestindo quando Jesus retornar éo manto de um caráter puro e imaculado.

Em Suas Viagens, o casal White muitas vezes comprava bilhetes que lhes davam o direito de viajar somente nos camarotes inferiores. Essa maneira de Viajar não era confortável, mas era menos dispendiosa. Cansados de viajar e pregar, deitavam-se a noite no Chão duro ou sobre caixas de carga ou sacos de cereais, usando como travesseiros as suas acolas de viagem, e seus agasalhos como cobertas. Nas frias noites de inverno, as vezes se levantavam e caminhavam pelo convés para aquecer-se. No verão, o calor sufocante e a fumaça de tabaco os empurrava para a extremidade do navio, a fim de respirarem a brisa fresca.

Muitas vezes eu gostaria de ter perguntado ao meu avô: “Por que o senhor levava minha frágil vovozinha de um lado para outro nessas viagens costeiras e naquelas tediosas jornadas em pequenos barcos pelos canais, quando teria sido muito mais fácil ir de trem?”

Certo dia, enquanto examinava cartas antigas escritas por Tiago White, encontrei a resposta a minha pergunta:

“Geralmente vamos de navio a vapor de Boston para Portland. A passagem custa só um dólar. Se fossemos de trem, o preço da passagem seria três dólares.”

“É bem o estilo deles", pensei, enquanto lia aquela informações numa carta escrita para um irmão que viria para uma das conferencias. Aquelespioneiros sofriam todo tipo de privação a fim de economizar alguns preciosos dólares com os quais poderiam viajar um pouco mais longe e descobrir mais famílias que necessitassem da bem-aventurada esperança do retorno do Salvador.

Em algumas dessas viagens, aconteciam coisas divertidas. Certa vez, Tiago e Ellen White e o Capitão Bates estavam passando ao longo do Estado de Nova Iorque, a caminho de uma conferencia bíblica. Partiram num pequeno barco, mas depois de algum tempo viram um maior que se aproximava. Como precisassem transferir-se para esse maior, fizeram sinal para que ele parasse, Mas ele continuou firmemente seu caminho. Quando o navio se encontrava lado a lado com o deles, Tiago tomou a mão de Ellen e ambos pularam para dentro do outro, pousando seguramente a bordo.

“Aqui, o pagamento da passagem” gritou Bates para o capitão, segurando uma nota de um dólar.Ele também quis saltar para o outro batelão do canal. Mas a essa altura, a embarcação já se encontrava quase fora de alcance. Seu pé bateu na grade e

ele acabou caindo na água. Pegando a carteira com uma das mãos e a nota de um dólar com a outra, começou a nadar atrás da embarcação. Seu chapéu caiu e, ao tentar pega-lo, perdeu a nota de dinheiro, mas ainda segurava firmemente a carteira. Por fim, o batelão parou e Bates for puxado para bordo, enquanto a água suja escorria de suas roupas e esguichava para fora de seus sapatos.

No local seguinte de parada, os três desembarcaram e foram para a casa de uma família adventista, de sobrenome Harris, a fim de que o Capitão Bates pudesse secar-se. Lá encontraram a Sra. Harrisna cama, com uma terrível dor de Cabeça, um mal que a afligia fazia anos. Pediram que orassem por ela e assim o fizeram. Também lhe disseram que o uso do rapé causava o problema.

- Que bom que vocês falaram! – disse ela. – Nunca mais vou cheirar rapé. Fico feliz pelo acidente que os trouxe aqui.

Todos estavam contentes, inclusive o Capitão Bates, E aquele for o fim das terríveis dores de cabeçada Sra. Harris.

Ao embarcarem no batelão seguinte, Tiago White disse: '

- Não chegaremos em tempo para nosso compromisso de sábado; mas sei de uma família adventista aqui por perto. Vamos passar o sábado com eles.

No fim da tarde de sexta-feira, chegaram aquela casa. Um garotinho correu ao Campo para chamar Seu pai, que deu aos três visitantes calorosas boas vindas quando soube que eram guardadores do sábado. O grupo passou um sábado deleitoso estudando a Bíblia. A queda no canal trouxe alegria para duas famílias.

Essa não foi a única ocasião em que um aparente desastre colocou esses sinceros obreiros em contato com pessoas que eles não teriam encontrado de outra forma. Tiago e Ellen White passaram por muitas experiências semelhantes. Anos mais tarde, enquanto viajavam de carruagem com outros obreiros no Estado de Michigan, perderam-se. O condutor, embora bem acostumado aquele trajeto, ficou confuso e saiu da estrada principal. Era sexta-leira e a distancia até Vergennes, onde pretendiam realizar as reuniões do sábado, era de apenas 25 quilômetros. Mas naquele dia viajaram 64 quilômetros antes de chegar ao seu destino. Durante horas andaram pelo meio de densos bosques, seguindo trilhas quase apagadas de rodas, muitas vezes bloqueadas por troncos e arvores caídas. Esperavam o tempo todo ver alguma casa, onde pudessem pedir informações.

Fazia Calor. Não tinham comida e não encontravam água. Passando por algumas vacas que pastavam, os sedentos viajores tentaram aproximar-se para tirar um pouco de leite. Mas as vacas não permitiam a aproximação dos estranhos. Por duas Vezes a Sra. White desmaiou, e seu esposo orou por ela.

Finalmente avistaram uma cabana feita de troncos numa pequena clareira, onde foram bondosamente recebidos e alimentados. Enquanto descansavam, comiam e pediam informações sobre o caminho, Conversaram com a família. Antes de sair, Ellen deu-lhes um exemplar do livrinho *Experience and Views.*

Durante anos o casal se perguntou por que teriam passado por aquela cansativa experiência, particularmente numa sexta-feira, antes de seu importante compromisso no sábado. Vinte e dois anos mais tarde, numa reunião campal em Michigan, descobriram o porquê.

Após o encerramento do culto, uma senhora foi a frente e apertou efusivamente a mão de Ellen White.

- A senhora se lembra de ter se perdido ha muitos anos e de haver parado numa cabana de troncos, no meio do bosque? – perguntou ela. – Nos lhes demos algo para comer e vocês nos contaram acerca de Jesus e das belezas do Céu. Suas palavras foram proferidas com tanto fervor que fiquei encantada, e nunca mais me esqueci delas. Ao sair, vocês nos deixaram um livrinho. Emprestamos o livro aos vizinhos que moram ao nosso redor e ele foi lido até que pouca coisa sobrou dele. A partir de então, o Senhor tem enviado ministros para pregarem para nós; e agora ha um grupo observando o sábado, um grupo cuia experiência teve inicio com a influência daquele livrinho.

Foi fácil entender então como a providência de Deus os havia guiado, mesmo num dia cansativo.

....

7
Visões em lugares Estranhos

Pouco tempo depois de Ellen Harmon ter recebido o chamado para realizar uma obra especial, ela embarcou num final de tarde num barco a vela, com algumas de suas jovens amigas, para visitar uma família que morava numa ilha, na baía próxima a Fairhaven, Estado de Massachusetts. De repente, formou-se uma tempestade e a chuva caiu em torrentes. As ondas se quebravam sobre o convés, encharcando os passageiros. Os relâmpagos cintilavam e os ventos uivantes açoitavam as velas.

A pequena embarcação era jogada como uma cortiça. Subia na crista de uma onda e depois descia como se fosse numa trincheira, quase virando. O Sr. Gurney que conduzia o barco, tentou lançar a ancora, mas ela simplesmente não se fixava. O leme se partiu e foi lançado longe. Todos a bordo perceberam o perigo de serem jogados contra as rochas ao longo da costa da ilha. A escuridão desceu.

Quando Ellen se ajoelhou no convés para pedir a proteção de Deus, a cena de terror sumiu de seus olhos. Ela viu em pé, ao seu lado, o anjo que lhe havia aparecido varias vezes em visão. Ellen nunca mais se esqueceria das palavras que ele disse naquela noite: “E mais fácil secar-se cada gota de água do oceano do que você perecer, pois sua obra mal começou."

Imediatamente Ellen chamou suas companheiras:

- Vocês não precisam ter medo! Os anjos estão ao nosso redor. Estamos perfeitamente seguras, A tormenta não nos pode prejudicar!

A frágil embarcação continuou a subir e a descer sobre as ondas, mas as palavras do anjo haviam afugentado o temor de dentro dos corações. Pouco depois, o capitão soltou um brado exultante:

- A âncora esta firme!

Então, em meio a escuridão, viram o cintilar de uma luz em uma das duas casas da ilha. A família se havia recolhido, mas um dos filhos ouvira o clamor do Sr. Gumey por socorro. A seguir, o pai saiu num barco a remo e levou todos os passageiros para a praia.

Os visitantes não conheciam a família que os socorrera, e pela manhã foram para a outra casa. Assim, dois lares foram abençoados pela visita, em lugar e um só.

Certa ocasião, o Capitão Bates viajava com Tiago e Ellen White e outro pastor adventista numa charrete puxada por um potro parcialmente domesticado. Vovô White era perito na arte de amansar cavalos. Achava que poderia controlar o jovem cavalo, embora este tivesse a reputação de ser selvagem. Pouco tempo antes, esse cavalo havia causado um grave acidente.

Enquanto vovô White mantinha a rédea curta e concentrava toda a sua atenção no animal, a Sra. White conversava com seus companheiros acerca de um tema bíblico. De repente, foi tomada em visão. No momento em que ela exclamou “Gloria!”, o cavalo parou, pendeu a cabeça e ficou perfeitamente imóvel. A Sra. White ergueu-se e, olhando para cima, desceu os degraus da carruagem e pisou no chão. Enquanto descia, colocou a mão com firmeza no lombo do animal.

Alarmado, o Capitão Bates gritou:

- Esse potro Vai matá-la a coices!

- O Senhor esta dominando o potro neste momento; não quero interferir – foi a resposta de Tiago White.

Em condições normais, o animal teria dado coices furiosos no instante em que alguém lhe tocasse os flancos. Mas agora ali estava ele, gentil como um Cavalo velho. E continuou parado quieto, enquanto a Sra. White subia por um barranco de uns dois metros, na direção de um terreno com relva junto à margem da estrada. Então começou a andar para lá e para cá, descrevendo em voz alta as belezas da Nova Terra.

Depois, com os olhos ainda voltados para cima, e sem prestar atenção aonde estava pisando, desceu o barranco em segurança, subiu nos degraus da carruagem, colocou a mão na anca do potro e entrou na carruagem de novo. No momento em que se sentou, saiu da visão. Naquele instante, o cavalo continuou calmamente o seu caminho, sem qualquer indicação do condutor.

Enquanto a Sra. White estava fora da carruagem, seu esposo testou o cavalo para provar aos outros ministros, se possível, que ele estava sendo controlado por um poder sobrenatural. Primeiro, tocou de leve o animal com o chicote, mas ele não se mexeu. Em outras circunstancias, teria dado um coice. Depois vovô aplicou-lhe um acoite mais forte e depois

outro, mais forte ainda. O potro não prestou atenção nenhuma; permaneceu perfeitamente imóvel. O mesmo Poder que produzira a visão também havia, por algum tempo, subjugado o animal.

Com reverência, o Capitão Bates disse:

- Este e um lugar solene.

E relatou a experiência a John Loughborough, que a preservou em seu livro *The Great Second Advent Movement.*

A mais longa visão de Ellen durou cerca de quatro horas; algumas duraram apenas alguns segundos. Meu pai, William Clarence White, conta acerca de uma que ele presenciou numa reunião campal em Minnesota, em 1870, durante um período de oração do qual participaram seu pai e sua mãe. Depois de pronunciar algumas frases da oração, a Sra. White parou de falar e se fez silêncio por cerca de meio minuto. Meu pai, que na época tinha dezesseis anos contou-nos a história mais tarde.

“Eu estava ajoelhado com a congregação e me, virei para ver qual era o motivo do silencio. Nesse instante, as palavras dela em oração simplesmente começaram a jorrar. Sua voz era melodiosa e triunfante, e o restante de sua oração tocou de maneira profunda as pessoas presentes. Muitas coisas relacionadas com a obra dos ministros haviam sido expostas perante ela. Depois da reunião campal, papai e mamãe encontraram hospedagem na casa de um dos irmãos, e lá mamãe

escreveu diligentemente por umas duas semanas, para registrar o que lhe havia sido mostrado durante aquela pausa de meio minuto durante a oração.”

Muitas vezes, enquanto realizava suas tarefas rotineiras, Ellen White, assim como Jacó na antiguidade, teve o privilegio de ver os guardas celestiais. Uma vez, na Austrália, ela foi despertada varias vezes durante a noite por uma luz que brilhava pela janela do trem no qual viajava. Cada vez que ela olhava para fora, via um grupo de anjos e entendia que em cada local onde apareciam, seria estabelecida uma Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Quando eu cursava a segunda serie na escola da igreja de Battle Creek, minha professora era Ella King Saunders. Ela me contou que uma vez chegou a ver a luz brilhante dos anjos que acompanhavam minha avó. Aqui esta a história dela:

Certa noite, no Colégio de Battle Creek, Ella e sua colega de quarto, Edith Donaldson, estavam sentadas no Tabernáculo Dimie,* esperando que a reunião começasse. Edith se sentia um tanto frustrada. Perguntava-se por que o Senhor não respondia as orações pedindo cura para “tia Ellen", a quem amava como se fosse sua própria mãe. Por que precisava ela levar avante sua obra em meio a dores e fraquezas?

Chegara o momento de começar a reunião. As garotas viram Tiago White caminhando lentamente pelo corredor, na direção do púlpito, enquanto sua esposa se apoiava em seu braço e caminhava como se cada passo lhe causasse dor. Ele ajudou-a a sentar-se na plataforma. Depois de dar inicio ao programa e falar por alguns momentos, Tiago White ajudou-a a colocar-se diante do púlpito. Ela o segurou com ambas as mãos, tentando firmar-se, e começou a falar com voz rouca e fraca, que mal podia ser ouvida por aqueles que se assentavam nas primeiras filas.

Foi então que aconteceu. Simultaneamente, Ella e Edith se cutucaram.

- Um anjo! - murmuraram, de olhos arregalados.

Naquele momento, a Sra. White afastou-se do púlpito, dizendo numa voz que podia ser ouvida distintamente:

- Deus enviou Seu anjo e me fortaleceu.

-A Sta. White não mostrava mais sinais de fraqueza. Permaneceu ereta, sem apoio, e proferiu um poderoso sermão. Depois da reunião, Tiago White perguntou a Edith, que na época morava com a família, se ela havia visto a luz angélica. Quando ela respondeu afirmativamente, ele disse: “Agradeça ao Senhor, filha, porque Deus lhe abriu os olhos, Ele o fez com algum propósito.”

Minha mãe, Mary Kelsey White, estava entre as varias outras pessoas que também viram a luz. Pela manhã, ela mostrou a Edith um exemplar do jornal, o Battle Creek Moon, e leu a manchete: “Alguns adventistas iludidos acham que viram um anjo.”

Antes da reunião, Tiago havia carregado sua esposa nos braços, tirando-a da carruagem na qual tinham chegado. Quando Edith a viu agora, caminhando sem ajuda, entendeu que sua cura havia sido adiada para que muitos pudessem testemunhar o milagre do poder de Deus.

Quando minha Irmã Mabel e eu éramos crianças pequenas e morávamos em Battle Creek, a Sra. Martha Amadon – tia Marta, como a chamávamos – visitava nossa casa ocasionalmente. Em anos passados, havia sido vizinha e amiga próxima de nossa avó. Quando vinha ver-nos, trazia bonecas de papel; e enquanto vestíamos as bonecas com vários tipos de roupa, ela nos contava sobre as visões que havia testemunhado.

Ela contou que as vezes, durante as visões, vovó dizia palavras ou frases e fazia exclamações de surpresa. De vez em quando seu rosto mostrava ansiedade ou tristeza, e todos sabiam que ela contemplava cenas de dificuldades. E sorria de modo radiante quando via as cenas de Celeste beleza, Certa vez, durante uma visão, tia Martha ouviu enquanto ela repetia em tons musicais; “Amável Jesus! Amável, Amável Jesus!” E sabia que, na Visto, Ellen White contemplava seu Salvador.

Nessas ocasiões nunca havia a aparência de agitação ou medo, contou-nos tia Martha; somente um sentimento doce e solene, como se o Céu estivesse muito perro. Quando a visão terminava e a

luz celeste fugia dos olhos de Ellen, e ela começava a respirar de novo, algumas vezes exclamava, desconcertada: “Escuro! Tão escuro!”

Um dia, tia Martha descreveu uma visão que ocorreu em sua própria casa, quando a família White e a família Amadon estavam juntas para fazer o culto domestico. Dizia respeito a John Andrews, um jovem senhor, amigo intimo de ambas as famílias. Depois da visão, vovó disse: “Vi que John Andrews em uma grande obra a realizar para o Senhor.” Quão maravilhosamente se cumpriu essa predição!

Não me lembro de tudo o que Lia Martha nos contou acerca das visões, pois isso foi ha mais de sessentas anos. Antes de sua morte, ela deixou por escrito algumas dessas experiências, encerrando com este parágrafo: “Tenho agora quase noventa e dois anos de idade e sou o único membro vivo da primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, organizada em Bucks Bridge, Nova Iorque, a um quilômetro e meio da casa do pai Byingron.”

Centenas de pessoas viram Ellen White em visão, e muitas delas publicaram relatos dessas emocionantes ocasiões. Podiam dizer, como Pedro: “Porque não [seguimos] fábulas engenhosamente inventadas, mas nos mesmos fomos testemunhas oculares” dessas coisas. Quanta coragem nos traz o fato de sabermos que Deus ainda ama sua esforçada igreja na Terra e lhe envia mensagens de advertência e instrução para guiá-la ao longo do caminho rumo ao Céu!

....

8

"Tiago, Chegamos a Este Ponto?"

Duas mulheres curvaram-se sobre uma trouxinha enrolada num pequeno cobertor. A mais velha, Sra. Howland, disse a mais jovem:

- Ellen, Você e Tiago já estão casados ha mais de um ano. Não gostariam de estabelecer-se aqui em Topsham, onde tem tantos amigos? Podemos ceder dois ou três cômodos desta casa tão grande.

Um débil choro veio de dentro da trouxinha. A jovem mãe tomou seu bebê de um mês nos braços e o aconchegou com alegria.

- Seria muito gostoso ter um lar aqui com vocês, mas como poderíamos faze-lo sem moveis ou utensílios? A senhora sabe que meu esposo, assim como os outros pregadores adventistas, nunca pensou em economizar dinheiro para si mesmo; e desde que nos casamos, ele tem tido pouco tempo para ganhar dinheiro.

O casal White Voltou para o lar dos Harmon em Gorham e empacotou seus poucos pertences. Enquanto estiveram ausentes, a Sra. Howland contou seus planos para algumas outras mulheres em Topsham. Uma família tinha uma ou duas cadeiras para ceder; outra consertou uma velha mesa e mais alguém arranjou um fogão a lenha e uma cama. Quando Tiago e Ellen retornaram, encontraram os quartos limpos, os moveis emprestados já nos seus lugares, alguns produtos alimentícios sobre a mesa e uma boa quantidade de lenha empilhada com capricho ao lado do fogão.

Dois dias mais tarde, Tiago White disse

- Encontrei trabalho, Ellen. E um serviço pesado, quebrar e transportar pedras para a estrada de ferro; mas graças a Deus estou com boa saúde. Teremos condições de nos manter e ajudara outros.

Uma noite, ao Voltar para casa depois do trabalho, os dedos dele estavam sangrando onde as ásperas pedras lhe haviam desgastado a pele, mas sua voz soava animada:

- Como esta o garotão? Amanha devo receber meu salario e pretendo comprar provisões para nos.

Mas na noite seguinte sua carteira continuava vazia. E assim também estava o saco de mantimentos que ele esperara encher.

- Meu empregador não tinha dinheiro para me pagar – explicou ele. – Mas nos não nos queixaremos, esposa; o Senhor é bom para mim, dando-me saúde e forças. Vou deixar a estrada de ferro amanhã, para trabalhar cortando lenha.

A despeito de um tornozelo torto e uma dor no lado que muitas vezes o mantinha acordado a noite, Tiago pegou um machado e foi para o bosque trabalhando desde o nascer do sol ate o escurecer, ele conseguia ganhar cinquenta centavos por dia. Embora por Vezes sofressem pela falta de produtos básicos para o sustento, ele e Ellen eram felizes. Tinham um ao outro e ambos tinham o pequeno Henry.

A mamãe amamentava seu bebê e se permitia tomar meio litro de leite por dia. Mas precisava de um pedaço de tecido para fazer uma roupinha que cobrisse os braços do bebê. Assim, ficou sem tomar leite três dias e economizou nove centavos, com os quais comprou o tecido para a roupa do bebê.

Um dia, Tiago caminhou quase Cinco quilômetros na chuva para receber o salario e comprar as provisões. Naquele tempo, os produtos quase nunca vinham empacotados; eram Vendidos a granel.

No armazém, Tiago colocou suas compras num saco vazio de farinha, amarrando cordas e apertando-as em Volta do saco para fazer os Varies compartimentos, separando assim a farinha de milho do feijão, o feijão do arroz e assim por diante. Com aquele saco de aparência estranha jogado sobre o ombro, ele Voltou, debaixo de chuva, e entrou em casa.

Entrou cantando entusiasticamente: "Sou peregrino, sou estrangeiro; não posso deter-me por mais de uma noite.'

O sorriso de boas-vindas de sua esposa sumiu.

- Ah, Tiago, chegamos a este ponto?

Os olhos dela derramavam lagrimas - E Você passou pela cidade de Brunswick, onde costumava pregar, com esse saco de mantimentos nas Costas!

Ela havia tentado ser corajosa, mas agora, completamente desalentada, sentou-se e chorou. Passada a tempestade do desgosto, ela pensou em como Jesus havia sofrido em seu lugar, e pediu perdão por ter se queixado. O Senhor então lhe mostrou por que estavam sofrendo. Ele os havia indicado para realizar a obra especial de procurar as "ovelhas perdidas". Se tivessem prosperado, seu lar seria tao agradável que não teriam a disposição de deixa-lo para levar a mensagem de conforto e instrução aos outros.

Num dia de primavera, bem cedo, Tiago disse a Ellen:

- Acho que deveríamos ir a conferencia bíblica para a qual o irmão Chamberlain nos convidou, em Connecticut.

Tiago retirou os dez dólares que lhe eram devidos – todo o dinheiro que ele possuía no mundo. Gastaram a metade com roupas. Os outros cinco dólares pagariam a passagem de trem ate Dorchester, onde moravam seus amigos, a família Nichols.

Ellen sentou-se e remendou o sobretudo de seu esposo. Em alguns lugares, os remendos precisavam ser emendados para cobrir as falhas; e numa das mangas havia tantos remendos que mal se podia ver o tecido original. Empacotaram suas coisas – roupas pessoais e de cama, tudo - num baú de folha-de-flandres de um metro de comprimento e partiram para as reuniões.

A família Nichols ficou feliz por vê-los e hospeda-los naquela noite, Na manha seguinte, a Sra. Nichols entregou ao Pastor White uma nota de cinco dólares, meio dólar a mais do que o necessário para a compra das passagens para o restante da viagem.

Em Boston, embarcaram num pequeno navio vapor para uma viagem costeira e para subir o rio ate Middletown. Essa viagem deve ter ocupado a noite toda e parte do dia seguinte. Finalmente o navio atracou.

Tiago pegou a moeda de cinquenta centavos no bolso e olhou para ela.

- Isso nos levara a casa do Sr. Chamberlain – disse ele, pensando em poupar sua frágil esposa da caminhada.

Ellen balançou a cabeça. Colocando o dinheiro de volta no bolso, Tiago jogou a mala sobre uma pilha de tabuas, pegou a pasta de livros numa das mãos e o bebê no outro braço, e juntos desceram a rua, procurando alguém que pudesse encaminha-los a casa do Sr. Chamberlain.

Logo depois de encontrarem a casa, o Sr. Belden chegou com seu cavalo e charrete e levou-os, junto com a mala e os fardos, a sua confortável casa em Rocky Hill, a doze quilômetros dali, onde seria realizada a conferência. Durante a tarde de quinta-feira e a manhã de sexta-feira, a equipe dos Belden se ocupou transportando os visitantes da estação para as varias casas de adventistas, onde ficaram hospedados.

Ao pôr-do-sol, umas cinquenta pessoas ou mais estavam reunidas na grande sala sem moveis na casa dos Belden. As cadeiras foram emprestadas pelos amigos da vizinhança e, para bancos adicionais, colocaram tabuas sobre caixas. Mas ninguém reclamou de assentos sem encosto quando o Pastor Bates se pôs em pé e lhes apresentou as razões bíblicas para guardar o sábado como o dia de repouso, ou quando a Sra. White relatou sua visão do templo no Céu, no qual ela viu a área sagrada contendo os Dez Mandamentos.

Juntos, os crentes estudaram a Bíblia. Sempre que encontravam uma passagem difícil de entender, procuravam outros textos bíblicos para explica-la. Muitas vezes, ajoelhavam-se e oravam. Certa vez, continuaram estudando noite adentro, até quase o alvorecer.

Alguns dias após a conferencia, Tiago entregou a Ellen uma Carta de Volney, Nova lorque.

- É um convite para participarmos de outra conferencia bíblica, e deveríamos ir. Mas não sei de onde tiraremos o dinheiro para a passagem. A carta diz que os irmãos lá são muito pobres para nos adiantarem o dinheiro. Se eu puder trabalhar, posso consegui-lo.

Tiago já havia feito algum trabalho de ceifa para os agricultores vizinhos.

- Precisamos ter fé – disse Ellen.

Então oraram. Pouco depois, Tiago e dois outros adventistas estavam ceifando um campo de

cem acres de feno. Era trabalho árduo, ceifar com uma gadanha por apenas 87 centavos e meio por acre. Mas um pensamento tornava mais leve a tarefa – eles estavam labutando com o mesmo objetivo: ir a conferencia,

Tiago também trabalhou meio expediente em outra fazenda, contratado por estranhos. Não foi fácil. Os ceifeiros começavam juntos numa extremidade do Campo, cada um cortando uma carreira de um metro e meio de largura, e cada um seguindo atrás do outro. Tiago se perguntou por que o capataz lhe dera a carreira mais larga e o colocara na frente, o lugar mais difícil. Em pouco tempo, ficou sabendo que os outros homens haviam feito piadas acerca do pregador adventista. Mas ele riu e disse consigo mesmo: “Posso ser um pregador, mas aprendi a trabalhar com a foice quando ainda era menino, na fazenda.” A despeito de uma dor constante do lado e um defeito físico que lhe tornava impossível descansar o peso do corpo no pé esquerdo sem sentir dor, continuava na liderança.

Ao meio-dia, os homens pararam sob uma sombra para almoçar. Os outros ceifeiros tomaram goles de uísque de suas garrafas, mas o pregador adventista bebeu apenas agua. Ao final do dia de serviço, um dos ceifeiros disse:

- Sr. White, quando o senhor chegou ao campo hoje de manhã, estávamos decididmos a passar na sua frente, porque não queríamos um pregador por perto; mas precisamos admitir que o senhor venceu a todos nos.

Em casa, naquela noite, ele disse alegremente a Ellen:

- Orei pedindo forças e Deus me atendeu.

Chegou o dia da partida. A jovem mãe havia empacotado as roupinhas do pequeno Henry para a viagem. Tiago, pondo um braço nos ombros de Ellen, olhou para o bebê que dormia. Com um tom de lamento na voz, disse:

- Ellen, como é que você poderá cuidar desse pequenino durante a viagem, com sua dor nos pulmões e tosse constante?

Discutiram o assunto e decidiram levar o pequeno Henry para Clarissa Bonfoey

- Fico feliz por desempenhar esta parte na obra de Deus! – disse ela com um sorriso, enquanto estendia os braços para segurar o bebê.

Pela primeira vez, Ellen estava deixando seu pequenino aos cuidados de outra pessoa, e não seria a última vez. Beijou-lhe as bochechinhas e afugentou as próprias lagrimas. Depois, apoiando-se no braço do marido, caminhou ate a charrete que os levaria a plataforma de embarque.

....

9

A Obra de Publicações Numa Sacola de Viagem

O Pastor Bates uniu-se ao grupo que estava a caminho da conferencia bíblica.

- Que bom vê-lo; velho peregrino - disse Tiago, saudando o capitão. - Aqui esta um dólar e cinquenta centavos que alguns amigos lhe mandaram.

- E aqui, dois dólares de uma boa uma – acrescentou o Sr. Chamberlain.

- Graças a Deus! - disse José Bates, - Com os dois dólares que eu trouxe de casa, posso agora suprir necessidades imediatas.

Naquela noite, na casa de uma família adventista, a Sra. White tossiu constantemente. Não havia tido uma boa noite de descanso durante semanas. Os irmãos oraram por ela e a ungiram. Ela tentou orar, mas sua voz ficava engasgada. Com uma oração silenciosa: “Senhor, confio em Ti", ela caiu no sono, tossindo ainda. Pela manhã, a dor e a tosse haviam desaparecido e não a molestaram mais durante a viagem toda.

A conferência, realizada no galpão da casa do Sr. Arnold, for tempestuosa. Os participantes vinham de muitas igrejas diferentes, apegados a muitas crenças diferentes. Cada um defendia fortemente suas opiniões. Suas discussões afligiram a Sra. White, que percebeu que alguns estavam misturando suas próprias ideias com os ensinos da Bíblia.

De repente, tudo ficou quieto. Espalhou-se o comentário: “A irmã Ellen desmaiou.” Ela jazia no chão, como se estivesse morrendo. Os ministros ajoelharam-se e oraram por ela.

Apos algum tempo, ela reanimou-se, o seu rosto se iluminou e ela começou a explicar os textos problemáticos “O Senhor me mostrou que este ensino é correto”, dizia ela, ou então: “O irmão esta enganado; mas o irmão Fulano compreendeu bem a Escritura.”

Todos juntos louvaram a Deus por ter enviado luz. Haviam visto o seu poder no meio deles. Mas ainda precisavam continuar seus estudos, pois as visões não eram enviadas para dizer aos filhos de Deus o que deveriam crer e ensinar, nem para tomar o lugar do estudo da Bíblia, mas para guia-los à medida que estudavam.

O casal White passou os dois meses seguintes visitando adventistas e participando de conferências. Chegaram, por fim, a Rocky Hill. A alegria iluminou a face da jovem mãe, que estendia os braços para o pequeno Henry “Ah, Tiago, ele se lembra de mim! Lembra-se mesmo!"

Semanas agitadas se seguiram. Cartas deviam ser escritas as famílias que haviam sido visitadas. Muitos haviam solicitado copias escritas das visões, e todas as copias tinham de ser feitas a mão, pois ainda não havia maquinas de escrever. Os dois se sentaram junto a mesa.

- Você escreve as visões, Ellen, e eu faço as copias - sugeriu Tiago.

Mas a pilha dos pedidos crescia com a chegada da correspondência. Tiago soltou a pena.

- O que faremos? Estamos gastando nossas forças, escrevendo cartas que apenas uns poucos lerão, enquanto milhares precisam ouvir estas mensagens.

Tiago e Ellen estavam estudando e orando acerca dessa questão enquanto faziam a mala e partiam para outra conferência em Topsham.

- Sim, Henry, meu menino - disse Ellen radiante, enquanto Vestia seu garotinho - Você Vai conosco desta vez, para uma longa, longa Viagem de trem e depois num navio grande, grande! Além disso, você vai ver o vovô e a vovó Harmon.

Henry gostou mais da viagem de navio do que sua mãe. Divertia-se com o sobe e desce. Andava ao redor da mesa no salão de refeições, subia na poltrona onde sua mãe se sentava, jogava os bracinhos ao redor do pescoço dela e a beijava repetidas Vezes.

Por algum tempo, Henry ficou com sua avó na antiga casa em Gorham, enquanto seus pais viajavam. Depois, durante varias semanas, a Sra. Howland cuidou dele.

Enquanto participava de uma conferência em Dorchester, Ellen disse a seu esposo:

- Tenho uma mensagem para Você. Deve começar a publicar um pequeno jornal e manda-lo para o povo. Que seja pequeno a principio, mas, lendo-o o povo, mandar-lhe-ão meios com que imprimi-lo, e alcançara bom êxito desde o principio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo.

Quando o Pastor White contou a outros a respeito disso perguntaram:

- De onde obteremos o dinheiro para publicar ate mesmo um pequeno jornal?

Muitas vezes haviam falado e orado acerca de uma publicação, mas tinham finalmente concluído que eram muito pobres para assumir tal empreendimento.

- Voltarei a Rocky Hill e pedirei aos agricultores adventistas que nos ajudem a arrecadar dinheiro para começar o jornal - disse Tiago.

Quando Tiago e Ellen retornaram para buscar seu menininho, o casal Howland lhes disse:

- Permitam-nos cuidar de Henry enquanto vocês viajam. O pequenino parece contente aqui conosco, e nós o amamos como se fosse nosso.

Depois de pensar por um momento, Tiago disse:

- Ellen, Você não acha que é uma sabia ideia?

Como podemos esperar que nosso menino cresça feliz e saudável, enquanto fica sacolejando em trens, carruagens e barcos, em todo tipo de clima?

Ellen não conseguia falar. Finalmente, dominando os sentimentos, disse:

- Você tem razão; será melhor deixa-lo aqui, neste lar cristão e tranquilo, do que andar com ele de um lado para outro entre estranhos. As pessoas muitas vezes prejudicam as crianças com bajulações e comentários insensatos.

Virando-se para esconder as lagrimas, ela procurou um lugar afastado onde pudesse derramar o coração perante Deus e, assim como Ana, confiar-lhe seu pequenino. Ela o Veria ocasionalmente, quando suas viagens a levassem a Topsham.

Em Rocky Hill, o Pastor White falou com seus amigos acerca da publicação.

- Sentimos muito - responderam eles - mas somos pobres demais para ajudar agora; precisamos do dinheiro que temos para tocar nosso trabalho na terra.

- O Senhor pode me dar forças para obter o dinheiro por mim mesmo – disse Tiago a sua esposa. Com o cavalo e a charrete de Belden, ele estava de partida para Middletown, a fim de comprar uma foice, mas foi chamado de volta.

- O Senhor acaba de me mostrar que não é Sua vontade que você trabalhe no Campo agora – disse Ellen. - Ele lhe deu forças para conseguir o dinheiro para pagar nossa passagem ate a conferência, mas agora Ele tem outro trabalho para você, você deve escrever e publicar. Comece pela fé; envie o jornal, e o dinheiro virá daqueles que o lerem.

Tiago foi a Middletown, mas não para comprar uma foice. Logo ele estava falando com Charles Pelton, um impressor.

- O senhor imprimiria mil copias de um jornal de oito paginas para nós? Não posso pagar-lhe agora, mas se confiar em mim, lhe pagarei quando as pessoas que receberem o jornal mandarem o dinheiro.

- É um pedido incomum, Sr. White - respondeu Pelton. – Mas o senhor parece um homem honesto; vou fazer o seu trabalho.

O Sr. Belden havia oferecido ao casal White a grande sala sem mobília onde havia sido realizada a reunião no ano anterior. Dentro de pouco tempo, o Pastor White estava trabalhando a mesa perto da janela. Diante dele estava a Bíblia, uma concordância sem a lombada e um velho dicionário. Estava escrevendo artigos para o jornal que seria intitulado *Present Truth* [A Verdade Presente].

Em outra mesa junto a outra janela, a Sra. White escrevia cartas. Atrás do fogão a lenha que aquecia a sala e também preparava o alimento, havia um cubículo com prateleiras onde a Sra. White guardava seus escritos. As vezes, durante a noite, ela se levantava e se dirigia aquele lugar para ter certeza de que seus manuscritos não corriam o perigo de pegar logo, por causa de sua proximidade do fogão.

O casal White estabeleceu o empreendimento de publicações em seu próprio lar naquele salão, que dividiram com cortinas. Uma dependência servia como escritório editorial, sala de leitura de provas e despacho de correspondência. Os cômodos que serviam de lar ocupavam o espaço restante. Clarissa Bonfoey foi trabalhar com eles como zeladora, trazendo moveis e utensílios de sua própria casa. Mais tarde, quando o bebê Edson aumentou a família, ela ajudou a cuidar dele.

Varias vezes Tiago White percorreu a pé os doze quilômetros ate Middletown, levando os manuscritos para a impressão, e Voltava trazendo as folhas de prova para serem corrigidas. Numa manhã de julho, ele colocou os arreios no cavalo do irmão Belden e foi buscar a primeira edição da *Verdade Presente*. O jornal era pequeno, as letras eram miúdas e não havia ilustrações. Ele trouxe as folhas impressas para dentro de casa e espalhou-as no chão.

A família Belden e meus avós ajoelharam-se em circulo ao redor das folhas e pediram que Deus abençoasse aquelas mensageiras da verdade.

As folhas foram então dobradas, envelopadas e endereçadas. Tiago colocou-as em sua sacola de viagem e levou-as ao correio de Middletown.

A *Verdade Presente* espalhava alegria aonde quer que chegasse. Os decepcionados adventistas que a recebiam, reanimavam-se. Jesus voltaria para buscá-los; deviam esperar com paciência. Muitos começaram a guardar o sábado.

Cartas chegavam com dinheiro para pagar a publicação. Quando o Pastor White foi levar o quarto número para ser impresso, já pôde pagar todo o trabalho. Sorridente, o Sr. Pelton lhe entregou um recibo no valor de 64,50 dólares. Esse recibo esta guardado como um tesouro, pois é

testemunha do fato de que Deus sempre cumpre suas promessas e nunca falha em tornar possível que façamos o que Ele pede de nos.

Aonde quer que Tiago e Ellen fossem, alguma família adventista sempre os convidava a estabelecer-se junto com a obra de publicações em seu lar. O trabalho de tipografia e impressão precisava ser feito na cidade, porque não tinham equipamento próprio. Assim que os jornais saiam do prelo, os amigos eram chamados para ajudar a dobrar, envelopar e endereçá-los.

Certa vez, em Oswego, Nova Iorque, eles ficaram tempo suficiente para imprimir sete números num lugar só. Enquanto permaneceram lá, o Pastor White tirou de seu saquitel um pacote cuidadosamente enrolado de hinos adventistas reunidos ao longo do Caminho. Mandou imprimi-los sem melodia, num pequeno livro com um enorme titulo: *Hymns for Gods Peculiar People Who Keep the Commandments of God and the Faith ofjesus* [Hinos Para o Povo Peculiar de Deus, que Guarda os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus].

A *Verdade Presente* foi o inicio da obra de publicações dos adventistas do sétimo dia, a qual agora circunda o globo "como torrentes de luz", com maquinas impressoras que publicam milhões de livros e periódicos nos principais idiomas da Terra.

....

10
Batalhando Contra o Inimigo

Meus avós estavam a caminho de novo. Sessenta e quatro quilômetros da viagem precisavam ser feitos de diligência, em estradas poeirentas e acidentadas. A cada quinze quilômetros a diligencia parava para a troca de cavalos, e o Pastor White acompanhava sua esposa até o saguão da estalagem onde ela descansava numa poltrona por uns dez ou quinze minutos. Nem imaginavam a surpresa que os aguardava em Sutton, Estado de Vermont.

Depois de o Pastor White ter falado ao grupo local a Sra. White pôs-se em pé para falar também. Quão pálida e cansada estava! Apos a reunião, enquanto as pessoas conversavam, alguém observou: "O casal White viaja tanto! Seria bom se facilitassem mais as coisas; eles precisam de um cavalo e uma carruagem só para eles."

A sugestão foi rapidamente assimilada. "Por que não podemos arranjar algo para eles?" Todos quiseram participar do presente. Dentro de alguns minutos, arrecadaram 175 dólares.

Na segunda-feira de manhã, de acordo com o combinado, o Pastor e a Sra. White encontraram seus amigos na encruzilhada onde os proprietários de cavalos costumavam reunir-se para vendê-los. Pediram que o casal White escolhesse o seu.

- Vamos ficar com este aqui- disse a Sra. White, apontando para uni animal castanho malhado, de pêlo lustroso, ar inteligente e comportamento gentil. – Ontem a noite, tive um sonho no qual o anjo do Senhor me falou. Vi esse exato grupo de pessoas aqui reunidas. Vi esses três cavalos, e fui instruída a escolher este.

- Esta certo, Sra. White, o Charlie é seu - disseram os amigos dois homens atrelaram Charlie a uma carruagem coberta e os presentearam ao feliz casal.

Quão mais agradável se tornou o restante da viagem! Quando cansados, paravam para descansar a margem da estrada. Ao meio-dia, Tiago desatrelava o cavalo e o soltava onde pudesse comer pasto. Não tendo corda, Tiago confeccionou uma, trançando o capim alto da beira da estrada em longas tiras. Depois, estendiam seus agasalhos ou um cobertor sob uma árvore frondosa, onde pudessem descansar enquanto comiam seu lanche.

Um dia, enquanto trotava pela estrada, Charlie abaixou a cabeça e abocanhou uma maçã que estava no chão, Seu patrão afrouxou a rédea para permitir que ele alcançasse as maçãs com mais facilidade. Depois daquilo, toda vez que Charlie via uma macieira, diminuía o passo, escolhia uma boa maçã ao seu alcance, levantava bem a cabeça e prosseguia velozmente, mastigando.

Em Centerport, o casal White se hospedou novamente na casa da família Harris.

Tiago reuniu seus auxiliares e, depois de encerrado o trabalho da comissão, atrelou Charlie à carruagem a fim de levar o Pastor Rhodes para o embarque no batel. Como o atracadouro ficava a apenas cinco quilômetros de distância, a Sra. White foi com eles, deixando o pequenino Edson, de um ano de idade, com Clarissa, a enfermeira.

Quando retornaram, a Sra. Harris foi encontrá-los a porta,

- O menininho esta morrendo! - gritou ela.

Correndo para o leito, encontraram-no inconsciente, de olhos fechados e com os braços roxinhos.

Com voz firme, a Sra. White disse:

- Nossa única esperança esta em Deus; vamos chamar os anciãos e orar imediatamente.

- Que podemos fazer? - suspirou o Pastor White. - O irmão Rhodes é o único ministro aqui nas redondezas, e já deve estar a caminho de Michigan!

Sem esperar resposta, desceu a escada correndo, saltou para dentro da carruagem e foi tão rápido quanto Charlie conseguia galopar, de Volta para a cidade e ao longo do canal fluvial. Depois de oito quilômetros, conseguiu alcançar o barco, mandou que o Pastor Rhodes desembarcasse e correu com ele de volta para a casa da família Harris.

Lá, no pequeno quarto do piso superior, oraram e ungiram o bebê. Imediatamente ele abriu os olhos e sorriu. Deus havia respondido as orações.

Pouco tempo depois, Tiago teve cãibras muito dolorosas nas pernas. Sua esposa as esfregou até ficar sem forças.

- Parece cólera - disse ela.

Muitas pessoas estavam morrendo de cólera.

- Ore, Ellen! Ore! - sussurrou ele entre gemidos, Sara, Clarissa e a Sra. Harris estavam ali por perto. As três mulheres se ajoelharam ao lado da cama, enquanto a Sra. White colocava as mãos sobre a cabeça do esposo e suplicava de Deus a cura. A dor cedeu em seguida, e a cor natural voltou às faces dele.

Naquele mesmo dia, por Volta da meia-noite, meus avós ouviram gritos que vinham do quarto de cima, subiram a escada correndo Clarissa segurava o pequeno Edson nos braços e ele se apegava a ela freneticamente. De vez em quando, soltava o braço dela e golpeava o ar com as duas mãozinhas, gritando aterrorizado; “Não! Não! Não!” Outra vez apertava os braços dela e gritava: “Não! Não! Não!”

- Ele esta vendo algo que o assusta, algo invisível para nós - disse o pai.

- Sim - concordou Ellen. - Tenho certeza de que Satanás enviou um de seus anjos para atormentar a criança.

Ajoelharam-se mais uma vez em oração. Em nome de Jesus, o Pastor White repreendeu o espírito mau. Imediatamente, o pequenino Edson caiu no sono e não acordou mais até a manhã.

Seu pai também dormiu até que a luz entrasse brilhando pela janela do quarto. Assim que abriu os olhos, ele disse a Ellen:

- Hoje é dia de ir a Auburn para buscar as folhas de prova do jornal. Satanás esta fazendo tudo o que pode para atrapalhar-nos, assim como você havia predito. Irá ele impedir a obra? Não, nunca!

Sentindo-se ainda fraco e tremulo, Tiago vestiu-se e se preparou para ir. Quando ele se sentou na carruagem, Ellen veio e tomou as rédeas – Vou com Você - disse ela.

Percorreram os dez quilômetros, orando o tempo todo. A cada quilômetro, Tiago ia recobrando as forças. Nem as estratégias todas de Satanás conseguiram impedir que houvesse um dia de atraso no preparo do jornal.

Trouxeram as folhas impressas para casa e depois chamaram a família para dobrar, envelopar e endereçar os exemplares. Beliscando comida quando podiam, trabalharam desde cedo ate tarde.

Assim que a correria terminou, o casal White partiu outra vez. Como haviam emprestado Charlie e a carruagem para um dos ministros itinerantes, fizeram essa curta viagem numa carroça puxada por dois cavalos. Tiago e Ellen sentaram-se no banquinho alto, na frente de repente, os cavalos se assustaram. A carroça foi jogada contra um íngreme barranco e virou de lado. Desvencilhando-se, os viajantes se colocaram em pé. – Você esta ferida, Ellen?

- Nem sequer um arranhão ou contusão, E você?

- A mesma coisa; nenhum machucado!

Endireitaram a carroça e seguiram seu caminho com um cântico de gratidão.

Pouco tempo depois, Clarissa ficou gravemente doente. Ela também foi curada pela oração. Mais uma vez os planos de Satanás foram derrotados.

A Sra. White escreveu para o irmão Bates: “Ah quantas batalhas temos travado com o inimigo, desde que começamos a enviar o jornal! Temos orado, orado, orado e cultivado fé, fé, fé, e essa e a única maneira em que temos podido viver!"

Teriam ficado desanimados? De jeito nenhum! Quanto mais problemas lhes causava o diabo, mais fervorosamente oravam e mais diligentemente trabalhavam. O Pastor White ampliou a *Verdade Presente* e mudou seu nome para *The Second Advent Review and Sabbath Herald*. Esse foi o inicio da “velha e boa *Review*".

Nomeou-se uma comissão de publicações e o jovem John Andrews foi escolhido como membro. Ao usar seu tempo e forças na obra de Deus, tornou-se em pouco tempo um dos maiores escritores, pregadores e missionários adventistas do sétimo dia.

No verão seguinte, necessitava-se do casal White em Saratoga Springs. E claro que a obra de publicações teve de mudar-se junto com eles. Alugaram uma casa e se estabeleceram com móveis emprestados, como de costume. No dia em que a *Review* saiu do prelo, a irmã de Ellen, Sara, casou-se com Stephen Belden, filho do bom amigo deles.

Os móveis emprestados devem ter demorado para chegar, pois temos em uma das cartas da Sra. White: “No mesmo dia em que nos mudamos, o numero 1, do volume 2, saiu, e nos o dobramos e envelopamos. Sem ter mesa onde dobrá-lo, pegamos um tampo de lareira e o colocamos sobre uma velha pia para resolver o -problema. Trabalhando até tarde da noite, conseguimos colocar a correspondência no correio na manhã seguinte.” Sem duvida, a noiva e o noivo estavam lá junto com os outros, despachando a publicação.

Em agosto foi impresso o primeiro livro de Vovó, uma pequena brochura intitulada A *Sketch of the Clmstian Experience and Views of Mrs. E. G. White,* comumente abreviado para *Experience and Views.*

- Graças a Deus - suspirou ela, enquanto tomava carinhosamente o livro nas mãos.

- Graças a Deus! - ecoou seu esposo. – Não mais precisamos gastar horas cansativas copiando as visões e enviando-as aos amigos, Elas agora estão impressas num livro! .

Por que tentou Satanás com tanto empenho desencorajar os que estavam publicando a *Advent Review*? Sem duvida, porque esse periódico era um lembrete para o povo adventista das maravilhosas bênçãos que haviam experimentado ao participarem do “clamor da meia-noite". Os artigos que ele continha explicavam seu desapontamento em 1844 – e mostravam onde haviam

interpretado mal a profecia. Mostravam, pelas Escrituras, que o santuário a ser purificado ao final dos 2.300 anos não estava na Terra, mas no Céu..

Os artigos também mostravam que até mesmo o grande desapontamento havia sido predito em Apocalipse 10, e chamavam especial atenção as palavras: “E necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.” Durante algum tempo, ainda esperando que Jesus voltasse num futuro imediato, os adventistas achavam que sua obra na Terra estava concluída. Agora estavam sendo chamados a dar outra mensagem ao mundo.

O décimo quarto capitulo de Apocalipse contem a profecia de três mensagens que iriam a todo o mundo antes da volta de Jesus. Os adventistas haviam estado pregando apenas a primeira e a segunda. Agora percebiam que havia uma terceira – a grande mensagem do sábado, que deve ser proclamada ao mundo inteiro. A igreja que espera a volta de Jesus deve estar guardando todos os mandamentos de Deus, inclusive o mandamento do sábado. Chamando a atenção para a última igreja, disse o anjo: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." O Verdadeiro sábado e um sinal entre Deus e Seu povo, um lembrete Constate de que Deus criou os Céus e a Terra.

Não e de admirar que Satanás tenha feito tudo para impedir a publicação daquele periódico. Mas Deus derrotou todos os planos do diabo. Hoje a mensagem da breve Volta de Jesus e o chamado para honrar o dia que Ele santificou estão sendo proclamados em quase todos os países do mundo.

O povo expectante de Deus esta agora mais de cento e quarenta anos mais próximo do retorno do Salvador e da ida para o lar celeste do que quando a *Review and Herald* foi publicada pela primeira vez, Se seguirmos a Jesus, estaremos em breve com Ele.

....

11

Um Lar Para a Obra de Publicações.

Façamos uma visita a Rochester, Nova Iorque, numa agradável manhã de maio de

1852. Dirigimo-nos ao numero 124 da Avenida Mount Hope. Ao batermos a porta de um grande sobrado, a Sr. Sara Belden, a noiva de seis meses antes, nos recebe numa espaçosa sala sem mobílias. Ali nos apresenta Annie Smith, uma jovem de vinte e quatro anos, sentada diante de uma escrivaninha improvisada.

“A Srta. Smith e eu estamos preparando o material para a próxima edição da *Review*”, diz a Sra. Belden. “Esta caixa de madeira é a escrivaninha do editor, ate conseguirmos alguma coisa melhor. E aquela prancha grande colocada sobre os dois barris em pé é onde dobramos, envelopamos e endereçamos as publicações. Também serve como mesa

de refeições para nossa família de auxiliares. Sabe, quando o Pastor White chegou para estabelecer aqui a nossa obra de publicações independente, ele tinha só setenta e cinco dólares em dinheiro. Mas Deus esta suprindo nossas necessidades. Muitas contribuições pequenas estão chegando da parte dos interessados neste trabalho.

“O número 2, do volume 3, da *Review* terá a honra de ser a primeira publicação impressa com nosso próprio equipamento", continuou ela. “Devido a um atraso na chegada do prelo manual de

Nova Iorque, o Pastor White mandou imprimir o primeiro numero numa tipografia da cidade. Não temos a maquina para costurar, e por isso ele esta pedindo que os destinatários da publicação costurem as paginas com agulha e linha. Ele também sugere que separem a revista e a deixem disponível para ser emprestada aos vizinhos.”

“E este é o livrinho da Sra. White *Experience and Views*”, conta ela, estendendo-nos uma brochura de sessenta e quatro páginas. Tivemos de costurar este aqui antes de enviá-lo. Primeiro, fizemos uns furos com uma sovela para que a agulha grande pudesse passar, e costuramos as folhas com um barbante. Depois colamos a capa.”

Vamos para o corredor e vemos Ellen White descendo as escadas, Percebemos que ela tem aproximadamente a idade de Annie. Ela nos saúda com um cordial sorriso e pergunta: “Gostariam de ver nosso novo prelo? O irmão Edson nos emprestou os 600 dólares que ele custou.’

Encontramos Stephen Belden na oficina tipográfica, tirando as folhas de prova. Mostra-nos como funciona o prelo. Primeiro, ele passa um rolo sobre a almofada da tinta. Depois, passa a tinta nos tipos com o rolo, empurra os tipos sobre a prensa, coloca uma folha de papel sobre os tipos e cobre o papel com um pedaço de papelão. Aciona a alavanca que faz baixar o prelo sobre o papel. Depois, acionando de novo a alavanca, libera o prelo, ergue cuidadosamente a folha de prova e a coloca sobre um jornal para secar.

“E um bocado de trabalho”', suspiramos, pensando nas muitas vezes em que a alavanca terá de ser acionada para cada edição da *Review*.

“O trabalho tipográfico normal não é tão complicado”, informa Belden, “embora a alavanca tenha de ser acionada para cada folha impressa.”

“Estamos nos adaptando bem", diz Ellen. “Tiago contratou um impressor profissional, Lumen Masten, para supervisionar o trabalho e instruir-nos no oficio tipográfico.’ Mais tarde, conhecemos o próprio rapaz numa sala contígua, ocupado com a maquinaria e arranjando as fontes dos tipos.

A Sra. White continua: “Pagamos só 175 dólares de aluguel por ano por este sobrado; e esperamos que ele também sirva de local de reuniões, alem de oficina tipográfica, bem como de lar para nossa família de auxiliares. Precisamos descobrir um modo de mobiliar a grande sala da frente para servir de salão de reuniões, porque o Pastor Bates espera estar conosco dentro em breve para dirigir reuniões evangelísticas.”

“Vocês gostariam de ver o piso superior?” Ela se dirige a porta.

Talvez seja nossa expressão de surpresa ao olhar aqueles quartos desolados que a leva a comentar: “Essas cadeiras velhas suprem muito bem nossas necessidades; São fortes, embora não muito elegantes. Meu esposo esta fazendo amizade com os donos de lojas de artigos de segunda mão na cidade. Primeiro, ele comprou duas armações de cama por

vinte e cinco centavos cada. Depois descobriu seis cadeiras, nenhuma igual a outra, por um dólar. A seguir, encontrou mais quatro, todas sem o assento, que custaram sessenta e dois centavos o conjunto. Estou fazendo os assentos para elas com um material resistente, e acho que ficarão firmes como se fossem novas quando estiverem prontas.” Na cozinha, encontramos Clarissa Bonfoey entretendo o pequeno Edson, enquanto descasca nabos para o almoço. “As batatas custam muito Caro nesta época do ano; por isso, nos as substituímos por nabos”, explica a Sra. White. Ela da uma espiada no forno. “Que cheiro gostoso do seu pão, Clara! Acho que já esta quase assado.”

Depois, olhando para as prateleiras quase vazias, diz: “Para a sobremesa, Você pode cortar aquele mingau que ficou consistente ao esfriar, e servi-lo com um pouco de leite adocicado. Os feijões estão quase prontos. Voltarei para por a mesa assim que nossas visitas tiverem visto o quintal. Os meninos da oficina vão lavar a louça para que você descanse um pouco.”

Abrindo a porta da cozinha, ela faz sinal para que a sigamos “Estamos plantando urna horta", diz ela, -“mas esperamos ter uma bem maior em breve. Temos uma boa extensão de terra, só esperando ser cultivada. Estão vendo aquele belo galpão? E a casa do nosso cavalo, Charlie,"

Pouco depois de se haverem mudado para aquela casa, contrataram um senhor para arar a terra. Enquanto ele arava, a Sra. White olhou pela janela da cozinha e viu pequenas coisas redondas e

brancas na superfície do solo. “Devem ser batatas!" exclamou ela, animada. “Evidentemente, a colheita do ano passado foi considerada fraca demais, para

justificar o trabalho.” Ela pegou um balde e o encheu varias vezes, carregando as batatas para casa.

“Um quitute especial para dias especiais”, disse ela, com os olhos brilhantes.

Lumen Masten a observava com uma expressão de desagrado. “Por acaso aquela e a esposa do meu patrão, no meio da terra arada, recolhendo aquelas batatinhas? Eu nunca faria isso!"

A Sra. White entrou carregando o balde cheio.

Conhecia os pensamentos de Lumen. “Não é um pecado desperdiçar alimento?” perguntou. “Não disse nosso Senhor: ‘Ajuntai o que sobejou para que nada se perca’?” O jovem acalmou-se e continuou seu trabalho.

Aquele primeiro verão foi muito movimentado para a família da Review. Sempre que havia trabalho extra, cada membro da família se apresentava para ajudar. Lumen Masten, o impressor contratado, era o único que recebia salário. Os outros trabalhavam por cama e comida e, quando necessário, um pouco de dinheiro para a roupa. Praticava-se uma estrita economia ao suprir a mesa. A manteiga era considerada um luxo desnecessário; era substituída por molho de maçã. O caldo de legumes e os feijões eram

alimento nutritivo e barato. Não se ouviam reclamações mas quando Urias, o irmão de Annie, chegou um ano depois para unir-se ao grupo, comentou certa vez que não fazia objeções contra comer feijão 365 dias seguidos, mas se fosse solicitado a tomó-los parte regular de seu regime, ele protestaria.

Durante aquele primeiro verão; o Pastor e a Sra. White precisaram participar de reuniões e conferências em Vermont e outros lugares, A viagem de dois meses seria feita com Charlie e a carruagem. Mas agora surgiu um novo problema: o pequeno Edson estava doente. Durante vários dias não havia comido nada e, consequentemente, estava tão fraco que tiveram medo de levá-lo numa viagem longa; tampouco queriam deixá-lo em casa. Que deveriam fazer?

Decidiram pedir um sinal de Deus, “Se nosso filhinho aceitar comida antes de sairmos para nosso primeiro compromisso, entenderemos que isso indica que devemos levá-lo junto”, disseram eles. No dia em que haviam planejado partir, Edson tomou uma Xicará de caldo. Naquela tarde, puseram-se a caminho.

No primeiro local de parada, o menino estava agitado e sua mãe passou a maior parte da noite sentada, embalando-o nos braços. A dona da casa declarou:

- Se vocês levarem essa criança junto, certamente terão de sepultá-la em algum lugar ao longo da estrada.

- Parece que Satanás esta tentando embaraçar-nos o caminho; que faremos? - gemeu Tiago.

- Se voltarmos, tenho certeza de que a criança morrera - disse Ellen. - v/amos avançar, confiando no Senhor.

Entrando na carruagem, cansada, ela observou, com um suspiro:

- Estou tão cansada, que tenho medo de dormir e deixar a criança cair. Ela colocou Edson sobre um travesseiro e Tiago prendeu o travesseiro ao colo de Ellen. Mãe e filho relaxaram e ambos dormiram a maior parte daquele dia, enquanto viajavam. O outono havia retomado. As folhas estavam ficando avermelhadas e douradas. Charlie, mais uma

vez, gostou de ir mastigando magas ao longo da estrada, e pastando enquanto a família comia seu lanche ao meio-dia, Depois da refeição, mãe e filho descansavam, enquanto Tiago tomava papel e lápis e, usando a cesta do lanche como mesa, escrevia artigos e lições da Escola Sabatina para a nova publicação mensal, *The Youths Instructor*. Cada edição da revista precisava conter lições para um mês. O preço da assinatura era vinte e cinco centavos por ano; mas, assim como acontecia com a *Review*, o *Instructor* era enviado gratuitamente para aqueles que não podiam pagar.

O pequenino Edson melhorava a cada dia; e quando chegou a hora de voltarem para Rochester, estava bem outra Vez.

O Pastor White ficou contente por ver que a obra de publicações havia andado bem na sua ausência. Jenny Fraser agora fazia parte da família como cozinheira, e Clarissa era a "mãe" para a grande família dos obreiros.

John Andrews escrevia folhetos e artigos, além de dirigir reuniões evangelísticas. Stephen Belden administrava, fazia a contabilidade, recolhia contribuições e ajudava no trabalho tipográfico. Annie reunia relatórios e artigos que chegavam de ministros itinerantes e os preparava para a publicação.

Os três adolescentes, Oswald Stowell, George Amadon e Warren Baclieller, que haviam começado como aprendizes, tornavam-se cada dia mais competentes. Todos estavam aprendendo rapidamente o trabalho da imprensa, tendo a Lumen Masten como professor.

Esses jovens formaram a primeira equipe da Casa Publicadora *Review and Herald*. Embora jovens e inexperientes (todos, com exceção de Tiago White, estavam na faixa dos vinte e poucos anos ou menos ainda, e ele tinha apenas trinta e dois anos), eram cristãos sinceros e Deus lhes abençoou os esforços. Muitos deles trabalhariam juntos o resto da vida. Urias Smith, que entrou na obra com vinte e um anos, continuou na Review por quase cinqüenta anos, a maior parte do *tempo como editor. Sua irmã Annie, poetisa e autora de hinos, continuou com eles por três anos e depois afastou-se, por causa de problemas de saúde vindo a descansar dois anos mais tarde durante a ausência do casal quase ocorrera uma tragédia certo dia Lumen Masten deixou de comparecer ao trabalho. O cólera fazia estragos na cidade, e ele havia sido infectado. Dois dos rapazes da oficina foram a casa de pensão onde ele morava e o levaram numa cama de lona para a casa dos White.

A dona da pensão ficou doente e morreu dentro de vinte e quatro horas. Como Lumen não era cristão, estava aterrorizado com o pensamento da morte. Os obreiros da tipografia reuniram-se ao lado da cama e oraram pedindo sua cura. A doença foi controlada, mas ele não se recuperou plenamente.

Lumen, que havia observado os sinceros e abnegados obreiros da Review, notou quão bondosos eram eles uns com os outros e com ele mesmo. Depois de ter participado de estudos bíblicos na casa missionária, sabia, no fundo do coração, que havia encontrado a verdadeira igreja. Mas, como muitos outros, procurava desculpas para não se entregar. Enquanto jazia deitado, pensando nessas coisas, com o corpo torturado pela dor, um dos obreiros foi a ele e perguntou:

- Lumen, se Deus o curasse, você entregaria o coração a Ele e guardaria seus mandamentos?

- Sim - sussurrou ele - de todo o coração.

Mais uma vez os obreiros se ajoelharam e oraram. Antes de se erguerem, Lumen cairá num sono reparador dentro de duas semanas, estava suficientemente forte para andar um quilômetro e meio ate a agência dos correios e voltar. Em pouco tempo, estava trabalhando de novo.

12

Jhon Muda de Idéia

Em Rochester morava um jovem pregador adventista do ‘primeiro dia, de uns vinte e três anos de idade, chamado john Loughborough, que sustentava a si e a esposa vendendo as fechaduras de janela Arnold, patenteadas. Durante Cinco dias e meio por semana, ele trabalhava com as vendas. Então, no sábado a tarde, encaminhava-se a um povoado próximo, pregava no domingo pela manhã, visitava seus paroquianos a tarde e voltava para casa a noite,

Cerro dia um amigo dele, o Sr. Orton, disse-lhe:

- John, alguns de seus membros estão passando para o grupo dos guardadores do sábado na Missão. Não seria bom ir lá e tira-los dessa guarda do Sábado?

Orton não lhe dissera que ele mesmo e alguns amigos eram os que estavam freqüentando a Missão.

Alarmado, Loughborough foi imediatamente com o Sr. Orton e vários outros a uma reunião na Missão. Foi bem equipado com textos e argumentos para mostrar o erro daqueles pregadores do sétimo dia.

Quando chegou a hora da palestra, John Andrews, o evangelista, que tinha mais ou menos a idade de Loughborough, pôs-se em pé e disse:

“Preparei-me para falar sobre um determinado assunto, mas agora sinto a impressão de que devo mudar e considerar aqueles textos que, segundo andam dizendo, ensinam que a lei dos Dez Mandamentos foi abolida na cruz e que não precisamos mais guardar o sábado do mandamento.” A seguir, leu Colossenses 2:14-17, que diz: “Tendo cancelado o escrito de divida, que era contra nos e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz.”

E continuou: “A Bíblia menciona duas leis. Em primeiro lugar, existe a grande lei moral dos Dez Mandamentos, gravada em tabuas de pedra pelo dedo de Deus, indicando com isso que e imutável e perdurara pelas eras infindáveis. Em segundo lugar, existe a lei cerimonial, que foi escrita por Moises em pergaminho e dada aos israelitas por algum tempo. Consistia de preceitos relativos ao oferecimento dos sacrifícios ligados ao serviço religioso. Esses sacrifícios apontavam para o cordeiro de Deus, sacrificado por nós. Observem cuidadosamente as Escrituras, e verão que a lei cerimonial é que foi encravada na cruz.

“Quando o Filho de Deus, o verdadeiro sacrifício pelos pecados do mundo, ofereceu sua vida no Calvário, não havia mais necessidade de sacrifícios para fazer com que o povo de Deus se lembrasse de que Ele viria. Tampouco havia necessidade de qualquer outra lei cerimonial que os orientasse nessas observâncias. Essa foi a lei pregada na cruz,”

John Loughborough passou um risco a lápis sobre o texto que encabeçava sua lista – Colossenses 2:14-17. Depois, à medida que o orador continuava, riscou o segundo texto de sua lista, Efésios 2:15, onde se lê que Cristo “aboliu, em Sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças”. Enquanto o sermão prosseguia, ele.foi riscando um por um todos os outros textos de sua lista. Nenhum deles ensinava que os Dez Mandamentos da lei haviam sido abolidos.

Por último, o pregador leu as palavras de Cristo em Mateus 5:17 e 18: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: ate que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passara da lei, até que tudo se cumpra.”

“A grande lei divina dos Dez Mandamentos ainda esta em vigor", disse Andrews. “Cada letra permanecera ate que todas as profecias de Deus se cumpram e os atuais céus e Terra passem.’

Depois de ouvir o sermão, Loughborough disse: “Para mim, foi como uma grande porta se abrindo para uma região de luz.” Mais tarde, quando declarou sua intenção de guardar o sábado do sétimo dia, soube que Orton e seus amigos que o haviam persuadido a acompanhá-los naquela noite, estiveram freqüentando as conferências bíblicas por algum tempo e já estavam decididos a guardar o sábado.

Pouco tempo depois, Loughborough conheceu Tiago e Ellen White na Missão. Oswald Stowell, um dos rapazinhos que trabalhavam com o prelo, ficou gravemente enfermo e foi desenganado. Durante a reunião, ele ficou deitado num quarto próximo, sofrendo intensamente. Após o encerramento da reunião, pediu que o Pastor e a Sra. White orassem por sua cura. O Pastor White convidou John Loughborough a ir com eles ao quarto do enfermo,

Os três se inclinaram em oração, enquanto os outros oravam silenciosamente na sala de reuniões. O Pastor White ungiu Oswald e, quando se ergueram da suplica, o paciente sentou-se na cama.

- Estou plenamente restabelecido; terei condições de trabalhar no prelo amanhã – disse ele. Com efeito, dois dias depois estava trabalhando.

A Sra. White permaneceu ajoelhada depois que os outros se haviam erguido. Tiago disse: “Minha esposa esta tendo uma visão.” Convidou para que se aproximassem todos os que assim o quisessem, para verem por si mesmos que ela não respirava nessas ocasiões.

John Loughborough nunca a havia visto em visão. Enquanto lhe observava os graciosos movimentos, notou que seu pulso era regular, seus olhos estavam abertos e sua face conservava a cor natural, Ela não respirava, nem mesmo enquanto proferia ocasionalmente palavras e frases. Ele ficou impressionado! Às vezes ela apontava com a mão, enquanto movia a cabeça como se estivesse vendo varias cenas. Após aproximadamente meia hora, respirou fundo algumas vezes e a visão terminou. Pouco tempo depois, começou a contar aos presentes o que havia visto.

Voltando-se para Loughborough, disse:

- Vi três homens que tentavam impedi-lo de unir-se aos guardadores do sábado. Ouvi palavras indelicadas sendo proferidas por seus colegas pregadores.

Ela inclusive contou-lhe o que ele estivera pensando enquanto se decidia a guardar o sábado. Quando ela contou, quais eram os seus mais íntimos pensamentos – pensamentos que ele não havia expressado nem mesmo para sua esposa - ele disse consigo mesmo: "Sem duvida, um poder mais do que humano esta relacionado com essas visões.”

Deus dera através de Ellen White uma tarefa especial para o jovem pregador Ela disse: “O Senhor deseja que você se entregue inteiramente a pregação da mensagem.”

Ao retornar para casa depois dessa reunião, ele foi sozinho ao seu quarto para orar. “Senhor, se abrires o caminho, seguirei por ele”, foi a promessa. Enquanto continuava orando, sua fé se fortaleceu e ele disse: “Obedecerei, Senhor, e Tu abriras o caminho."

Na Segunda-feira seguinte, pela manhã, sua esposa lhe disse:

- John, pode me dar um pouco de dinheiro?

Preciso comprar fósforos e linha.

Ele pôs a mão no bolso e tirou uma moeda de três centavos. Entregando-o a esposa, disse:

- Maria, isso e todo o dinheiro que possuo no mundo. Compre só um centavo de fósforos e um centavo de linha, e me traga o outro centavo para que não fiquemos completamente sem dinheiro. O Senhor não tem prosperado meu trabalho ultimamente. Durante algum tempo, não entrou nenhuma encomenda das fechaduras de janela. Acho que é porque não estou seguindo meu dever de pregar a mensagem do sábado.

Derramando lagrimas, sua esposa disse:

- John, o que vamos fazer nesta vida? Se você sair para pregar, como nos manteremos?

Ele então a fez recordar a visão do sábado e o chamado de Deus. Contou-lhe de sua decisão de obedecer ao chamado, entregando seu tempo integral ao ministério.

Depois de chorar bastante no seu quarto, a Sra. Loughborough foi para a cidade a fim de comprar os fósforos e a linha. Quando retornou, encontrou seu esposo cantando alegremente.

- Enquanto você esteve ausente, chegou um homem com urna encomenda de fechaduras e pagou em dinheiro o valor total - contou ele. – Minha comissão sobre a venda e de 26 dólares. Com isso podemos comprar lenha e provisões para cobrir todas as nossas necessidades imediatas. O Senhor abriu o caminho para que eu possa atender ao seu chamado.

Alguns dias mais tarde, o velho Charlie foi atrelado a carroça, e John Loughborough e Hiram Edson partiram para uma Viagem de pregação de seis semanas no Sul do Estado de Nova Iorque e na Pensilvânia. Esse foi o inicio dos setenta anos que o Pastor Loughborough viveu como ministro adventista do sétimo dia. Durante vários anos, viajou e trabalhou com o Pastor e a Sra. White. Ele teve o privilegio de ver minha avó em visão quase cinqüenta vezes.

Nos últimos anos, era com freqüência um dos principais pregadores em reuniões campais e convenções. Quando se anunciava que ele pregaria no pavilhão principal, o recinto ficava lotado; geralmente nos, os jovens, estávamos lá nas primeiras filas, ansiosos por ouvir as histórias dos tempos de pioneirismo. Como ele gostava de contar experiências que havia testemunhado com os próprios olhos - aquelas ocasiões deleitosas em que o Céu parecia tocar a Terra e seres celestiais desciam das alturas da gloria para falar com uma das humildes servas de Deus, para revelar os mistérios de eras

passadas e futuras, dando instruções, conselhos e palavras de animo para Sua igreja remanescente, que tem “o testemunho de Jesus”, que e “o espírito de profecia” (Apocalipse l2:l7; l9:l0).

....

13

O Acidente de Trem

Levem Suas carruagens para perto da escola. Os oradores estarão junto a janela aberta, de modo que as pessoas do lado de fora possam ouvir.” Os ministros estavam orientando o transito. A pequena escola de Locke, Michigan, estava superlotada, com gente do lado de fora da porta.

Muitas pessoas estavam sentadas em suas carroças. Outras que haviam vindo a cavalo se sentaram na grama. Todas estavam ansiosas por ouvir o que os pregadores adventistas tinham a dize.

John Loughborough, Merritt Cornell e meus avós estavam cumprindo um itinerário de pregações pelo Estado de Michigan, onde os Pastores Bates e Cornell haviam estabelecido vários grupos de observadores do sábado. Como o anuncio das reuniões havia sido publicado na *Review*, os pregadores precisavam cumprir seus compromissos pontualmente. A fim de consegui-lo, precisavam separar-se às vezes, para poderem assumir compromissos em lugares diferentes. Sempre que possível, viajavam de trem ou navio a vapor. Mas como havia poucas estradas de Ferro na época, boa parte das viagens ainda era feita em diligências ou carruagens.

Para chegar a Locke, os Pastores Loughborough e Cornell tiveram de viajar oitenta quilômetros de carroça em estradas acidentadas. Para entender por que tiveram de usar uma resistente carroça de fazenda em lugar de uma carruagem mais confortável, leiamos a descrição que Arthur Spalding faz dessas estradas feitas com toras de madeira.

“Para tomar firme a estrada, os Construtores costumavam colocar toras de madeira atravessadas, bem próximas umas das outras, Sobre elas, colocavam terra e barro dos pântanos. Era chamada de ‘estrada cotelê’. Mas no clima úmido, boa parte dessa terra era carregada e levada embora pela chuva, deixando grandes valas e buracos entre as toras. Às vezes, uma tora fraca se desgastava, deixando um buraco ainda maior. O povo chamava esses buracos de ‘0brigado, madame’. Era uma forma alegre de enfrentá-los. Ao viajarem pela acidentada estrada cotelê numa carroça, trepidavam, sacolejavam e balançavam ate que seus ossos estalassem e os dentes rangessem - e então, em lugar de queixar-se e reclamar, sorriam e murmuravam prazenteiramente: ‘Obrigado, madame’, como se a estrada lhes tivesse feito algum favor.” - *Pioneer Stories*, pags. 217 e 218.

Na Segunda-feira, após a reunião, os ministros partiram, Acredite ou não, a viagem na velha carroça de fazenda sobre aquelas estradas era uma jornada verdadeiramente alegre. Que importava se os viajantes sacudissem ate ranger os dentes? As pessoas estavam chegando para ouvir a mensagem.

Nada lhes poderia causar maior regozijo.

- Mas o que vamos fazer com os lugares nos quais pregamos? - perguntou o Pastor Cornell. – Não podemos continuar usando sempre casas de família e celeiros, lojas e escolas. Precisamos ter nossos próprios locais de reunião.

- Por que não podemos usar uma tenda? Lembra-se daquelas tendas que foram usadas durante as reuniões campais do advento em 1844? - sugeriu o Pastor Loughborough.

- Por que não? Seria a melhor coisa - concordou o Pastor White, - Talvez, no próximo ano, consigamos arrecadar dinheiro suficiente para comprar uma tenda grande, que poderíamos levar aonde fosse necessário.

- Mas se o plano é bom para o próximo ano, por que não para este ano? - perguntou o Pastor Cornell. - Vamos comprar logo uma tenda!

Em Sylvan, o grupo passou na casa de Charles Glover, para saber o que ele pensava do plano.

- Eis o que penso do plano - disse ele, pondo a mão no bolso e entregando aos homens 35 dólares.

Em jackson, um pouco adiante, encontraram Dan Palmer, Cyrenius Smith e J. P Kellogg, homens generosos. Todos contribuíram com liberalidade.

O Sr, Kellog perguntou:

- Quanto Vocês acham que Vai custar a tenda?

- Fiquei sabendo que em Rochester existe a venda uma de bom tamanho para reuniões. Já foi usada algumas vezes. Acho que podemos comprá-la por duzentos dólares – disse o Pastor Cornell.

- Born - disse Kellogg. – já não temos quase essa quantia em mãos?

Os homens contaram o dinheiro, 140 dólares. O Sr. Kellogg completou o que faltava – um empréstimo, até que fosse reembolsado com o dinheiro de outras contribuições que chegassem. O Pastor Cornell partiu para Rochester no trem seguinte.

Os Pastores White e Loughborough foram caminhando de Volta até a casa dos Palmer, onde eles e a Sra. White passaram a tarde. O casal White devia tomar o trem noturno para Wisconsin. Antes de deixar a casa, fizeram oração. Todos, naquele circulo, se sentiram impressionados a orar para que o casal fizesse uma viagem com segurança.

O Pastor Loughborough os acompanhou ate o trem, ajudando-os a carregar a bagagem. Os dois entraram num vagão com assentos de encosto alto.

A Era. White sentou-se, mas exclamou:

- Tiago, não posso ficar neste vagão! Preciso sair daqui!

O Pastor Loughborough ajudou-os a passar para o vagão de trás. Ao se despedirem, o sino tocou e o trem partiu.

Mal haviam percorrido cinco quilômetros, quando os vagões começaram a sacudir violentamente. Depois pararam por completo Abrindo uma janela, o casal White olhou para fora. Um vagão estava com a frente para trás, ao lado da via férrea. Outro estava retorcido, com alguns

de seus pedaços espalhados ao redor. Passageiros estavam presos em meio as ferragens, gemendo e gritando por Socorro. Ao longo dos trilhos, pessoas corriam, confusas. Os condutores juntaram pedaços do vagão acidentado e fizeram uma fogueira para alertar o outro trem de passageiros que deveria passar por ali dentro de poucos minutos.

Tiago White segurou sua esposa e levou-a através de um terreno pantanoso ate uma estradinha rural. Seguindo pela estradinha por um quilômetro, chegaram a uma casa e contaram aos moradores o que havia acontecido. Rapidamente, o agricultor arreou um cavalo e mandou um mensageiro a Jackson, pedindo a presença de médicos. O Pastor White foi com o mensageiro, deixando sua esposa na casa.

Na cidade, Tiago foi à casa de Cyrenius Smith. Na manhã seguinte, o Sr. Smith enviou um grupo com Tiago para trazer Ellen para a casa da família Smith. Apos o desjejum, voltaram à cena do desastre e souberam a causa.

Um enorme boi se havia deitado sobre a linha férrea. A locomotiva o atingiu e saiu dos trilhos. Correu pelo barranco, atingindo o tronco de um imenso Carvalho e se atravessando sobre os trilhos. Os vagões de trás, pela velocidade em que vinham, empilharam-se sobre a locomotiva. Vários passageiros ficaram gravemente feridos e quatro morreram.

O vagão no qual Tiago e Ellen haviam entrado primeiro, estava retorcido. Uma extremidade se erguia acima do monte de ferragens. Voltaram para olhar o vagão no qual viajavam. Estava separado dos outros, sozinho, a cerca de uns trinta metros do que lhe ficava a frente. Como fora que aquele vagão se havia desengatado dos outros?

Quando fizeram a pergunta a um dos condutores, ele não soube responder. Só disse: “E um completo mistério como esse vagão se separou dos outros a sua frente” O grande pino, com sua corrente, jazia inteiro sobre a plataforma do vagão que o casal White ocupara, exatamente como se alguém o tivesse desprendido e deixado ali.

Nenhum dos guarda-freios pode dar uma explicação. Mas para Tiago e Ellen White não havia mistério. Tiveram certeza de que Deus lhes havia respondido as orações, enviando um anjo para desengatar o vagão. Não havia outra resposta. Sua caixa de livros e folhetos a serem distribuídos na reunião em Wisconsin tampouco sofrera danos.

Dentro de algumas horas, a linha férrea foi desimpedida e os trens puderam transitar normalmente. O casal embarcou no comboio seguinte para seu compromisso em Wisconsin.

E quanto à tenda que o Pastor Cornell fora comprar em Rochester? Três semanas após aquela reunião de domingo em Locke, a tenda foi armada num terreno em Battle Creek, equipada com bancos, plataforma e púlpito, pronta para ser usada pelos jovens pregadores Loughborough e Cornell.

A partir de então, as igrejas de lona se tornaram cada vez mais comuns no evangelismo adventista. Quando a neve do inverno derretia, os mensageiros saiam para dirigir reuniões. Geralmente pregavam quatro ou cinco noites num lugar. Depois, removendo as estacas, mudavam-se para outra cidade, onde realizavam algumas reuniões, esforçando-se de todo o coração para despertar as pessoas para o estudo das profecias acerca da segunda vinda de Jesus e da reforma concernente ao dia de repouso. Distribuíam centenas de folhetos e anotavam os nomes de todos os que desejavam receber a *Review* ou o *Instructor*.

Poucas semanas depois que o casal White voltou para Rochester, outro bebê chegou para fazer parte da família, Recebeu o nome de William Clarence. Agora havia três meninos em casa. Anna, irmã da Sra. White, morava com eles e ajudava no trabalho do escritório. Não havia nada que tia Anna gostasse mais do que segurar o pequeno Willie. Mas ela estava tuberculosa! Ellen sabia que não era seguro deixar o bebê com ela. Como poderia tirar Willie dos braços de Anna sem ferir-lhe os sentimentos?

Um dia, encontrando Anna com o bebê nos braços, Ellen dissimuladamente deu um beliscão em Willie. No mesmo instante o bebê gritou.

- Acho que ele quer a mamãe - disse Ellen.

- Sim, acho que e isso – concordou Anna, entregando-lhe o bebê.
A jovem mãe pegou Willie dos braços da tia Anna e alegremente levou-o para outro quarto.
Embora o truque se repetisse algumas vezes, Anna nunca desconfiou.

....

14
"Willie se Afogou!"

Essas noites de primavera ainda são frias. Espero que os hóspedes tragam cobertores consigo.

Clarissa conversa com Jenny enquanto ambas estendiam colchões nos dormitórios e na sala de estar da casa dos White. Haveria uma reunião importante e a *Review* havia publicado uma nota segundo a qual os amigos em Battle Creek, Michigan hospedariam os visitantes. O casal White esperava ter a casa cheia de hóspedes.

A oficina tipográfica havia saído de Rochester e os White agora moravam em Battle Creek. Os adventistas de Michigan haviam convidado o Pastor White a transferir a obra de publicações para o seu Estado e prometeram construir uma oficina tipográfica. Assim, a sede do empreendimento de publicações estava agora em Battle Creek.

Tiago e Ellen White moravam numa pequena casa com seus três meninos e as duas fiéis ajudantes, Clarissa Bonibey e jenny Fraser.

Naquela tarde em particular, todos estavam ocupados preparando-se para receber os hóspedes que chegariam no dia seguinte. As mulheres limpavam a casa. Henry e Edson passavam o ancinho no jardim e o bebê Willie com quase dois anos de idade brincava por ali, colocando-se no caminho de todo o mundo e apreciando aquela agitação tanto quanto seus irmãos mais velhos.

O rústico chão de madeira havia sido escovado e uma tina cheia de água ensaboada e suja estava no meio do cômodo. Quando Jenny passou por ali a fim de buscar gravetos para acender o fogão a lenha viu o pequenino em pé ao lado da tina.

O que e que você esta fazendo Willie? perguntou ela.

Varinha barquinho! Varinha barquinho! gorjeou o pequeno empurrando um baldezinho de madeira pela água com uma vareta.

Voltando alguns minutos mais tarde, Janny pensou no menino. *Onde estaria?* Ela correu para a cozinha onde ouviu um som de gorgolejar.

Um pezinho aparecia na superfície da água! Ela o agarrou puxou a criança para fora e saiu correndo e gritando para encontrar a mãe dele.

Willie se afogou! Ele se afogou! Ele se afogou! - gritou ela.

A Sra. White saiu correndo da sala da frente e a encontrou junto a porta.

- Jenny a água estava quente ou fria?

Ele se afogou! Ele se afogou! Esta morto! Morreu! Continuava gritando a moça.

A Sra. White agarrou Jenny pelos ombros e sacudindo a vigorosamente perguntou Jenny Fraser, diga- me a água estava quente ou fria?

- Fria – engasgou-se a aterrorizada Jenny.
- Então me de a criança. Mande buscar o doutor e chame Tiago.
- Corra para trazer o doutor! Corra para trazer o doutor! – gritou a moça para um rapaz que estava ali por perto. Ele começou a correr Jenny o seguiu, batendo nas suas costas e gritando: Corra! Corra! Corra!

A essa altura, a Sra. White estava no jardim com Willie. Usando uma tesoura que havia pegado enquanto corria, ela cortou as roupinhas do bebê. Enquanto ela o fazia rolar pela grama, quantidades de água suja saiam de seu nariz e boca. Ela continuou rolando o corpinho. Tiago White chegou e ficou em pé, observando e orando silenciosamente enquanto os minutos passavam. Ellen ergueu a criança e procurou sinais de vida. Não havia nenhum. Deitou-o novamente e o rolou mais uma vez. A água continuou saindo de sua boca.

Os Vizinhos se juntaram e ficaram ali, tristes, com o rosto tenso e compadecido, observando os esforços daquela mãe. Quinze minutos passaram e a condição de Willie ainda parecia sem esperanças.

- Como e horrível vê-la segurando aquela criança morta! - disse uma senhora – Alguém vá lá e tire o menino morto das mãos dela.
- Deixe-a com a criança! - retorquiu Tiago White com urna ênfase incomum - Ela sabe o que esta fazendo.

Passaram Vinte minutos aflitivos, durante os quais a Sra. White não via sinais de vida. Ela ergueu o corpinho flácido e lhe apertou a face contra a dela. Beijou-lhe os lábios frios. O que viu? Um tremor na pálpebra, um leve franzir dos lábios?

- Acho que ele esta tentando retribuir meu beijo! – gritou ela. – Deve haver Vida! Ha Vida, sim! Ele esta vivo!

Ellen levou o corpinho fraco para dentro de casa.

- Jenny rápido! Busque algumas roupas e aqueça-as.

Ellen enrolou as roupas quentes ao redor do corpo frio de Willie, trocando-as com freqüência. Ela o segurou de novo, perto do seu rosto.

- Ele esta respirando! Esta respirando! Meu bebe esta Vivo! - E apertou-o Contra o peito. – Graças a Deus, graças a Deus! - repetia a mãe, Lagrimas de alegria lhe corriam pela face.

Os preparativos para a chegada das visitas continuaram o resto do dia sem a ajuda de minha avó. Nem por um momento ela soltou Willie de seus braços, pois embora ele estivesse agora respirando, ela sabia que ainda não se encontrava totalmente fora de perigo.

Se a vovó White estivesse aqui hoje, sei o que eu faria. Colocaria meus braços ao redor do seu pescoço e lhe cochicharia ao ouvido: "Querida vovó, como fico feliz porque a senhora não desistiu de fazer reviver aquele bebê afogado!" Você sabe, quando ele cresceu, tornou-se pai de uma garotinha e essa garotinha sou eu. Acho que os filhos e netos de meus seis irmãos e irmãs diriam: "Nós também ficamos felizes."

A conferência teve inicio na sexta-feira à tarde na recém-construída sala de reuniões. Ela ficou tão lotada que a congregação precisou ir para uma tenda grande, erguida ali perto. A igrejinha media apenas 5x7 m e era construída de tabuas reforçadas com sarrafos na parte de baixo e de cima. Os bancos eram simples, de madeira, Com encosto reto, e o Chão era de tabuas rústicas, sem pintura. Mas os membros estavam felizes porque tinham sua própria igreja.

Os visitantes se alegravam por outra razão também. Haviam visto um pequeno prédio de dois pisos, onde era impressa a *Review*, bem como algumas maquinas novas que costuravam, cortavam, encadernavam e cumpriam muitas outras funções numa fração do tempo que levaria para ser feitas a mão. E ficaram sabendo dos planos para substituir o prelo manual antigo por uma nova prensa mecânica.

A assembléia ouviu relatórios de ministros que haviam trazido noticias de novos grupos de observadores do sábado por todo o pais. Esses humildes ministros não se vestiam de modo elegante. Tinham pouco dinheiro para roupas, já que naquele tempo não havia tesoureiros de associação

mandando um salário mensal. A mensagem era levada por obreiros que trabalhavam voluntariamente, sem salário, os quais mantinham a família com as ofertas que as pessoas quisessem dar. Alguns trabalhavam em fazendas da vizinhança ou em lojas durante os dias da semana, e pregavam a noite e aos sábados e domingos.

Esses pregadores viajantes ficavam muitas vezes longe de casa durante semanas de cada vez. Onde quer que se encontrassem, dormiam e tomavam as refeições nas casas das pessoas. Por ocasião do encerramento da primeira conferência num lugar novo, era quase certo que alguém do auditório se levantava, dirigindo-se ao pregador e dizendo: “Venha para minha casa, irmão; será um prazer partilhar nossas humildes refeições enquanto o senhor estiver realizando as palestras.” Se ninguém se apresentasse, o próprio pregador podia perguntar se havia alguém no auditório que lhe pudesse oferecer hospedagem. Quando partia para outro lugar, seu anfitrião costumava entregar-lhe uma nota de um dólar ou dois para ajudá-lo a pagar as despesas ao longo do caminho.

Após o encerramento das conferências em Battle Creek, realizou-se uma reunião de testemunhos. Cânticos de louvor ecoaram pela tenda. A alegria brilhava em todos os rostos enquanto um após outro os membros se colocavam em pé para comprometer-se a fazer da obra de Deus a prioridade de suas vidas.

Entre os presentes estavam J. P Kellogg, Dan Palmer, Cyrenius Smith e Henry Lion, que haviam doado 300 dólares cada um para construir a tipografia. Os membros da igreja prometeram apoiar a obra de publicações, a fim de que Tiago White nunca mais precisasse pedir dinheiro emprestado para poder continuar mandando os jornais e folhetos para o povo.

O empreendimento das publicações estava se tornando auto-sustentavel. A *Review* era agora impressa semanalmente, passando a assinatura anual a custar dois dólares. Livros também estavam sendo impressos e vendidos. A partir dessa época, os pastores que haviam distribuído folhetos e panfletos grátis passaram a vendê-los, sempre que possível. Assim, a *Review* votou pagar um salário de cinco dólares por semana a sua família de obreiros. O futuro era promissor. Dois anos mais tarde, foi instalada uma prensa mecânica!

....

15
A primeira "Casa Branca"

Tiago e Ellen White estavam felizes por poderem morar com seus três meninos, Henry, Edson e William, e suas duas ajudantes Mas a casa era pequena para a quantidade de hospedes que sempre recebiam. Ministros e obreiros eram bem-vindos e com freqüência havia visitantes que pernoitavam por lá – pessoas que o casal conhecia em suas viagens. Quando esses novos amigos assistiam as reuniões em Battle Creek ou procuravam uma casa onde morar nessa cidade, muitas vezes se hospedavam na casa de meus avós.

Vendo a necessidade de uma casa maior, os generosos homens que haviam contribuído tão liberalmente para a construção do prédio da *Review* e da igreja estavam agora, depois de dois anos, prontos para ajudar o Pastor White a adquirir sua casa própria. Um terreno baldio, não distante da *Review* foi comprado por um preço baixo, e amigos bondosos se ofereceram para limpa-lo e ajudar

Tiago a Construir a casa. Eles sabiam que o pastor tinha pouco dinheiro, pois em seus esforços por manter reduzidas as despesas da editora, ele havia retirado menos da metade do pagamento por seu trabalho.

Pouco tempo depois que a família White se mudou para a casa nova, Jonas Lewis, um guardador do sábado que havia construído no lote ao lado, cavou um poço cuja água compartilhou com os vizinhos.

No terreno pertencente a família White, havia espaço para uma horta, um estábulo para uma vaca, lugar para guardar feno e uma estrebaria para dois cavalos e a carroça. No lado noroeste do terreno foi conservado um pequeno bosque de carvalhos para permitir que alguém pudesse estar sozinho para pensar e orar, Também havia um pátio para as brincadeiras dos meninos. Ali passavam eles muitos momentos agradáveis, quando ninguém precisava dos seus préstimos na horta, para Carregar água, juntar gravetos e lenha para o fogão ou para ajudar em serviços dentro de casa. A Sra. White colocou sua mesa de trabalho perto da janela, de onde podia apreciar as brincadeiras deles quando ocasionalmente parava para observá-los.

Um anexo de três metros foi construído no lado sul da casa, para servir de quarto para os meninos. Posteriormente, um quarto maior foi feito do lado norte, e os pais da Sra. White, Robert e Eunice, foram convidados a morar com eles. Quando o idoso casal' se mudou para sua própria casinha, o cômodo vago foi ocupado por John e Betsy White, pais de Tiago. O vovô White colocou uma banca na extremidade de seu espaçoso quarto e trabalhava varias horas por dia em sua ocupação preferida - consertar sapatos.

Durante algum tempo apos a chegada a Battle Creek, o pai de Tiago andava perplexo quanto à questão do sábado viu que as Escrituras ensinavam claramente a observância do sétimo dia, mas havia desfrutado tantas bênçãos especiais rio domingo que lhe era difícil renunciar a reverência para com aquele dia. Assim, por algum tempo, ele guardou tanto o sábado como o domingo.

Num domingo de manhã, Willie encontrou em sua banca de sapateiro, pregando uma sola de sapato.

- Oi, vovó - exclamou ele. - O senhor não sabe que dia e hoje? E domingo.

- Sim, Willie - respondeu o idoso senhor – mas conclui que um dia de repouso por semana e suficiente, e de agora em diante vou observar o sábado do quarto mandamento.

Essa confortável “casa branca” perto do prédio da *Review* era o primeiro lar que a família White possuía, e como gostavam dela!* (E quão gratos se sentiam para com os queridos amigos que os haviam ajudado a obtê-la! Também estavam felizes por ter os quatro avos por perto.

O programa diário da família começava com o desjejum as seis e meia da manhã, embora geralmente a cozinheira já estivesse em pé as cinco horas. As vezes, quando a Sra. White Vinha para a mesa, tinha na mão seis, sete ou mais paginas que já havia escrito enquanto os outros dormiam, E alguém pedia que ela lesse um pouco do que havia escrito.

O culto familiar vinha imediatamente após o desjejum, com cânticos, leitura da Bíblia e oração. A hora do culto era observada tão regularmente quanto a do desjejum ou do almoço. Quando o Pastor White estava viajando, a Sra. White dirigia o culto; e quando ambos os pais estavam ausentes, o responsável pela casa assumia a direção.

Após o culto, o Pastor White ia para a editora. “Venham, crianças", dizia a mãe, “vamos trabalhar no jardim", e assim passavam varias horas juntos, plantando sementes nos canteiros de flores, fazendo mudas ou colocando estacas para firmar as plantas. Nos dias frios ou chuvosos, trabalhavam juntos dentro de casa.

Depois, a Sra. White dedicava três ou quatro horas para escrever. As vezes, levava seu trabalho para o escritório da *Review*, onde podia ficar perto do esposo e ajudar quando houvesse trabalho extra de dobrar, envelopar ou endereçar os impressos.

Não havia momentos ociosos para Ellen White.

Com todo o seu trabalho publico e de escrever e sua família para cuidar, além dos muitos hospedes, ela achou necessário contratar ajudantes para o serviço da casa. Parece que nem Clarissa

nem Jenny estavam com eles quando se mudaram para a casa nova. Clarissa nunca havia sido muito forte. Então, um dia, uma enfermidade rápida mas grave lhe tirou a vida. Sua falta foi profundamente sentida, pois havia sido sempre uma “amável e amada cristã”.

Por vários meses, Agnes Irving, uma moça de dezessete anos de idade, ajudou na casa. Tinha quatro irmãos e irmãs mais novos e seu pai era invalido. Um dia, sua mãe foi à casa dos White muito aflita. O Sr. Irving estava gravemente enfermo e não conseguia trabalhar, e a família estava passando necessidade de alimento e vestuário. Agnes insistiu para que sua mãe ficasse durante dez semanas com todo o seu salário, com exceção de um dólar, que ela reservava para si. A mãe chorou ao aceitar o dinheiro, pensando na abnegação e no amor representados pela dádiva. Agnes chorou junto com sua angustiada mãe, e Ellen chorou em solidariedade para com ambas. O registro daquele dia no pequeno diário de capa preta de Ellen terminou com estas palavras:

“Nos os ajudamos um pouco. Pagamos a metade de um par de botas para o caçula, um dólar. Dei um dólar e cinqüenta centavos para um par de sapatos para a mãe. Meu esposo deu um dólar em dinheiro. Henry lhe deu dez centavos, Edson também dez e Willie, dez, Meu esposo lhe deu mais 25 centavos para comprar um agradinho para o enfermo. Demos algumas roupas usadas para reformar, acrescentamos meio litro de suco de uva integral (não fermentado) e Outro de molho de caril e mandamos um punhado de maças secas para o doente.”

Seu diário daquela época apresenta muitos registros semelhantes, mostrando que suas dádivas, embora quase sempre pequenas, vinham de corações amoráveis. Até mesmo os três meninos ficavam contentes em ceder suas entesouradas moedinhas para ajudar os necessitados.

Havia ordem no lar dos White. Cada um dos meninos tinha tarefas que devia executar sem ser lembrado. A disciplina era firme, porem bondosa. Meu pai me contou que não se lembra de ter sido punido uma só vez com raiva. Ele se recorda de ter levado uma chibatada, mas foi precedida por uma conversa muito séria e oração.

Às Vezes, num caso de desobediência ou negligência do dever, a Sra. White dizia: “Bem, meninos, vamos deixar o assunto de lado por enquanto; hoje à noite falaremos sobre isto para ver o que pode ser feito.” Os solenes pensamentos que ocupavam a mente dos culpados durante as horas daquele intervalo serviam para subjugar-lhes o espírito e prepará-los para tirarem proveito da reprovação ou correção que receberiam naquela noite.

Nas tardes de sábado, famílias adventistas as vezes iam à casa da família White. Quer os pais estivessem presentes, quer não, o precioso tempo era gasto em conversas sobre suas experiências na vida Cristã, orando uns pelos outros e pela obra de Deus, bem como cantando hinos.

Quando a Sta. White podia passar uma tranqüila tarde de sábado com os filhos, lia para eles e por vezes os amiguinhos da vizinhança eram convidados para participar da hora das histórias. Ela procurava histórias seletas em livros infantis e periódicos da Escola Dominical Anos mais tarde a esposa de Willie, minha mãe, reuniu algumas dessas histórias, formando uma coleção que foi publicada num livro intitulado *Sabbath Readings for the Home Circle* [Leituras Sabáticas para o Circulo Domestico].

Muitas vezes Ellen White teve de deixar os filhos aos cuidados de outra pessoa, enquanto Viajava para falar em reuniões campais e outros encontros. Era difícil separar-se de sua família, mas ela procurava tirar proveito da situação escrevendo cartas freqüentes aos meninos. Aqui esta uma Carta que escreveu a Willie quando ele tinha cinco anos de idade:

“Willie queridinho:

“Você recebeu as cartas que lhe escrevi?

“Vou contar-lhe o que vi quarta-feira passada. Os bombeiros estavam com seus capacetes e uniformes vermelhos; os oficiais tinham um penacho no capacete. Depois, numa alameda, olhando para os bombeiros, vi um pobre homem aleijado. Estava sentado num carrinho e você nem adivinha o que estava puxando esse carrinho! Não era um cachorro ou cavalo, mas um cabrito, com arreios como se fosse um cavalinho. Achei que se você tivesse visto aquilo, teria gostado muitíssimo. Imagine só, um cabrito puxando um carrinho com um homem dentro dele!

"Willie, na casa que estou visitando agora há dois garotinhos, não tão grandes como você, e duas menininhas, ainda bebês. Os meninos e as meninas são primos. São crianças muito engraçadinhas. Você gostaria de brincar com eles, se estivesse aqui.

“Esperamos que você esteja bem, e contente. Você deve esforçar-se para ser bom. Não agrade a Satanás sendo mau, mas lembre-se de que aquele que governa seu espírito e maior do que o que toma uma cidade.

“Você deve dizer ao vovô e a vovó que nós não nos esquecemos deles, mas pensamos neles muitas vezes e falamos a seu respeito para nossos amigos. Você deve procurar, Willie, fazer o vovô e a vovó felizes. Não os entristeça sendo barulhento e rude, mas seja quietinho, manso e gentil; então eles o amarão. Respeite a Jenny e procure agradá-la. Seja um menino bonzinho,

“Sua mãe."

....

16

O que Aconteceu num Funeral

Enquanto Tiago e Ellen White viajavam, certa ocasião, encontraram um grupo de quarenta novos observadores do sábado num vilarejo chamado Lovetts Grove, Estado de Ohio. Eles haviam assistido as palestras sobre a Bíblia feitas pelo evangelista George Holi numa escola,.

No domingo 23 tarde foi realizada a cerimônia fúnebre de um jovem bem conhecido na Comunidade, e o Pastor White foi convidado a pregar o sermão. Quando ele terminou, a Sra. White levantou-se para dizer algumas palavras de conforto. Falou sobre a vinda de Jesus e a ressurreição. Enquanto descrevia a jubilosa reunião dos entes queridos no Céu, fez uma pausa e os olhos dos ouvintes se fixaram nela, querendo saber por que havia parado de falar. Notaram que a expressão de seu rosto havia mudado. Em lugar de olhar para os que estavam sentados diante si, Ellen olhava para cima, como se estivesse vendo algo a distância.

Então ouviram, numa voz cheia e musical, o brado: “Gloria a Deus!" Outra vez as mesmas palavras, tão melodiosas como antes, mas em tom mais baixo e suave: “Gloria a Deus!" E uma terceira vez, como se a voz viesse de longe: “Gloria a Deus!"

Tiago White falou:

- Minha esposa esta tendo uma visão celestial. Se alguém quiser vir até aqui e examiná-la, pode fazê-lo.

Ela se havia tornado fraca, como de costume ao entrar em visão, e naquele momento estava inclinada para trás, apoiada pelo braço do esposo.

Varias pessoas se aproximaram da Sra. White. Uma delas curvou-se e exclamou:

- Ela não esta respirando; não se percebe a mais leve respiração ou qualquer movimento dos pulmões!

- O coração esta batendo?

- Sim, ha um batimento regular e forte. Mas como é estranho o fato de ela não respirar!

- E isso que lhe costuma acontecer em visão – explicou o Pastor White.

Nesse momento a Sra. White ergueu-se e deu um passo para a frente, enquanto um radiante sorriso lhe iluminava o rosto. Parecia estar olhando atentamente alguma cena longínqua. Um homem se colocou ao seu lado, pensando em apoiá-la. Mas a fraqueza de momentos antes havia sumido. Seu corpo estava cheio de vigor. Ninguém lhe podia impedir os movimentos, embora estes aparentemente fossem leves e suaves.

As pessoas sentadas diante das carteiras escolares observavam-na, em silencioso espanto. De Vez em quando captavam uma palavra, as vezes uma frase, uma exclamação ou pergunta. Alguns Cochichos se ouviram pelo salão. “Silêncio, ela deve estar falando com alguém!”

Agora as pessoas faziam perguntas e Tiago White lhes respondia.

- Ela esta conversando com seu anjo acompanhante. Muitas vezes ela o descreveu como sendo um jovem alto, majestoso, com um lindo semblante e voz musical. Nessas visões ela é levada para longe, mentalmente, e são-lhe mostradas coisas que os demais não podem contemplar. Por vezes, ela vê acontecimentos distantes. Ou pode ver coisas que aconteceram há muito tempo ou que ainda ocorrerão no futuro. Às Vezes ela parece estar no Céu, conversando com Jesus e os anjos.

Houve uma pausa e depois um sussurro que pode ser distintamente ouvido no reverente silêncio da sala:

- O Céu está perto, muito perto!

Em voz baixa, outra pessoa disse:

- Parece que estamos diante dos portais abertos do Céu. Quem dera que pudéssemos ter um vislumbre da gloria lá dentro e ouvir as vozes dos anjos!

O Pastor White falou mais uma vez:

- Sim, Jesus enviou seu anjo diretamente do trono para garantir-nos que todas as suas promessas são verdadeiras. As maravilhosas profecias que vocês tem estudado aqui nesta pequena escola foram confirmadas há séculos da mesma maneira, por visão celestial. Todas elas contam a mesma história: Jesus vai voltar a Terra para acabar com o pecado e a tristeza e estabelecer seu reino eterno de justiça, alegria e paz.

As palavras dele foram interrompidas por um sussurro assustado.

- O que estaria ela vendo agora? Deve ser algo terrível! Olhem! Ela torce as mãos como se estivesse aflita; e a expressão de angustia em seu rosto – o que significaria?

O Pastor White respondeu em voz baixa:

- Ela deve estar observando cenas de grande sofrimento!

Segurando a respiração, todos esperavam e observavam. O que poderia estar lhe causando tanta aflição?

Depois de algum tempo, a aparência angustiada de seu rosto foi substituída por uma expressão de contentamento.

- Evidentemente, a cena que agora esta diante dela e alegre - disse o Pastor White. - Quão felizes podemos ser ao ter a certeza de que Deus ainda fala com seu povo hoje!

A tristeza havia desaparecido. O caixão, na extremidade da sala, fora esquecido por algum tempo.Era o fim da tarde. O grupo vira uma mudança operar-se em Ellen White. Durante duas horas ela não havia tomado fôlego, mas agora passava a inalar profundamente, como se fosse para encher os pulmões pela primeira vez. Após uma breve pausa, houve outra respiração profunda, e depois mais uma.

Ela começou a perceber as pessoas a sua volta. Estas se haviam reunido ao seu redor e lhe perguntavam o que havia visto na visão. Mas ela não queria falar, dizia – pelo menos não por enquanto. Era um momento solene!

O caixão foi levado para o sepultamento e os parentes e amigos deixaram a escola para acompanharem essa parte da cerimônia. Algumas pessoas permaneceram, esperando que a Sra. White lhes contasse o que havia visto na visão. Ellen descreveu algumas das cenas que lhe haviam sido apresentadas e elas ouviram com especial atenção. Enquanto as pessoas se separavam para voltar para casa, algumas caminhando e outras a cavalo ou em carroças, podiam-se ouvir os

comentários: “Que coisas estranhas vimos hoje!” "Podemos duvidar de que Jesus vive e voltara outra vez para levar-nos para o lar celeste?”

Na terça-feira, o casal White partiu para Battle Creek. Conversavam alegremente a respeito de seus três garotinhos, dos quais haviam estado separados por três semanas. Enquanto o trem sacolejava, Ellen contou a seu esposo mais algumas coisas sobre a visão, acrescentando:

- Assim que eu terminar algumas cartas muito importantes, vou começar a escrever a visão.

- E vamos publicá-la num livrinho, enviando-o pelo correio – acrescentou seu esposo.

Em Jackson, Michigan, pararam para visitar seus velhos amigos, a família Palmer. O Sr. Palmer levou Tiago para fora, a fim de mostrar-lhe o jardim, enquanto as duas mulheres conversavam. De repente, no meio de uma frase, Ellen sentiu uma sensação estranha na boca. Sua língua parecia espessa e amortecida. Não conseguia pronunciar as palavras que tentava dizer. Um calafrio lhe passou pela cabeça e desceu pelo lado direito, e não percebeu nada mais até o momento em que ouviu os dois homens orando por ela. Ellen olhou ao seu redor e tentou levantar-se, mas caiu para trás, impotente deitada, imóvel, por longo tempo, ela se perguntava: *Será que ainda verei meus meninos? Henry, Edson, Willie, se eu tão-somente pudesse vê-los mais uma vez!*

“Um derrame! Um grave derrame!” ela ouviu os homens dizerem. Mas continuaram a orar. Depois de algum tempo, ela fez outro esforço para levantar-se. Com a ajuda de seu esposo, conseguiu ficar em pé e mexer-se um pouco.

Pela manhã, o casal Palmer disse:

- Pastor White, vocês não devem pensar em prosseguir viagem hoje. Fiquem mais algum tempo conosco, até que sua esposa se fortaleça mais.

Quando chegou a hora de irem para a estação, Tiago White olhou demoradamente para sua pequenina esposa, que lutava com grande dificuldade para sentar-se.

- O que faremos, Ellen? - perguntou Tiago.

Ela havia sentido muita dor durante a noite, mas sua resposta veio sem hesitação.

- Diga aos irmãos Palmer que partiremos.

Com a ajuda do esposo, Ellen foi até a carruagem, sentindo dor, e foi erguida para acomodar-se lá dentro. Em pouco tempo estavam no trem, para a viagem de duas horas até Battle Creek. Durante semanas após a volta para casa, minha avó não pôde dar um passo sozinha; não podia sentir nem mesmo a água mais gelada derramada sobre sua cabeça. Mas ela não se esquecia da ordem do anjo, no sentido de escrever a visão e publicá-la.

Ela pediu papel e pena para escrever, enquanto seu lado ainda se encontrava paralisado. Tentando com todas as suas forças, Ellen conseguiu escrever algumas frases e, ao final do primeiro dia, completou uma pagina.

“Não desistirei!” declarou ela. “Fui avisada de que Satanás tentaria impedir que eu escrevesse a visão, porque ela expõe seus planos secretos de enganar o povo e levá-lo a destruição. Mas recebi a promessa de que os anjos me fortalecerão.”

Ellen White continuou sua batalha, conseguindo produzir cada dia um pouco mais que no dia anterior. Quando a visão terminou de ser escrita e impressa, o efeito do acidente cerebral havia desaparecido e ela gozava saúde normal.

A visão encheu um livro de 219 paginas, que foi vendido por cinqüenta centavos. Relatava o inicio do pecado e da tristeza, primeiro no Céu, depois no jardim do Éden. Revelava como o Filho de Deus se oferecera para morrer em lugar dos pecadores. Mostrava suas lutas aqui na Terra com o grande inimigo, Satanás, que finalmente levou homens ímpios a pregarem-no na cruz.

Ela descreveu o interesse mostrado pelos anjos e habitantes de mundos não caídos no grande plano de Deus para salvar os homens, e o espanto do Universo inteiro diante do amor inefável de Deus ao dar seu próprio Filho para salvar a raça de rebeldes. Contou de sua alegria quando Cristo se ergueu para a vida e retornou para o Céu, tendo vencido

Satanás, o pecado e a morte. Descreveu o regozijo das boas-Vindas que Ele recebeu ao voltar para a casa de seu Pai, entre aclamações e louvores de milhões de anjos reluzentes.

Posteriormente, a Sra. White acrescentou uma breve historia do povo de Deus, desde a entrada do pecado no mundo até o tempo em que ele seria erradicado para sempre. Essa maravilhosa história, ao ser mais amplamente desdobrada em anos futuros, encheu cinco grandes volumes, chamados A *Série do Grande Conflito*. Esses livros foram traduzidos e publicados em muitas línguas e são lidos por milhões de pessoas. Eles explicam muitos dos mistérios ligados a grande batalha entre Cristo e seus Santos anjos de um lado, e Satanás e seus anjos maus do Outro.

....

17

Travessia Perigosa Sobre o Gelo

Era meia-noite. Ellen White, em pé junto a janela, contemplava a escuridão. Orava, na expectativa de que a chuva parasse antes de derreter a neve.

O casal White estivera dirigindo reuniões para um novo grupo de observadores do sábado em Round Grove, Estado de Illinois. Agora as reuniões tinham acabado. Os dois pregadores, Josiah Hart e Elon Everts, que haviam leito palestras bíblicas no local, tinham prometido levar meus avós numa viagem ate Waukon, Iowa. Haviam feito os preparativos para o início da viagem no dia seguinte, mas a chuva que caia estava derretendo a neve, tornando impossível andar de trenó.

“Parece que teremos de desistir da viagem”, disse Tiago. E por que não? Como viajar mais de trezentos quilômetros num trenó aberto, em pleno inverno? A razão era que Ellen tinha visto em visão que os adventistas em Waukon precisavam de ajuda e ela se sentia impelida a vê-los o quanto antes.

Quando a família da *Review* se mudou de Rochester para Battle Creek, o pai de John Andrews deixou sua fazenda pedregosa no Estado do Maine e se mudou para o Oeste. Escreveu para os amigos: “Venham morar aqui. A terra é barata e há muita madeira. Vocês podem construir suas casas e recomeçar a vida, além de levar a verdade do sábado para as pessoas que ainda não a ouviram.” Não demorou muito para que houvesse uma verdadeira colônia adventista em Waukon.

Cansado de escrever, estudar e pregar constantemente, John Andrews aceitou alegremente a proposta de ir para Waukon e trabalhar no armazém de seu tio. Após a sua chegada, escreveu para seu amigo John Loughborough, convidando-o a vir Lamloém. Loughborough estava desanimado. Por vários anos estivera pregando enquanto procurava sustentar-se e à sua esposa com as magras ofertas que recebia. Essa era sua oportunidade, pensou ele, de ganhar um pouco de dinheiro. Correu até Waukon, comprou um jogo de ferramentas e começou a ganhar um salário regular como carpinteiro.

Aquela noite, na casa da família Hart, Ellen White dormiu pouco. Pensava em quão necessários eram aqueles dois jovens na obra de Deus. Se tão-somente a fé de ambos pudesse agüentar um pouco mais! Homens de recursos estavam aceitando a mensagem e começando a manter o trabalho da *Review*. Dentro de pouco tempo, poderiam ajudar os jovens pregadores. Esses dois obreiros precisavam ser trazidos de Volta.

Antes de recolher-se naquela noite, o Sr. Hart perguntou:

- Irmã White, quais são os seus planos quanto à viagem para Waukon?

- Nós vamos! - respondeu ela.

-Sim - disse ele. – Se o Senhor operar um milagre, iremos.

Muitas vezes, durante aquela noite, ela ficou junto a janela, esperando que o milagre acontecesse. Ao amanhecer, a neve começou a cair e continuou durante o dia todo. Era o milagre pelo qual haviam orado. No fim da tarde, havia neve suficiente para permitir uma viagem de trenó, e o grupo decidiu partir.

Não sabemos onde pararam naquela primeira noite ou se chegaram a parar. No entardecer seguinte, chegaram à casa de uma família de adventistas em Green Vale e passaram a noite com eles. Pela manhã, as estradas estavam bloqueadas por pesadas nevascas, e o grupo foi compelido à esperar vários dias. Assim mesmo, depois de partir, precisaram parar varias vezes para escavar os profundos montes de neve acumulada.

Por fim, encontravam-se a poucos quilômetros do rio Mississipi. Por Volta das quatro horas da manhã, ouviram o som da chuva no telhado do hotel.

Naquele tempo, não havia ponte sobre o rio. Teriam de fazer a travessia sobre o gelo. E agora a chuva caia sobre o gelo, tornando-o brando e quebradiço.

Antes do alvorecer, estavam de pé e a caminho, sabendo que cada hora de chuva aumentava o perigo da travessia. Os cavalos quebravam a crosta de neve quase a cada passo, Ao cruzarem com outras pessoas no caminho, o Sr. Hart parava e perguntava:

- Como esta o rio? Será que o gelo nos agüenta?

As respostas não eram nada animadoras.

- Eu não tentaria isso nem por todo o dinheiro do mundo - disse um.

- Dizem que um grupo quebrou o gelo e o condutor quase perdeu a vida – outro observou.

Os viajantes chegaram as margens do rio. Em pé, no trenó, o Sr. Hart perguntou:

- Vamos para Iowa ou voltamos para Illinois?

Chegamos ao Mar vermelho vamos atravessá-lo?

Sem hesitação, a Sra. White respondeu:

- Vá em frente, confiando no Deus de Israel.

O Sr. Hart conduziu o trenó cautelosamente sobre o gelo, coberto por uns trinta centímetros de água e neve que se derretia. Todos no trenó oravam.

O gelo agüentou!

Quando o trenó subiu pela ribanceira oposta, aclamações irromperam dos homens que estavam ao longo da margem. Haviam esperado, a cada momento, ver o grupo afundando. Louvores ascenderam a Deus por parte dos ocupantes do trenó. Se tivessem assumido aquele enorme risco por conta própria, não poderiam ter reivindicado a proteção do Céu. Mas, atendendo ao chamado de Deus, confiaram nAquele que podia guardá-los em segurança.

Na sexta-feira, pararam num hotel para descansar durante o sábado. Ao entardecer, quando se reuniram na sala de estar para cantar hinos, os hospedes do hotel vieram também e quase lotaram o recinto. O Sr. Everts pendurou seu diagrama e deu um estudo bíblico. Quando o grupo partiu, o dono do hotel disse: “Passem por aqui na volta e dirijam outra reunião para nos.”

O clima se tornou enregelante. Andando no trenó aberto, os viajantes observavam o rosto uns dos outros. Ocasionalmente, alguém exclamava: “Estou vendo uma mancha branca em sua face; é melhor esfregá-la com neve."

No último dia da viagem, Ellen White escreveu numa Carta para casa: “Aqui estamos nós, a vinte e dois quilômetros de Waukon. Todos estamos bem. A viagem tem sido um tanto monótona até agora. Ontem, por muitos quilômetros, não havia trilhas. Nossos cavalos tiveram de andar pela neve profunda, mas avançamos...

“Ah, que comida temos tido nesta Viagem! Na última Segunda-feira, não conseguimos alimento decente e não pusemos nada na boca, de manha ate à noite, a não ser uma pequena maçã. Na maior parte do tempo nos sentimos confortáveis, mas esse é o clima mais frio que já enfrentamos.

“Ontem à noite dormimos num quarto sem mobília, onde havia uma abertura para a chaminé do fogão a lenha, um espaço aberto, grande o suficiente para que dois gatos passassem por ali." O Vento frio soprava por aquela grande abertura.

O grupo de Waukon se espantou ao ver os visitantes. Ninguém havia considerado possível que alguém fizesse a viagem de Illinois num clima como aquele, John Loughborough estava trabalhando numa loja quando ouviu o irmão Everts chamando:

- Desça aqui, John! O casal White e o irmão Hart estão aqui para vê-lo.

Ele desceu da escada e se pôs ao lado do trenó olhando para ele, a Sra. White perguntou solenemente:

- Que fazes aqui, Elias?

- Estou fazendo um trabalho de carpintaria com o irmão Mead - respondeu John Loughborough.

A Voz da Sra. White soou ainda mais solenemente que antes.

- Que fazes aqui, Elias?

John pendeu a cabeça.

Pela terceira vez, a Sra. White perguntou:

- Que fazes aqui, Elias?

Não havia nada que John pudesse dizer.

Na véspera do Natal, todas as famílias adventistas em Waukon se reuniram na casa de Andrews. Durante uma semana, as reuniões se realizaram todas as noites o grupo estudou a mensagem para a igreja de Laodicéia, a última igreja Crista na Terra antes da volta de Jesus. Eles haviam pensado que a repreensão ali contida se destinava só as igrejas que haviam rejeitado a mensagem da breve volta de Jesus. Mas agora viam que eles mesmos eram também “mornos”, que eram “miseráveis, sim, pobres, cegos e nus”.

Entenderam que muitos dentre eles, que haviam ensinado a verdade com tanto fervor no passado, estavam agora esquecendo-se de partilhar sua fé com os vizinhos. Nas conversas com outros moradores de Waukon, tinham muito a dizer sobre suas fazendas e as casas que estavam construindo. Mas pouco diziam acerca da gloriosa Nova Terra e das mansões que Jesus estava construindo para eles.

Lembravam-se agora dos velhos tempos em que haviam feito brilhar sua luz para Deus. Muitos choraram em voz alta. Jesus viu o quanto se entristeceram e enviou-lhes uma mensagem de ânimo. Numa das reuniões vespertinas, Ellen White recebeu uma visão, durante a qual repetia lenta e solenemente as palavras: “Voltem-se para mMm, e Eu voltarei para vocês. Perdoar-lhes-ei a atitude relapsa e os amarei livremente. Removam o entulho da frente da porta do seu coração e abram a porta, e entrarei e cearei com vocês e vocês comigo.” As palavras revelaram ao arrependido grupo que Deus ainda os amava, e todos saíram animados.

Mary Loughborough pôs-se em pé e disse: “Irmão e Irmã White, eu pensava que nos encontrássemos num lugar onde não podíamos ser descobertos; mas estou contente porque vocês vieram. Tenho pecado e tenho levado meu esposo a pecar. Que Deus me perdoe! Quero remover o entulho. Abro a porta do meu coração. Entra, Senhor Jesus!"

Um dos homens confessou que às vezes havia tanto trabalho na lavoura, que ele usava as horas sagradas do sábado para atividades da labuta semanal. Outro contou que havia reduzido suas ofertas porque queria mais dinheiro para investir em terras. Um após outro, os membros endireitaram seus erros e pediram perdão por coisas más que haviam

dito ou feito.

A Sra. Loughborough pos-se ao lado do marido.

- John – disse ela – reclamei porque você esteve ausente tantas vezes, pregando, e me deixava em casa sozinha. Perdoe-me! Volte, confiando em Deus, e faça a obra dEle.

- Já pus de lado o martelo e preguei o último prego – respondeu seu esposo.

John Andrews também renovou sua promessa de retornar a obra especial para a qual Deus o havia chamado.

A reunião estendeu-se até a meia-noite. Às dez horas da manhã, os adventistas se encontraram para mais sete horas, sem mesmo um intervalo para o almoço.

Durante as reuniões, um irmão orou especialmente por seu filho, que se recusava a crer na Bíblia. A oração do pai foi atendida. Pouco tempo depois, enquanto o rapaz viajava de barco pelo Mississipi, foi detido num lugar chamado Rock Island. Dirigiu-se para a praia. Sem outra coisa para fazer, começou a pensar seriamente. Existiria um Deus realmente? Como saber? Então ele ouviu uma voz que lhe falava palavras reais, que ele podia ouvir com seus ouvidos: "Creia na Bíblia; ela e a Palavra de Deus." De imediato ele respondeu com voz audível: "Sim, Senhor; crerei." '

De volta ao barco, ajoelhou-se em seu camarote e entregou o coração a Deus. Depois disso, voltou para casa e ajudou nos trabalhos agrícolas, fazendo ao mesmo tempo palestras bíblicas e dando estudos aos vizinhos. Mais tarde, tornou-se ministro em tempo integral. Esse rapaz foi George I. Butler, que por muitos anos foi presidente da Associação Geral.

Lagrimas corriam quando o grupo de Waukon acenava adeus aos visitantes de Illinois. Todos haviam prometido fazer de Deus o primeiro em todas as coisas. Nunca mais permitiriam que os "cuidados deste mundo e o engano das riquezas" ocultassem deles a face de Jesus.

John Loughborough voltou com o casal White, abandonando a carpintaria com seu bom salário, sem saber o que o aguardava. Estava disposto a ir a qualquer lugar e a fazer qualquer coisa por Cristo.

Partindo com os demais naquela viagem de trezentos quilômetros em meio a tormentas e frio, ele não pensava em si mesmo, mas em Mary; sua esposa. Bravamente, ela devia enfrentar agora as durezas da vida dos pioneiros, sem sua companhia e ajuda. Durante o restante do inverno, ele passou muito tempo visitando crentes isolados. Dentro de alguns meses, Mary foi encontrá-lo. Por algum tempo viajaram e trabalharam com o casal White. Durante os verões, o Pastor Loughborough saia com uma tenda, realizando reuniões evangelísticas em lugares novos.

John Andrews permaneceu em Waukon até recuperar a saúde. Depois voltou para a obra de Deus. Nunca mais qualquer outra dificuldade fez com que esses dois homens deixassem a obra do evangelho.

Enquanto o trenó deslizava rumo ao lar sobre a neve, o Pastor White disse: "Sinto-me muitas vezes recompensado por enfrentar os ventos e as tempestades das planícies." Os seus companheiros se agasalharam ainda mais com os sobretudos e se enrolaram nas mantas. Verdadeiramente, Deus os havia abençoado. Seu amor lhes aquecia o coração.

18

O Pregador era Ladrão

Durante o inverno de 1849-1850, Tiago e Ellen White realizaram reuniões para os adventistas em Oswego, Estado de Nova Iorque.

Um jovem chamado Hiram Patch e sua noiva estavam assistindo a essas reuniões. Tinham planos de casar-se logo. Ambos haviam decidido colocar o fundamento certo para seu novo lar, tornando-se cristãos e membros de uma igreja. Mas a qual igreja deveriam unir-se?

Enquanto se decidiam, foram persuadidos a assistir a algumas reuniões de reavivamento dirigidas pelo tesoureiro do município, numa das igrejas da cidade. Ele parecia demonstrar grande preocupação pelos inconversos, torcendo muitas vezes as mãos em sinal de aflição enquanto orava pelos pecadores:

Hiram Patch e sua noiva não haviam decidido ainda se deveriam tornar-se membros da grande igreja onde esse tesoureiro pregava ou do pequeno grupo de observadores do sábado que se reunia numa casa de família.

Durante uma reunião dos guardadores do sábado, enquanto Hiram estava presente, Ellen White teve uma visão. Sua atenção foi dirigida para Oséias 5:7: "Aleivosamente se houveram contra o Senhor." Foi-lhe dito que essas palavras se aplicavam as pessoas que dirigiam encontros de reavivamento na igreja.

Depois da visão, ela disse a Hiram Patch:

- Espere um mês, e você conhecera por si mesmo o caráter dessas pessoas.

- Vou esperar - Hiram respondeu.

Dentro de duas semanas, o tesoureiro do município ficou gravemente enfermo enquanto orava numa reunião. Foi levado para casa e colocado na cama. O xerife da cidade e um policial foram nomeados para assumir as funções do tesoureiro durante sua ausência.

Enquanto verificavam os registros contábeis, deram falta de mil dólares. Não podiam acreditar que aquele homem, tão fervoroso na liderança dos reavivamentos, pudesse ser culpado de furto. Talvez ele tivesse usado o dinheiro para pagar alguma transação comercial ou depositado a quantia no banco, esquecendo-se de fazer a devida anotação no livro, concluíram eles. E decidiram visitá-lo para dar-lhe a oportunidade de explicar a questão.

Mas concordaram em agir com cautela; se ele tivesse tornado o dinheiro para si, com certeza tentaria esconder o furto. Combinaram que um deles vigiaria os fundos da casa, enquanto o outro entraria pela

porta da frente. conforme o plano, o policial escondeu-se num galpão perto da porta dos fundos, enquanto o xerife batia a porta da frente, Quase no mesmo instante, o policial viu uma mulher saindo pela porta dos fundos com um saquitel na mão. Ele a viu indo rapidamente na direção de um monte de neve, cavar um buraco, depositar o saquitel e cobri-lo.

O xerife conversou durante um momento com o enfermo e depois lhe contou da perplexidade que havia tido no escritório, sugerindo que ele talvez pudesse explicar o problema. O tesoureiro ficou agitado, ergueu a mão para o céu e disse:

- Invoco a Deus como testemunha de que nada sei acerca do dinheiro.

Nesse momento sua esposa entrou no quarto.

- Qual é o problema? Por que você esta tão nervoso? - perguntou ela.

- Eles acham que peguei dinheiro.

A esposa também levantou a mão e disse:

- Deus é testemunha de que não temos esse dinheiro, nem sabemos qualquer coisa sobre ele.

A mulher havia acabado de dizer isso quando o policial entrou com o saco de dinheiro. Segurando-o diante deles, disse:

- O que é isto aqui, senhora? Eu a vi sair Correndo de casa e escondê-lo no banco de neve; aqui esta ele, o saquitel de dinheiro, marcado com a indicação de l.000 dólares!

Não demorou muito para que uma notícia como essa se espalhasse pela cidade e o tal reavivamento entrasse em colapso repentino. A predição feita na visão se cumprira. Hiram e sua noiva passaram a fazer parte do grupo dos observadores do sábado.

Naquele mesmo inverno, o casal White também dirigiu reuniões em Camden. Antes de ir para lá, Ellen viu em visão os adventistas do lugar. Entre eles, viu uma mulher que professava ser muito santa, mas era uma hipócrita, enganando a igreja.

Essa senhora dizia que era possível atingir um estado de perfeição que colocava a pessoa acima da lei de Deus. Ela mesma professava ter atingido esse estado perfeito.

Durame uma das reuniões em Camden, a Sra. White viu novamente essa mulher e foi-lhe dito que ela era uma fingida que não vivia de modo correto. Após a visão, minha avó relatou o que havia visto. Com dignidade, a mulher levantou-se e disse: “Deus conhece meu coração e, se a senhora pudesse vê-lo, saberia que ele e puro e limpo.” A reunião se encerrou.

Pouco tempo depois a mulher ficou tão doente que achou que estava morrendo, Muito agitada, clamou: “Preciso ver a irmã White; tenho uma confissão a fazer-lhe. Eu disse a ela que era uma boa mulher, que era pura. Não é verdade sou uma mulher ímpia. O homem com quem vivo não é meu esposo. Deixei na Inglaterra um bom marido e uma criança pequena, para fugir com esse homem. Nunca fomos casados. Tenho declarado ser médica, e vendido remédios que jurei terem custado um dólar o frasco, quando na verdade custaram doze centavos”

Ninguém daquele grupo conhecia a mulher antes de ela ter se unido aos crentes. Ninguém poderia ter contado a Sra. White que tipo de pessoa ela era. Mas Deus sabia. Muitas vezes, enviou advertências desse tipo para proteger seu povo desses embusteiros, a fim de mostrar o quanto Ele odeia o pecado e a hipocrisia.

Mas repreendia Ele somente os grandes pecados? Será que Deus não passa por alto aquilo que chamamos de “pecadinhos”? Será que Deus, o Criador do Universo, notaria um ato tão insignificante como pegar uma rede de cabelo? Eis a história da rede de cabelo, que ouvi de vovó Ellen:

Certa ocasião, varias moças ligadas ao Colégio Healdsburg estavam morando na casa da família White. Algumas eram alunas e outras eram professoras. Um dia, vovó estava se vestindo no quarto e sentiu falta da redezinha que usava no cabelo. Era uma rede de seda, muito bem-feita, a qual ela usava ao sair. Olhou pelo quarto e depois procurou pela casa, mas não pôde encontrá-la.

Na primeira oportunidade em que a família estava reunida, ela perguntou:

- Alguém viu minha rede de cabelo? Tenho certeza de que estava sobre minha cômoda ontem a noite. É claro que vamos encontrá-la; ela não pode ter sumido sozinha.

Não houve resposta.

Pouco tempo depois, vovó ia passando na frente de um dos quartos das moças, a caminho de outro cômodo, quando ouviu uma voz que lhe dizia:

“Levante a tampa daquele baú.” Como não era seu costume mexer nos objetos pessoais dos outros, prosseguiu seu caminho.

Mas a voz lhe disse de novo: “Levante a tampa daquele baú.” A ordem foi tão insistente que ela parou e ergueu a tampa. Ali, no compartimento superior, estava a rede sumida vovó fechou o baú e não fez menção do que havia visto, mas perguntou mais uma vez as moças pela rede. Agora ela sabia quem a havia retirado, mas queria dar a transgressora a oportunidade de confessar. Ninguém respondeu.

Um pouco mais tarde, sentada diante da lareira, vovó teve uma visão muito breve. Ali, diante de seus olhos, apareceu a figura de uma moça (nós a chamaremos de Elsie) segurando uma rede de cabelo sobre um lampião de querosene, para queimá-la.

Vovó agora sabia que era inútil esperar que Elsie confessasse; chamou a moça, portanto, e lhe contou da voz que havia ouvido e da descoberta da rede dentro do baú, bem como da visão em que ela aparecia queimando a rede.

Elsie contou a historia toda aos soluços

- Não sei por que fiz isso - disse ela. – Também não sei por que não a devolvi quando a senhora perguntou por ela a primeira vez. Mas depois fiquei com vergonha de admitir que eu era a culpada.

Como foi que Elsie enfrentou essa experiência?

Por acaso ela disse: “E inútil tentar ser Cristã; todos vão me chamar de ladra; ninguém terá confiança em mim”?

Não, não foi assim! Ela confessou, Aceitou o perdão prometido por Deus. Sua queda lhe mostrou que, ela não podia, por si mesma, fazer o que era correto. Precisava da ajuda do Salvador. Ali mesmo entregou-se inteiramente a Jesus e fez dEle seu companheiro constante. A partir daquele dia, viveu uma vida Cristã sincera, que levou alegria a todos os que a amavam.

....

19

Os Sete Irmãozinhos Sisley

Uma grande tenda havia sido erigida em Battle Creek para reuniões especiais. Certa noite, o Pastor e a Sra. White estavam sentados na plataforma com vários ministros, esperando o início da reunião.

- Tiago, você esta vendo aquelas pessoas entrando na tenda? – perguntou Ellen. – Aquela mãe com sete filhos? Eu já os vi antes numa visão. Estão chegando da Inglaterra.

- Por que não os convidamos para vir aqui e os apresentamos ao povo? – um dos ministros sugeriu.

Isso foi feito. Ali estavam eles em fila, a mãe Sisley com John, William, Richard, Nellie, Josephine, Maude e Martha.

A Sra. White aproximou-se do grupo e disse a congregação:

- Esta mãe e viúva. Trouxe seus filhos da Inglaterra, onde aprenderam acerca do sábado do sétimo dia, para ficarem aqui em Battle Creek conosco. Antes de falecer, papai Sisley pediu que a mãe os trouxesse para a America do Norte, onde poderiam estudar entre os observadores do sábado. Espero que todos lhes dêem calorosas boas-vindas e os façam sentir-se a vontade. O Senhor me mostrou que cada uma dessas crianças se tomara um obreiro em sua causa.

E assim aconteceu. Anos mais tarde, quando o jovem Ernest Lloyd chegou a Battle Creek para freqüentar o Colégio, conheceu William Sisley, William contou a Ernest que seu irmão mais velho, John, era pastor. Nellie era enfermeira. Mais tarde, casou-se com o evangelista George B. Starr, e por muitos anos dirigiram missões urbanas e prepararam instrutores bíblicos para irem de casa em casa. Josephine era professora numa escola adventista na Austrália. Maude foi nossa primeira

mulher missionária na África. Richard foi missionário de sustento próprio em Java. William, Martha e o marido de Martha trabalharam até o fim da vida como obreiros no escritório da *Review.*

Assim, vemos que a predição da Sra. White se cumpriu. Embora não tivesse conhecido pessoalmente a família Sisley até aquela noite em que entraram na tenda, todas as suas palavras se cumpriram.

Pouco tempo depois que os sete irmãos Sisley chegaram a Battle Creek, Nellie esteve presente numa oportunidade em que a Sra. White teve uma visão. Nellie, com catorze anos de idade, e sua mãe estavam assistindo a uma reunião a noite, ouvindo o Pastor White. Como de costume, a Sra. White disse algumas palavras também, depois dele. Ela advertiu o povo quanto ao perigo de condescender com os "pecadinhos" e de seguir as loucas praticas do mundo. Então, sem qualquer indicio prévio, ela caiu para trás, mas "parecia que mãos de anjos estavam por baixo dela, enquanto ela caia lenta e suavemente", como Nellie contou.

Naturalmente, alguns imaginaram que ela havia desmaiado, pois a noite estava quente e ela falara com muita ênfase. Um homem correu para buscar um copo d`água e vários começaram a abrir as janelas, Mas o Pastor White disse:

- Não há motivo para ansiedade. Minha esposa não desmaiou; esta tendo uma visão.

Mais tarde, ao contar essa experiência, Nellie disse: "Imediatamente se fez Silêncio no auditório. Parecíamos sentir uma doce e pacifica serenidade, como se anjos estivessem no salão."

Meu avô falou novamente:

- Talvez haja alguns aqui que tenham duvidas acerca da inspiração da Sra. White. Se houver alguém assim, gostaria de convidá-los a aproximar-se e verificar os testes físicos apresentados na Bíblia.

Ele se ajoelhou ao lado da esposa e lhe ergueu a cabeça e os ombros, apoiando-os sobre seu joelho,

- Mamãe, vamos lá – Nellie cochichou.

Ela ouvira sua mãe expressar algumas duvidas quanto as visões. Como se encontravam entre os primeiros a irem a plataforma, Nellie pode ficar bem perto da Sra. White para observá-la.

- Veja, mamãe – disse Nellie – ela parece não perceber nossa presença, Esta olhando para alguma coisa distante... e... e não está respirando!

Nesse momento, dois homens se aproximaram e ficaram um de cada lado da Sra. White. Um era o Sr. Aldneh, gerente da *Review*, e o outro, um empregado da editora. Ambos eram homens fortes. Falando ao auditório, o Pastor White disse:

- Todos sabem que, ao comentar uma ocasião em que fora tomado em visão, o profeta Daniel disse: "Não retive força alguma... nem fôlego ficou em mim." Então Daniel conta que alguém que tinha a aparência de um homem o tocou e o fortaleceu.

Agora vejamos se a experiência da Sra. White em visão é semelhante a de Daniel. Vocês a viram cair, fraca, ao entrar em visão. Verifiquemos se ela foi fortalecida com poder sobrenatural como Daniel.

Naquele momento, as mãos dela estavam cruzadas levemente sobre o peito.

- Agora quero que vocês dois, homens fortes, segurem os braços dela e tentem separá-los – orientou o Pastor White. – Um de vocês em cada lado, puxem com toda a força que tiverem.

Ambos tentaram afastar as mãos dela, mas não conseguiram.

- Tentem outra vez; puxem com mais força. São quatro mãos contra as duas dela. Peguem os seus dedos e tentem separá-los um de cada vez.

Eles tentaram novamente, mas desistiram.

- Temos medo de machucá-la ou de interferir na visão que esta tendo - disseram.

- E impossível – garantiu-lhes o Pastor White. – Nada que puderem fazer vai machucá-la ou interferir nas cenas que estiver contemplando, pois ela se encontra sob os cuidados de Deus.

Alguns minutos depois, a Sra. White descruzou as mãos e começou a movimentá-las.

- Agora vejam se conseguem impedir os seus movimentos - disse Tiago.

Os gestos que ela fazia eram tão leves e soltos, que davam a impressão de que uma criança poderia controlá-los. Nem mesmo assim os dois homens puderam alterar-lhe os movimentos.

Tiago White pediu que alguém trouxesse um espelho de alguma casa próxima à igreja.

- Vocês sabem o que acontece quando uma pessoa respira junto a um espelho - disse ele. – O espelho fica embaçado por causa da umidade da respiração. Quero que tenham a certeza de que e verdade aquilo que ouviram acerca de a Sra. White não respirar quando esta em visão.

Ele segurou o espelho junto a boca da Sra. White por algum tempo, mas nenhuma umidade se formou na superfície. Todos puderam ver que ela não respirava, apesar de dizer algumas coisas de vez em quando, como se estivesse conversando com alguém. Seu esposo disse:

- Ela esta conversando com seu anjo assistente, aquele que vem para explicar-lhe o significado das cenas que lhe são mostradas e trazer as mensagens do Céu para o povo de Deus na Terra.

Num sussurro que foi audível para o Pastor White, Nellie perguntou:

- Como e que ela pode ficar com os olhos abertos tanto tempo, sem piscar nenhuma vez?

- Esse também é um sinal - respondeu ele. – Os olhos de um profeta verdadeiro ficam abertos durante uma visão celestial. Agora vejamos se podemos fazê-la fechar as pálpebras um pouquinho só.

Diante dessa sugestão, um dos homens ergueu uma lamparina acesa que estava sobre o púlpito, removeu a proteção e passou-a de um lado para o outro diante dos olhos dela, bem perto do rosto. Suas pálpebras nem mesmo tremeram.

- Essa lamparina vai ferir os olhos dela! Vai arruinar sua vista! - exclamou a menina, quase em lagrimas.

O Pastor White, mais uma vez, acalmou-lhe os temores:

- A luz não pode prejudicar os olhos dela; Ellen esta vendo uma luz muito mais brilhante que essa.

Para as pessoas que ali estavam, Tiago disse solenemente:

- Todos viram que as visões para a mensageira de Deus hoje são dadas da mesma forma como o eram aos seus profetas nos tempos bíblicos. Mas para provar que as visões são do Céu, há uma evidência muito mais forte do que qualquer um desses sinais físicos, e essa é a natureza das mensagens que elas trazem. As visões confirmam a fé nas Escrituras como a Palavra inspirada de Deus, e em Jesus como o divino Filho de Deus, nosso único Salvador. Indicam o caminho para o Céu e nos advertem dos perigos ao longo da jornada. Apresentam instruções sobre como vencer o pecado e nos tornarmos semelhantes a Jesus no caráter. E a prova definitiva de sua origem Celeste e que sempre concordam, em todos os pontos, com as instruções registradas na Bíblia, que foi dada por intermédio dos profetas de Deus nos tempos passados, e por Jesus Cristo e Seus apóstolos.

Nellie contou que, enquanto a Sra. White permaneceu em visão, olhava para cima e para longe. Sua expressão era perfeitamente natural, embora mudasse de vez em quando, da alegria para a tristeza. Também se encolhia às vezes, como se estivesse vendo cenas tristes.

Quando ela saiu da visão, seu esposo lhe perguntou se estaria disposta a contar ao povo algumas das coisas que havia visto. Ela se pôs em pé e falou por cerca de meia hora. Era tarde da noite, mas todos a ouviam atentamente.

Ela Contou que havia visto o povo de Deus salvo, no lar celestial, e fez uma breve descrição da beleza e felicidade da Nova Terra. A parte da visão que a deixara tão perturbada, disse ela, foi a do juízo final e da destruição dos ímpios. O que lhe havia causado a maior angustia fora ver, entre os perdidos, alguns de seus companheiros, membros da igreja. Haviam se Colocado a caminho do Céu, mas

se afastaram e se perderam. Alguns haviam sido vencidos pela tentação de participar dos prazeres do mundo; alguns ficaram desanimados pelas provações; outros se haviam interessado mais em ganhar dinheiro e adquirir propriedades do que em garantir sua mansão no Céu.

Ao sair da visão, a Sra. White não conseguia ver distintamente, a principio. Explicou que isso se devia ao fato de ter contemplado cenas de tanto esplendor, que necessitaria de tempo para

acostumar os olhos a fraca luz terrestre. Comparou essa experiência a deles mesmos, quando olhavam na direção do sol e depois afastavam os olhos – quão escuro parecia tudo por algum tempo.

- Ah, como eu gostaria de descrevê-lo! - disse Ellen. – Não há linguagem para contar-lhes nem mesmo um pouco do que me foi mostrado. Se vocês pudessem ver o que vi, nunca mais permitiriam que qualquer coisa deste mundo os tentasse a viver de modo a incorrer no perigo de perder a Vida eterna.

....

20

Ellen o Trouxe de Volta

- Ellen, nunca me senti tão cansado em toda a minha vida disse Tiago White com um suspiro enquanto pegava seu sobretudo e a sacola de viagem.

Não é para menos querido; depois daquela reunião que terminou tão tarde ontem à noite.

Sua esposa olhou ao redor pelo quarto, para ver se não estavam deixando nada para trás. Eram três horas da manhã. Haviam descansado menos de quatro horas e já estava no horário de tomar o trem.

Esta sendo uma viagem cansativa, Tiago; às sete horas de jornada em estradas esburacadas, as reuniões até tarde as conversas are depois da meia-noite nas casas das pessoas que nos hospedaram, dias longos demais e noites muito curtas. Mas precisamos correr se quisermos tomar o trem das três e meia. O trem para casa Tiago! O trem para casa!

- Sim para casa e para um pouco de descanso, e para uma comida saudável depois das refeições terríveis que tivemos nesta viagem!

Eles pegaram a bagagem fecharam a porta e correram pela rua fracamente iluminada are a estação.

Mas o trem havia perdido algumas conexões e eles tiveram de esperar ate a tarde para tomar outro. Passava bastante da meia-noite quando finalmente chegaram a Battle Creek.

Pela manha, Ellen suplicou:

- Tiago, não vá ao escritório hoje. Você devia descansar antes de retornar seu trabalho. – Preciso ir – disse ele – mas amanhã eu descanso. – E saiu, para voltar só tarde da noite.

Na quarta-feira de manhã, ele disse a Willie:

- Você não precisa buscar o leite hoje; mamãe e eu faremos uma caminhada e passaremos pela casa do irmão Lunt na Volta.

Enquanto Ellen entrava na casa para receber o leite, Tiago foi à horta. Vendo uma linda espiga de milho, colheu-a e começou a tirar a palha. De repente, seu braço direito caiu, impotente, Ellen, que saia da casa com o pequeno jarro de leite, viu-o cambalear. Correndo em sua direção, ajudou-o a entrar- na casa e deitar-se no sofá.

Com esforço considerável, ele conseguiu dizer:

- Ore! Ore!

Eles oraram e mandaram chamar o médico; mas este não pôde fazer nada. Outros médicos também fizeram exames. Um deles disse:

. - A senhora não deve ter esperanças de que seu marido se recupere desse grave derrame.

Tiago ouviu essas palavras.

Depois que o médico saiu, Ellen disse:

- Não ligue para o que aquele homem falou, querido. Deus pode curá-lo. Estamos todos orando. Enquanto oro, o Céu parece estar muito perto. Tenho certeza de que você vivera a fim de continuar sua obra para Deus.

Durante semanas, o Pastor,White precisou de cuidados constantes. Sua esposa cuidava dele durante o dia, e senhoras da igreja se revezavam à noite. Naquela época não havia hospitais adventistas, e os médicos sabiam fazer muito pouco em favor dos doentes além de receitar remédios. Ellen se lembrava de um lugar só, no país, onde os enfermos eram tratados sem drogas venenosas. O casal White havia visitado esse lugar no ano anterior.

Ela enviou um telegrama ao Pastor Loughborough, que foi ao encontro deles em Battle Creek, para juntos irem a um hospital em Dansville, Nova Iorque, onde os médicos usavam tratamentos hidroterápicos e outros remédios naturais com bons resultados. O Pastor Loughborough também estivera sofrendo com os resultados de excesso de trabalho e alimentação pobre, de modo que os dois homens decidiram passar algumas semanas repousando. Queriam ver o que um regime alimentar vegetariano e a hidroterapia fariam em seu beneficio.

O médico-chefe não acreditava que Deus operasse milagres em resposta a oração, e disse aos dois ministros adventistas que eles eram religiosos demais, e que se quisessem recuperar-se, precisariam esquecer a religião e participar dos esportes como os demais pacientes.

Um dia, os músicos que tocavam para os bailes no hospital passaram o chapéu para receber donativos. Ao passarem pela Sra. White, ela disse:

- Não posso usar dinheiro para esse fim. Vocês acham que essas danças elevam o espírito dos pacientes e os ajudam a restabelecer-se. Mas já perceberam que aqueles que dançam ficam languidos por um ou dois dias depois, e outros não conseguem sair da cama? Não é a verdadeira religião, mas a falta dela, que torna uma pessoa melancólica e triste. Um serviço sincero e voluntario para Jesus é o que constitui uma religião alegre e traz saúde.

Tiago White ficava cada dia mais fraco e magro. Apreciava os tratamentos, mas não a atmosfera mundana. Desejava estar entre seus amigos adventistas.

- Por que não ir para casa? – sugeriu Ellen. – Posso aplicar esses tratamentos em você lá mesmo.

Na volta para Battle Creek, passaram por Rochester e convocaram alguns dos ministros para uma oração especial. Mas o Pastor White não foi curado. Isso não desanimou sua esposa.

- Se Deus o curasse agora – disse ela - talvez você continuasse abusando de sua saúde pelo excesso de trabalho. Se fizermos nossa parte, Deus fará a dEle. Nossa parte é obedecer às leis da vida que Ele nos deu.

Naquele verão, a Sra. White levou avante seu ministério publico da melhor maneira que pôde, estando seu esposo doente. Passava os dias da semana cuidando dele, escrevendo e visitando membros da igreja. As sextas-feiras, Edson ou Willie atrelavam Jack e Jim à carruagem e levavam seus pais para realizarem reuniões em alguma das pequenas igrejas perto de Battle Creek. Ellen sempre insistia para que seu esposo fosse junto, pois embora não estivesse suficientemente bem para ajudar na pregação, ela estava certa de que as reuniões seriam para ele uma inspiração, e que o exercício de fazer a viagem ajudaria seu restabelecimento.

Numa quinta-feira, ela disse aos meninos:

- Hoje devemos preparar-nos para o nosso compromisso de sábado em Windsor. Precisamos lazer uma limpeza geral na carruagem. Depois dos muitos quilômetros que essa velha carruagem já percorreu, com certeza a sua aparência é triste.

Assim, a carruagem foi trazida para fora e Edson lhe fez uma faxina em regra. Willie retirou as cortinas laterais esfarrapadas e ajudou sua mãe a lavá-las e remendá-las. Depois lavaram e

consertaram os assentos dos bancos, cobertos com lona impermeabilizada, e os deixaram fora para secar. Partiriam na sexta-feira bem cedo, já que Windsor ficava à distância de um dia inteiro de viagem.

Pela manhã, entretanto, quando Willie abriu a porta do galpão, gritou:

- Mamãe, mamãe! Venha ver o que aconteceu!

Os dois grandes baldes de madeira usados para lavar a carruagem haviam sido pisoteados e estraçalhados. As cortinas, cuidadosamente remendadas, e o forro dos assentos estavam rasgados em tiras. Minha avó suspirou ao conferir os estragos.

Mas quando ela viu o pobre Jack tremendo de dor por causa de um corte no seu lado, quase chorou. O culpado era um grande cavalo do vizinho, que se abrigava na mesma estrebaria com os dois cavalos da carruagem. Deixado solto, ele havia passado boa parte da noite fazendo estripulias. Jim não estava ferido. Havia escapado de seu cabresto. Willie o encontrou entre a carruagem e a parede da cavalariça. Jack tentava contar seus sofrimentos, relinchando de dar do.

Ellen olhou tudo demoradamente e depois disse aos rapazes:

- Vocês sabem quem é responsável por isso. É nosso grande inimigo, que esta sempre tentando desanimar-nos. Vamos permitir? Não, nunca! Adiaremos nossa reunião em Windsor, mas não desistiremos.

Certo dia, numa reunião, ela persuadiu o Pastor White a sentar-se ao seu lado na plataforma. Depois de ter falado, Ellen disse:

- Agora meu esposo vai dirigir-lhes a palavra.

E esperou, ansiosa, para ver o que ele faria.

Quando ele se pôs em pé e falou, ela não conseguiu reter lagrimas de alegria.

Sua ideia seguinte foi um tanto assustadora, já que estavam em meados de dezembro.

- Vamos visitar algumas igrejas ao norte de Michigan. Podemos ir a Wright e ficar na casa da família Roots, e depois prosseguir viagem.

Ela havia concluído que seu esposo invalido não se recuperaria se permanecesse inativo.

Planejaram partir na quarta-feira, mas ao acordarem pela manhã, caía uma nevasca.

- Isso põe fim aos nossos planos de viagem; não podemos sair num dia como esse – disse o Pastor White, sombriamente.

- Iremos, sim, Tiago acho melhor sairmos conforme o plano.

- O que? Cento e quarenta quilômetros numa tempestade como essa? Fora de questão! - protestou ele. - E diga-me, Ellen, como vamos cobrir as despesas adicionais?

Ellen já havia pensado em tudo. Tinha vendido seu melhor tapete. Fizeram a viagem, levando um amigo chamado Rogers para conduzir a carruagem.

Durante seu primeiro sábado em Wright, a Sra. White teve uma grande surpresa: seu esposo fez uma palestra de vinte minutos. Ele também ajudou na reunião do domingo. Durante a semana seguinte, descansou. Cada dia, saia para uma caminhada e varias vezes passeavam juntos na carruagem.

Em fins de janeiro, um tal Sr. Maynard convidou os White para ficarem em sua casa campestre em Greenville e realizarem reuniões para a vizinhança. O Pastor White ajudou na pregação, em quase todas as reuniões. Orar com os enfermos e desanimados e alegrar os solitários fez com que ele se esquecesse dos próprios problemas.

- Tiago, você esta vencendo a batalha; a vida campestre esta lhe fazendo bem.

A Sra. White repetia com tanta frequência essa frase, que seu esposo começou a acreditar nela.

Venderam sua casa em Battle Creek e compraram uma pequena propriedade perto da família Maynard, em Greenville. Ali moraram numa cabana de três cômodos, enquanto esperavam que a casa fosse construída. Chegou a época do plantio. Minha avo sabia que o exercício na horta era justamente o remédio de que seu esposo necessitava. Chamou Willie e disse:

- Quero que você vá ate a cidade e compre três enxadas e três ancinhos. Compre três de cada.

Quando Willie voltou das compras, ela disse:

- Dê-me uma das enxadas, entregue a outra para seu pai e fique com uma. Depois venha comigo para a horta.

Tiago gemeu quando Willie lhe entregou a enxada. Fez muito pouca coisa naquele dia, mas pelo menos se movimentou. Na hora de plantar, foi melhor. Depois, ajudou a colocar as mudas de árvores frutíferas nos buracos.

Quando chegou o tempo de cortar o feno, o Sr. Maynard fez o serviço para eles e tinha pianos de transporta-lo para o celeiro, mas a Sra. White enviou Willie até a casa dele com um bilhete: “Se meu esposo lhe pedir ajuda para carregar a forragem, por favor, recuse. Diga-lhe que esta muito ocupado com seu próprio trabalho. Esse tipo de atividade é justamente o que ele precisa para fortalecer os músculos e recuperar a saúde.” Ela mandou Willie com o mesmo pedido para outros vizinhos.

Alguns dias mais tarde, meu avô entrou em casa parecendo frustrado.

- Ellen – disse ele – você não sabe o que esta acontecendo com nossos vizinhos? Nenhum deles pode juntar o feno para nós. Até o irmão Maynard diz que seu empregado esta ocupado demais.

- Então vamos mostrar a eles que podemos fazer o trabalho sozinhos – respondeu ela, muito alegre. - Willie e eu vamos passar o ancinho para junta-lo e coloca-lo na carroça, se você conduzir os cavalos.

O celeiro ainda não havia sido construído, e o feno precisava ser estocado perto do estabulo. Quando um carregamento chegava, Tiago o retirava da carroça e Ellen ia fazendo as pilhas, enquanto Willie juntava o carregamento seguinte.

Um dia, enquanto a família se encontrava ocupada nesse trabalho, alguns moradores da cidade passaram por ali de carruagem. Olharam com curiosidade para a Sra. White lá fora no campo, no meio do feno, fazendo pilhas. Era mesmo essa mulher que havia recentemente dirigido reuniões evangelísticas? Mas Ellen não ficou nem um pouquinho embaraçada. Sentia-se feliz porque o trabalho no campo vinha restabelecendo a saúde de seu marido, e nada podia acovarda-la.

Antes de ter transcorrido a metade do verão, Tiago estava trabalhando como qualquer outro agricultor. Depois viajou com sua esposa de um Estado para Outro realizando reuniões, como havia feito antes de ser atacado de paralisia. Tinha vencido a batalha pela saúde. Com a ajuda de Deus, Ellen o havia trazido de volta.

Durante os catorze anos subsequentes, Tiago White realizou parte do trabalho mais importante de sua vida, estabelecendo o Colégio e hospital de Battle Creek, bem como a editora conhecida como Pacific Press Publishing Association, além de organizar igrejas e associações nos Estados Unidos.

21
Milagre Numa Reunião Campal

Havia grande agitação no arvoredo que ficava atrás da casa do agricultor Root, Machados voavam e árvores caiam. Galhos estavam sendo desbastados e jogados a um lado enquanto os troncos mais longos e retos eram empilhados com todo o capricho.

Sob um capão de arvores de bordo perto dos fundos da clareira alguns homens preparavam um estrado com uma proteção sobre ele para o orador. Outros arranjavam bancos na freme do estrado, alinhando troncos lisos de arvore no chão, em filas paralelas, e estendendo tabuas de uma fileira para a outra, com suas extremidades apoiadas sobre os troncos. Em pouco tempo esses assentos estavam prontos para o uso.

Os acampantes começaram a chegar; alguns de trem outros de barco a vapor atravessando o lago Michigan e outros em diligencias.

Entusiásticos meninos e meninas ajudavam os trabalhadores limpando o mato e passando o ancinho nas folhas soltas. Empilhavam os montes de galhos e ramos nas extremidades da clareira, para serem usados oportunamente nas fogueiras. As carroças cheias de mantimentos ficavam sob as árvores a uma curta distância dali. Alguns davam água para os cavalos e os amarravam onde pudessem comer capim.

Agora era a vez de armar as rendas feitas artesanalmente. Para cada uma, os homens escolhiam dois troncos retos de árvores com forquilhas numa extremidade. Enterravam esses troncos no chão e encaixavam um tronco mais longo nas forquilhas, como pau de cumeeira. As mulheres pregavam longas e largas peças de tecido para lençol nos troncos, formando as laterais das tendas. Algumas dessas faixas eram costuradas umas as outras para formar a cobertura das tendas.

Essa foi a primeira reunião campal adventista do sétimo dia, realizada como experiência. As pessoas haviam sido aconselhadas a não comprar barracas prontas e caras nas lojas. Deviam fazer as suas próprias; assim, no caso de não se realizar mais esse tipo de reunião campal, o tecido de algodão poderia ser usado para outros fins.

Alguns dos acampantes fizeram pequenas tendas para a família, mas a maioria optou por reunir os recursos e erigir abrigos comunitários que acomodassem de quinze a vinte pessoas cada um.

Se de repente pudéssemos voltar no tempo para aquela primeira reunião campal, eis o que veríamos:

Diligências abarrotadas de palha para o preparo de colchões de dormir. O trabalho prossegue durante vários dias, como preparativo para o grande evento. Finalmente, o local fica pronto, bem montado e atraente, com seu semicírculo de casas de tecido branco e suas filas de bancos de tabua, em número suficiente para um auditório de duas mil pessoas.

O preparo do alimento e feito em pequenas fogueiras. Os ovos, vegetais frescos, as frutas e o leite podem ser adquiridos nas propriedades vizinhas, para suplementar o alimento trazido de casa.

O programa, pregado num tronco, anuncia os horários das refeições, das pregações e de recolher-se para dormir. O tempo intermediário se destina a orações e encontros sociais nas tendas familiares.

E chega a hora da reunião de abertura. Às cinco horas da tarde de sexta-feira, um sino chama os acampantes para a assembléia no belo auditório ao ar livre. Eles vêm de todas as direções, trazendo almofadas e casacos para se sentarem de modo mais confortável nos bancos de tabua. As crianças, sentadas ao lado de suas mães, balançam as perninhas e ficam irrequietas, querendo descer para a grama.

Todos participam, cantando um vibrante hino. Os ministros dão as boas-vindas aos participantes e dizem algumas palavras esboçando o objetivo e o programa do encontro. Então a Sra. White fa1a. Pede que as pessoas se esqueçam por algum tempo de suas lavouras, colheitas, manadas e rebanhos, que esvaziem a mente de todos os cuidados comuns da vida e criem espaço para as bênçãos especiais de Deus.

O breve culto se encerra e os acampantes retornam as tendas, atraídos pelo apetecível aroma que se espalha dos caldeirões de sopa e dos deliciosos guisados que cozinham a fogo lento nas fogueiras ao redor. Fazem fila de cada lado da mesa de refeições dentro das tendas, e comem em pé mesmo. Após a refeição, o tampo da mesa, para não ficar no

caminho, e suspense por roldanas presas à viga da cumeeira. Acendem-se as velas e lamparinas de querosene. Desce a penumbra e as horas do sábado começam, enquanto os acampantes se recolhem para a noite, após um hino e uma oração; homens e meninos dormem de um lado da ala cortinada, e as mulheres e meninas do outro.

Toca o sino para à hora de dormir. As luzes dentro das tendas se apagam. O Pastor Andrews faz a ronda no acampamento, perguntando a cada porta de tenda; “Estão todos confortáveis para passar a noite?” E pede silencio ate o toque do sino que anunciara a reunião devocional das cinco horas da manhã, na tenda grande.

Um suave brilho semelhante ao da lua invade o exterior. Emana dos nós de pinho que queimam em cinco ou seis caixas rasas de terra, presas em postes de 1,80 m e distribuídas em intervalos ao redor do acampamento. Uma fogueira também arde a noite toda.

Nessa primeira reunião campal foi preparada uma estante de livros com três tabuas dispostas em triangulo e repleta de livros e folhetos. Durante os cinco primeiros dias do encontro. O jovem Jhon Corliss vendeu quinhentos dólares de literatura. (Nos anos subseqüentes, John tornou-se um grande pregador e missionário em terras de além-mar?)

As reuniões do sábado tiveram boa participação e no domingo os acampantes e os visitantes da cidade ocuparam todos os bancos.

Todos os dias, o Pastor White reunia as crianças e lhes contava historias. No último dia, deu a cada uma um livrinho intitulado *Little Will*. Contava como, na véspera do Natal, o pai de Willie chegou a sua casa mais cedo e ouviu o filhinho orar pedindo um trenó “todo pintado de vermelho”.

O Pastor White também fez surpresas para os adultos. Um dia, enquanto pregava, abriu um pacote de folhetos, dizendo: “Esta Chegando o tempo em que esses folhetos serão espalhados como folhas de outono”, e lançou-os no meio do auditório.

O programa da reunião campal prosseguiu em harmonia com o plano até o penúltimo dia. Então, de modo completamente inesperado, caiu um temporal com trovoadas. Houve uma correria em busca de abrigo sob as duas grandes tendas impermeáveis. O único outro lugar seco no acampamento foi a barraca da família de J. N. Andrews. Felizmente para a família Andrews, eles haviam trazido uma barraca fabricada de lona grossa, a única desse tipo no acampamento.

Enquanto os acampantes penduravam suas encharcadas roupas pessoais e de cama nos arbustos, troncos e cordas das tendas, diziam: “Esta foi uma boa reunião, e queremos outra no próximo ano. Mas nunca mais faremos nossas próprias barracas!”

Duas outras reuniões campais foram realizadas naquela estação, e sete no ano seguinte. Dentro de pouco tempo, esses encontros se tornaram um programa regular. Os ministros eram poucos, e as pessoas capazes de dirigir reuniões campais tinham de correr daqui para lá, com pouco ou nenhum tempo para descansar entre uma e outra. Às vezes, Tiago e Ellen White, Andrews e Loughborough faziam a maior parte dos sermões.

Com freqüência, meus avós passavam o verão todo viajando de uma reunião campal para outra. As estradas de ferro eram poucas, e as estações, distantes uma da outra. Ocasionalmente, amigos precisavam esperá-los na estação e levá-los para o acampamento a cavalo e de carruagem, por uns quinze, trinta ou até sessenta quilômetros.

Os agricultores que moravam longe deixavam suas terras por um período de dez dias a duas semanas, a fim de participar dessas reuniões. Colocavam em diligências cobertas as suas roupas pessoais e de cama, além dos suprimentos necessários, e percorriam longos quilômetros pelas pradarias ou florestas, acampando pelo caminho à noite, pouco

se importando com o calor do verão e a poeira, contanto que pudessem participar dos encontros.

Às vezes eram colocados fogões nas tendas, quando as reuniões ocorriam no outono. Num desses encontros no Estado de Kansas, a neve caia enquanto a Sra. White ia de tenda em tenda, visitando as mães. Uma família havia viajado trezentos quilômetros. Olhando as crianças ao redor do fogão na tenda, ela disse: "Esta vida é o inverno do cristão, mas vira o dia em que o clima será outro e deixaremos para trás as ferozes tempestades de dor, tristeza e desapontamento, para desfrutar o verão celeste nas mansões lá do alto."

Com base nos diários dela e nos relatos de seu esposo publicados na *Review*, sabemos que durante os doze anos seguintes um deles ou ambos participaram de 106 reuniões campais.

Houve ocasiões em que o casal White foi aconselhado a não ir por causa de alguma enfermidade, mas com mais freqüência eles iam, apesar de tudo. Cinco meses depois de estabelecido o Colégio Healdsburg, na Califórnia, foi realizada lá uma reunião campal. A Sra. White morava em Healdsburg na época. Ela queria muito assistir as reuniões, mas estava doente com os calafrios e a febre da malária. Os tratamentos caseiros haviam surtido pouco efeito.

- Levem-me ao hospital de Santa Helena - implorou ela.

Colocaram-na numa cadeira de rodas e a ergueram, com cadeira e tudo, para dentro de um vagão de bagagens, para ser transportada de trem ate Santa Helena e depois de carruagem para o hospital.

Após vários dias de tratamento sem melhora aparente, ela suplicou:

- Levem-me para casa.

Prepararam uma cama para ela numa diligência, e ela percorreu os 56 quilômetros sobre as colinas ate Healdsburg.

- Preciso ir à reunião campal - disse ela – tenho muitas coisas para dizer ao povo. Uma delas: quero incentivá-los a dar liberalmente para a construção de uma casa destinada aos alunos do Colégio.

Chegou o dia da reunião.

- Preparem um lugar para mim na tenda, pois irei, se for possível – insistiu Ellen.

Colocaram um sofá perto do púlpito; e a Sra. White foi erguida do leito, levada a tenda e acomodada num lugar de onde poderia ouvir o sermão. Quando o Pastor Waggener terminou de falar, ela disse aos que estavam ao seu lado:

- Ajudem-me a ficar em pé.

Seu filho de um lado e sua enfermeira do outro ajudaram-na a ir ao púlpito, Segurando-o com as duas mãos, ela começou a dizer em voz débil:

- Esta pode ser a última vez que ouvirão minha voz numa reunião campal.

Seu rosto apresentava uma palidez mortal.

Depois de algumas frases, ocorreu uma mudança dramática. Aqueles que estavam sentados na frente dela viram que a cor natural voltava ao seu rosto, começando no pescoço e subindo lentamente para os lábios, as faces e a testa. Sua voz soava de modo claro, enquanto a congregação olhava espantada. "Realizou-se um milagre diante dos nossos olhos", comentavam.

Ellen sentiu o frêmito do poder curativo. A fraqueza e a febre desapareceram. Ela reassumiu vigorosamente o trabalho público, mais uma vez,.E durante aquela reunião campal, falou com poder em cinco oportunidades.

22
Os Doze que não podiam esperar

Isso parece coisa dos velhos tempos. Como me sinto grato por voltar ao trabalho! – disse Tiago White, enquanto empilhava mochilas e sacolas no compartimento de bagagem do trem.

John Andrews virou um dos assentos, para que os dois pudessem ficar de frente um para outro.

- Eu também me sinto agradecido por gozar melhor saúde, desde que comecei a praticar as instruções que Deus nos deu acerca de um viver saudável – disse ele.

Os dois homens se sentaram Juntos.

A Sra. White colocou a caixa do lanche no assento que ficava a frente deles e sentou-se ao seu lado, deixando sua sacola de mão contendo manuscritos e o material de escrita onde pudessem ficar à mão. Era final de outubro e estavam a caminho da Costa Este, para visitar igrejas.

Depois de algumas semanas no Estado do Maine, foram para New Hampshire. Na estação de Hillsboro, um grupo os esperava. Um percurso de vinte quilômetros em meio a chuva misturada com neve levou-os a casa de Cyrus Farnsworth, perto da vila de Washington, pouco antes do início do sábado. A Sra. Farnsworth era filha de Rachel Preston, a senhora batista do sétimo dia que havia levado 231 mensagem do sábado aos adventistas, em 1844.

Durante o jantar, envolveram-se numa animada conversa.

- Sra. Farnsworth, entendo que seu esposo e o irmão dele, William, foram os primeiros adventistas do sétimo dia no mundo – disse John Andrews para sua anfitriã.

- Exatamente, Pastor Andrews; os folhetos que o convenceram de que o sétimo dia é o verdadeiro sábado foram alguns dos que minha mãe distribuiu entre seus amigos adventistas – concordou a Sra. Farnsworth.

- Eu tinha só dezessete anos de idade quando li um desses folhetos – acrescentou o Pastor Andrews. – Morávamos em Paris, Estado do Maine. Marian Stowell e seu irmão Oswald, ambos com idade próxima a minha, leram o folheto do Pastor Preble e guardaram já o sábado seguinte. Na Segunda-feira, entregaram-me o folheto e eu guardei com eles o seu segundo sábado. Depois demos o folheto aos nossos pais e eles guardaram o terceiro. Em pouco tempo, sete famílias adventistas na vizinhança se reuniam para prestar culto no dia santo de Deus. Éramos realmente sinceros, pois esperávamos que Jesus viesse logo; e queríamos ser obedientes em todas as coisas, a fim de podermos estar preparados para encontrá-lo.

- Frederick Wheeler, nosso pastor, começou a pregar acerca do sábado, e a seu tempo quase toda a congregação começou a guardá-lo - acrescentou a Sra. Farnsworth. – Foi assim que a igreja de Washington, New Hampshire, se tornou a primeira Igreja adventista do sétimo dia no mundo. Quase todos os membros, incluindo os fundadores originais, se tornaram adventistas do sétimo dia. Por quanto tempo vai ficar conosco, Pastor White?

- Nossos pianos de viagem nos permitem ficar cinco dias aqui. Esperamos, nesse itinerário, visitar o pequeno grupo em Bucks Bridge, Estado de Nova Iorque. Sabe, eles alegam ser os primeiros adventistas do sétimo dia a construir sua própria casa de cultos, embora a primeira igreja em Battle Creek tenha sido construída na mesma época – respondeu o Pastor White.

- O Espírito do Senhor me impressionou no sentido de que sua igreja precisa de ajuda – disse a Sra. White.

- Duvido que haja uma igreja em algum lugar que precise mais de ajuda do que a nossa – respondeu Cyrus Farnsworth. – Não muito depois de começarmos a guardar o sábado, em 1844, o Pastor Wheeler foi trabalhar no Estado de Nova Iorque. Durante anos ele sustentou sua família

enquanto pregava. Ficamos sem pastor a maior parte do tempo, durante estes vinte e três anos. Alguns de nossos membros se tornaram mundanos e muitos de nossos jovens não são convertidos. O marido de uma de nossas fieis irmãs tem escrito coisas maldosas acerca dos adventistas. Ele disse aos nossos jovens, Sra. White, que a senhora inventa as histórias que relata nas visões e que ninguém precisa prestar atenção a elas. Creio que Deus a enviou para cá a fim de ajudar-nos

No sábado pela manhã, o Pastor White pregou na pequena igreja de Washington, e a Sra. White falou à tarde. O Pastor Andrews se encarregou das reuniões noturnas realizadas na casa da família Farnsworth.

Enquanto a Sra. White falava numa das reuniões, reconheceu na congregação varias pessoas que tinha visto em visão e para as quais havia recebido mensagens especiais.

O Sr. e a Sra. Newell Mead haviam suportado grande tristeza e aflição, e estavam desanimados. A Sra. White disse que havia sido instruída em visão a contar-lhes que Deus os amava e os faria passar em segurança pelas provações.

. A Sra. White disse a uma jovem senhora, casada com um homem não convertido, que ela devia fazer o que sabia ser correto, e não permitir que seu marido a forçasse a violar a consciência.

Outra moça havia começado a jornada Cristã, mas estava afastada. A mensagem para ela era de que havia cometido um erro ao escolher amizades não cristãs.

Enquanto a Sra. White falava, um rapaz de dezenove anos pensava, ali sentado: “Quem dera que ela se dirigisse ao meu pai!" Como se lesse os pensamentos dele, a Sra. White se dirigiu ao pai do rapaz e disse:

- Vi que esse irmão e escravo do tabaco. Mas o pior de tudo e que ele tenta enganar os irmãos, fazendo-os pensar que ele abandonou o vicio, conforme prometera quando entrou para a igreja.

Algum tempo antes disso, enquanto trabalhava com seu pai no bosque, o rapaz havia visto uma mancha marrom na neve e seu pai rapidamente cobrindo-a com neve, para ocultá-la. Agora, observando o rosto de seu pai ficar vermelho diante da repreensão da Sra. White, o jovem pensou: “Com certeza ela e uma profetisa verdadeira; só um anjo poderia ter-lhe mostrado essas coisas.”"

Quando a Sra. White terminou, aqueles para os quais ela havia falado se colocaram em pé, um após o outro, e admitiram que era verdade aquilo que ela

havia dito a seu respeito. Com lagrimas, pediram perdão a Deus e uns aos outros. Pais se confessavam aos filhos e os filhos aos pais. Até, o homem que havia dito e escrito coisas maldosas acerca da Sra. White e dos adventistas pediu perdão humildemente.

E quem era o homem que estivera mascando fumo? Era William Farnsworth, o próprio que antes se havia colocado bravamente em pé ao declarar que, independentemente do que seus irmãos decidissem fazer, ele guardaria o sábado de Deus. Durante anos, havia sido ancião da igreja. Ele havia abandoando o tabaco – muitas vezes. Mas o desejo voltava sempre com tanta força que ele comprava mais uma porção, escondendo-a onde pudesse mascá-la de vez em quando, ao estar só. A partir daquele dia, travou a luta e finalmente, com muita oração, obteve completa vitoria.

E quem era o filho que havia visto o pai esconder o tabaco na neve? Era Eugene Fansworth, que se tornou um evangelista adventista de grande êxito.

A quarta-feira seguinte era o dia do Natal. Na reunião daquela manhã, foi feito um apelo para crianças e os jovens, e treze ficaram em pé, dizendo que queriam seguir a Jesus. Foi o Natal mais feliz para aquele grupo de adventistas em Washington, New Hampshire. As crianças ficaram tão radiantes por entregar o coração a Jesus, que quase se esqueceram da troca de presentes.

À tarde, Orville Farnsworth levou seus presentes aos primos, Fred e Rosella Mead.

- Venha ate meu quarto – disse Fred. Depois, trancando a porta, disse a seu primo – Orville, vou ser missionário.

- Você, missionário? Com certeza esta brincando!

- Não, Orville, não estou brincando. Pena que você não esteve na reunião desta manhã. Acho que você também teria se colocado em pé e prometido ser cristão.

Orville havia perdido a reunião porque era sua vez de ficar em casa com os quatro irmãozinhos.

Fred agora insistia com Orville para que entregasse o coração ao Salvador. juntos, ajoelharam-se ao lado da cama e oraram. Orville entregou-se a Jesus.

No dia seguinte ao Natal, o casal White e John Andrews prosseguiram viagem. Deixaram atrás de si uma igreja reavivada e um grupo de jovens missionários. Aqueles que se tornaram cristãos foram em busca de seus jovens amigos que não haviam comparecido a reunião. Dentro de pouco tempo, dezoito rapazes e moças pediam o batismo.

Seus pais lhes diziam: “Vocês terão de esperar até que comece o degelo do lago na primavera, pois não há outro lugar bom para batismos.”

Doze, dos dezoito, disseram: “Não podemos esperar; queremos ser batizados agora.” Desceram até um local a uns noventa metros da casa de Cyrus Farnsworth e cortaram blocos de gelo de sessenta centímetros de espessura, abrindo um tanque de água. Depois formaram degraus no gelo, do barranco até o tanque.

Não sabemos quem foi o corajoso ministro que ficou dentro da água gelada e batizou aqueles doze rapazes e moças. Ao saírem da água, eram envolvidos em roupões e cobertores e mandados correndo para casa, colina acima. Os outros seis foram batizados na primavera.

Em anos posteriores, três daqueles jovens se tornaram presidentes de associação, três se tornaram ministros e missionários no exterior e três das moças se tornaram obreiras bíblicas. Durante cinqüenta anos, Eugene Farnsworth, um dos dezoito, proclamou a mensagem nas grandes cidades da America do Norte e na Austrália. Teve a alegria de ver centenas de conversos. `

Sua irmã mais jovem, Loretta, foi a primeira obreira bíblica de nossa denominação, tanto quanto sabemos. Durante sua longa vida, levou centenas de pessoas ao Salvador. Estudava a Bíblia com as famílias, escrevia para seus jovens amigos e visitava pacientes nos hospitais. Posteriormente seu esposo, A. T. Robinson, foi capelão no hospital Melrose, onde ela passava muito tempo com os pacientes. Estes desabafavam suas aflições ao pé de seu ouvido atento e ela orava com eles, lendo-lhes preciosas promessas da Palavra de Deus.

Muitos dos filhos e netos daquele grupo de missionários que se pôs em pé no dia do Natal e testificou de sua intenção de tornar-se cristão, são obreiros hoje também, tanto em sua pátria como em terras estrangeiras.

....

23

A Surpresa de Ellen

Certo dia em junho, um jovem desembarcou na estação ferroviária de Battle Creek. Enquanto ele olhava ao redor um funcionário da estação lhe perguntou:

Alguém deveria estar aqui para esperá-lo?

O jovem segurava um papel onde estava anotado o seguinte “John N Andrews, Battle Creek Michigan.”

Ah, sim, John Andrews.

E o funcionário da estação conduziu-o a rua e apontou:

Pergunte pelo escritório da *Review* and Herald; lá você encontrará o Sr. Andrews.

O estranho não encontrou John Andrews no escritório, mas em pouco tempo estava rodeado por um grupo de pessoas cordiais, todas ansiosas por saber quem ele era e de onde vinha. Pouca coisa podia ele fazer além de gesticular, pois não conseguia formar uma única frase completa em inglês. Os empregados da *Review* também não entendiam francês. Ele tentou alemão, mas sem melhor resultado.

O Pastor White levou o rapaz para o almoço em sua casa e mandou buscar um amigo que falava francês, para ser interprete. Ficou sabendo que o nome do jovem era James Erzberger e que acabava de chegar da Europa. Trazia consigo um exemplar endereçado da *Review* e, mostrando-o para a tripulação do navio e para o pessoal da estrada de ferro

ao longo do caminho, chegara a Battle Creek. Trazia saudações de um grupo de aproximadamente cinqüenta novos observadores do sábado na Suíça.

Mas como teriam aquelas pessoas aprendido acerca do sábado e como sabiam elas que havia guardadores do sábado na America do Norte? Um ministro polonês, chamado Czechowski, ex-sacerdote católico, havia participado cd uma organização protestante na America do Norte e havia retornado para a Europa a fim de pregar sob o patrocínio dela. Mas também havia aprendido com os adventistas do sétimo dia acerca do sábado, e incluía esse item como parte do evangelho que pregava. Em pouco tempo, havia formado um grupo de conversos suíços, guardadores do sábado.

Depois de deixa-los para pregar em outro lugar, um deles recebeu um exemplar da *Review* e notou que os editores também observavam o sábado. Escreveram para os editores e essa carta iniciou uma correspondência que acabou levando Erzberger a Battle Creek.

O Pastor e a Sra. White levaram James Erzherger para sua casa em Greenville. Persuadiram John Kellogg a ir com eles. Lá os dois rapazes, John Kellogg, de dezessete anos, e Willie White, de quinze, receberam a incumbência de ensinar James Erzberger a falar inglês. De manhã bem cedo, Willie, caminhava ao redor da casa e pelo jardim com seu aluno, dizendo o nome de objetos e pedindo-lhe que repetisse as palavras. No segundo passeio, o aprendiz do idioma identificava os objetos. Depois de uma hora, era a vez de John. E assim, alternadamente, as instruções continuavam até o fim da tarde. Depois Adelia Howe, a cozinheira, que havia sido professora numa escola pública, passava as primeiras horas da noite ensinando James a construir frases com as palavras que havia aprendido.

Em apenas quatro semanas, Erzberger conseguiu fazer uma palestra compreensível em inglês, e nove semanas mais tarde foi com Tiago White e John Andrews para uma reunião campal em Clyde, Ohio, onde se dirigiu a um grande auditório. As pessoas se sentiram tão tocadas por seu pedido de ajuda para os seus compatriotas, que reuniram setenta e seis dólares. Essa foi a primeira oferta para as missões, recolhida entre os adventistas do sétimo dia.

Ellen White estava muito doente para ir a reunião de Clyde, mas decidiu participar da seguinte, em Owosso, Estado de Michigan. Todos os dias, segurando o braço de seu esposo, encaminhava-se a sombra de um carvalho frondoso atrás da casa para orar com James Erzberger em favor do pequeno grupo de guardadores do sábado na Suíça e por sua própria saúde. Às vezes, quando estava sozinha no quarto, arrastava-se até seu gabinete de trabalho e ali suplicava de Deus a cura. Enquanto orava, teve a certeza de que poderia ir a reunião.

Os médicos do hospital de Battle Creek, sabendo quão enferma se encontrava ela, mandaram-lhe o recado de que não deveria assistir a nenhuma reunião campal naquela estação do ano. Para ter certeza de que suas instruções seriam seguidas, enviaram a Dra. Mary Chamberlain a Greenville para cuidar ela paciente. A médica fez tudo o que pode

para aliviar o problema de ciática que causava intenso sofrimento a Sra. White, mas parecia não haver melhora nenhuma. Cada passo que dava lhe era doloroso. Mas Ellen White não desistia facilmente.

Um dia ela disse a Dra. Mary:

- Por favor, mande trazer a carruagem ate a porta da frente, para eu fazer um curto passeio e testar minhas forcas.

No piso da carruagem, a médica colocou almofadas sobre as quais a Sra. White podia ajoelhar-se. Embora o condutor levasse os cavalos lentamente, o movimento causou uma dor tão intensa que tiveram de retornar, erguer a paciente para fora e levá-la para a cama.

- Isso decide a questão – declarou a médica.

A Sra. White não disse nada.

Chegou a manhã em que a família deveria partir para a reunião campal de Owosso, a noventa e seis quilômetros dali.

- Quero que todos os que puderem ir, vão a campal – disse Ellen. – Dra. Mary a senhora também pode ir com eles, A irmã Chapman e Willie podem cuidar de mim.

Assim, a carruagem foi carregada com os suprimentos para o acampamento e o grupo partiu.

Pouco depois, minha avó chamou Willie:

- Você sabe que a charrete ficou aqui e ainda resta um cavalo. Quero que você arranje outro cavalo e arrume o banco traseiro, para que eu possa reclinar-me nele. Partiremos para Owosso amanhã cedo e iremos até Orleans, pernoitando na casa de amigos. Depois, se eu puder, iremos com eles no dia seguinte até Ionia, de onde tomaremos o trem para Owosso.

A Sra. White sentia a impressão de que Deus tinha uma obra para ela na reunião campal, e achava que devia ir pela fé.

Obediente, Willie cumpriu as instruções de sua mãe e partiram na manhã seguinte. O dia estava quente, as estradas eram arenosas e os cavalos demonstravam preguiça. O sol brilhava no alto quando chegaram a Orleans.

O que? Ninguém em casa! A casa estava fechada e a porta trancada! Foram à casa da família Wilson, esperando encontrar descanso e refrigério lá, mas a casa também estava fechada.

- Onde esta o pessoal? - perguntou Willie a um vizinho. .

- Foram todos para a reunião campal. Você não vai encontrar um único adventista nesta cidade.

- Ah, mamãe, o que vamos fazer? – perguntou o rapaz. – Não deveríamos dar a volta e ir para casa?

- Não – respondeu ela. - Vamos até Ionia.

Atordoado, Willie tornou as rédeas e tocou os cansados cavalos para a frente. A tarde foi mais quente que a manhã, a areia da estrada mais funda

ainda, e os cavalos estavam mais que exaustos. O suor escorria de seus flancos e da testa de Willie. Ele sabia que era quase hora de o trem chegar a Ionia, e ainda restavam vários quilômetros a percorrer.

- Mamãe, a senhora esta sentindo dor? Mamãe!

Nenhuma resposta. Estaria dormindo? Teria desmaiado? Se perdessem o trem - como seria? Ele açoitou os cavalos. Encontravam-se agora a poucos quarteirões da estação e Willie ouviu o sino da locomotiva. Incitou os cavalos a galopar e chegou a plataforma no momento ,em que a bagagem estava sendo colocada no trem.

Que alivio! Willie viu rostos familiares nas janelas do trem. Dois homens fortes saltaram da plataforma, ergueram a mãe dele nos braços e a carregaram para dentro do trem. Enviaram um telegrama para o Pastor White, pedindo que esperasse o trem em Owosso.

- E agora, o que farço? – perguntou Willie.

- Willie, prossiga até Owosso - gritou alguém da janela do trem em movimento. – A parelha de cavalos será útil no acampamento.

E foi isso que Willie fez.

Algumas horas mais tarde, a Sra. White estava deitada num colchonete na tenda da família, feliz por encontrar-se na reunião campal, embora ainda sofrendo intensamente. Foram chamados alguns ministros. Enquanto oravam, lagrimas de alegria molhavam o travesseiro dela.

- Tenho a impressão de que esta tenda esta cheia do brilho resplandecente dos anjos do Céu – disse Ellen.

No dia seguinte, ajudaram-na a ir ao púlpito e, enquanto se dirigia a uma grande congregação, toda fraqueza e dor desapareceram. Após apresentar a mensagem, entretanto, ela disse:

- Ainda me sinto uma invalida, precisando apoiar-me no braço do meu esposo de um lado e do meu filho Edson do outro.

Três vezes durante aquela reunião campal, Ellen White falou a grandes auditórios. Quando as reuniões terminaram, Willie conduziu a charrete para casa, mas sem a sua mãe.

- Vou com seu pai a outra reunião campal – disse ela.

No tocante a Dra. Chamberlain, que havia sido enviada pelo hospital com a missão especial de cuidar da Sra. White, ela se sentia embaraçada, para dizer o mínimo. Mas agora a pequenina mulher que lhe havia feito uma surpresa e sobrepujado em astúcia a todos os outros médicos, vinha em seu socorro.

- Dra. Chamberlain – disse Ellen – a senhora pode ver que Deus tomou meu caso em suas mãos e me curou. A senhora não pode impedir que eu assista as reuniões campais. Convido-a a vir comigo e cuidar de mim.

Desta vez, a questão estava mesmo decidida Ellen White e a Dra. Chamberlain acompanharam Tiago White, John Andrews, James Erzberger e os outros

Ministros nas reuniões daquele verão. A barraca da família ia com eles no trem, acondicionada num grande baú de folha-de-flandres.

Embora ainda sentisse dor ao caminhar, minha avó demonstrava gratidão por poder proferir palavras de ânimo para as pessoas que a aguardavam.

....

24

"Onde Está o Outro Homem"

O dia 4 de janeiro de 1875 for à data fixada para a dedicação do Colégio de Battle Creek, o primeiro Colégio adventista do sétimo dia no mundo. E era isso que alguns ministros discutiam enquanto iam do local das reuniões para os lugares onde estavam hospedados.

“Por que deveríamos gastar dinheiro estabelecendo um colégio?” perguntavam eles. "Não precisamos de todo o dinheiro disponível para manter os ministros? Além disso, a vinda do Senhor esta próxima; quanto tempo teremos para instruir jovens para serem ministros?”

Uma epidemia de gripe assolava a cidade Ellen White havia cuidado da família durante a enfermidade e depois ela mesma caíra de cama. Parecia não estar se recuperando, e os médicos do hospital, temendo que o caso dela se transformasse em pneumonia, insistiram com o Pastor White para que a levasse ao hospital a fim de ser tratada. Mas ele hesitou. Um encontro ministerial estava para encerrar-se naquela noite, e ele se sentia aflito por ela não ter condições de participar do programa de encerramento Tiago

pediu que vários de seus auxiliares fossem a sua casa para orar pelo restabelecimento dela.

Meu pai, William Clarence, na época um rapaz de vinte anos de idade, levou a vovó escada abaixo até a sala. Colocou-a numa espreguiçadeira e envolveu-a com cobertores. Os irmãos estavam lá. O Pastor Waggoner orou, depois o Pastor Smith, e depois vovô. A seguir, vovó começou a orar com voz fraquinha e rouca. Então, sem ao menos uma pausa, ela deu o sonoro brado: "Gloria a Deus!"

Durante um momento, as mãos dela permaneceram cruzadas. Seus lábios estavam fechados, como se ela olhasse atentamente para cima, e não respirava. Dali apouco, uma expressão de ansiedade lhe nublou o semblante. Ela afastou os cobertores e começou a andar de um lado para outro. Erguendo as mãos, disse: "Escuro! Escuro! Tudo escuro! Tão escuro!" Apos um momento de silêncio, suas faces se iluminaram e ela exclamou: "Uma luz! Uma pequena luz! Mais luz! Muita luz!" Sentou-se então na espreguiçadeira e depois de alguns instantes começou a respirar de novo. Olhou ao seu redor, para o grupo ali reunido para uma oração especial.

Seu esposo ajoelhou-se ao seu lado e disse:

- Ellen, você teve uma visão.

- Sim – respondeu ela, com uma voz que parecia vir de longe.

- Foram-lhe mostradas muitas coisas?

- Sim.

- Gostaria de contar-nos a respeito delas agora?

- Agora não.

O grupo foi despedido e ela retornou ao seu quarto. Tiago foi apressadamente ao escritório da *Review* para reunir-se com aqueles que estavam chegando para assistir ao programa de encerramento do encontro e da dedicação do Colégio.

Posteriormente, aqueles que haviam testemunhado a visão souberam que ela havia visto o mundo envolto pelas brumas e nevoeiros do erro, da superstição, das falsas tradições e do mundanismo. Depois ela viu pequenas luzes cintilando no meio da escuridão. Elas se tornavam mais e mais brilhantes e subiam cada vez mais para o alto. Cada uma acendia outras luzes, que também brilhavam intensamente, até que o mundo todo se iluminou.

Ao entardecer, o Pastor White retornou para casa e foi ao quarto de sua esposa. Ela lhe contou que os sintomas da gripe haviam desaparecido.

- Ellen – ele disse – Vai haver uma importante reunião na igreja hoje à noite. Você quer assistir?

- Certamente – respondeu ela.

Ela então se vestiu para a reunião, acompanhando seu esposo a pé, pela neve, até a igreja. Deus havia respondido as orações pedindo cura. No programa daquela noite, Ellen apresentou uma animadora mensagem, e numa reunião do dia seguinte contou sua visão.

Os homens que haviam questionado a construção de um Colégio se surpreenderam ao ouvi-la dizer que deviam ser feitos pianos para educar muitos jovens como missionários na pátria e muitos como missionários nas terras de além-mar. Os adventistas do sétimo dia haviam pensado que a obra de Deus neste mundo estava quase terminada. Três meses e meio antes, haviam enviado seu primeiro missionário, John Nevins Andrews, para a Europa. Agora, a mensageira de Deus lhes dizia que uma grande obra ainda precisava ser feita em todo o mundo e que era necessário preparar muitos obreiros.

Na visão, ela havia observado que grupos de pessoas estudavam a Bíblia em diferentes partes do globo. Haviam encontrado a promessa do retorno de Cristo. Ela viu pequenos grupos aqui e ali, guardando o sábado sem saber de outros observadores no mundo. Ela disse que deviam ser enviados ministros para dar instruções adicionais a esses grupos antes que desanimassem e desistissem da fé.

Foi-lhe mostrado que em breve viria o tempo quando os adventistas mandariam missionários a muitos países distantes. Ela viu prelos em funcionamento em terras estrangeiras, produzindo revistas, folhetos e livros. A essa altura, o Pastor White a interrompeu.

- Ellen, você nos pode dizer o nome desses países?

- Não, não sei os nomes – respondeu ela. – A imagem desses lugares e os prelos ficaram muito claros em minha mente, e se eu os visse alguma vez, com certeza os reconheceria; mas não ouvi os nomes dos lugares. Ah, sim, lembro-me de que o anjo disse: “Austrália”.

O Pastor S. N. Haskell estava presente nessa reunião e disse: “Pretendo ir para a Austrália." O Pastor J. O. Corliss, que lá estava, disse que também queria ir para a Austrália.

Nessa época, tínhamos uma casa publicadora em Battle Creek, Michigan, e planejávamos estabelecer outra na Califórnia. Tínhamos um hospital e um Colégio. Só dez anos mais tarde foram enviados os primeiros obreiros para a Austrália, e os Pastores

Haskell e Corliss se encontravam entre eles.

Três meses depois que esses pioneiros partiram para o continente “lá embaixo", vovó White viajou para a Suíça com meu pai e alguns de seus outros auxiliares. Mamãe e eu fomos junto. Eu tinha três anos e meio de idade.

Chegamos a Basileia tarde da noite e fomos levados para um apartamento no prédio de quatro andares, recém-construído para a casa publicadora. O prédio abrigava a editora, escritórios gerais e apartamentos para a equipe missionaria. Na manhã seguinte, enquanto o Pastor B, L. .Whitney nos mostrava as instalações, vovó disse:

- Este lugar me parece conhecido.

Quando entraram na oficina tipográfica, ela afirmou:

- Já vi estas maquinas antes. – São exatamente as que vi ha dez anos, na visão em Battle Creek.

Pararam as maquinas e os dois jovens que trabalhavam com elas foram apresentados a vovó. Ela apertou-lhes as mãos. Depois, virando-se para o Pastor Whitriey perguntou:

- Onde esta o Outro?

Curioso para descobrir o que a Sra. White sabia acerca do funcionamento da oficina, ele perguntou:

- Que outro?

- Ha um senhor de mais idade que trabalha nesta sala e tenho uma mensagem para ele – respondeu a Sra. White.

- O irmão Albert Deichy chefe da seção, esta na cidade, a trabalho – respondeu o Pastor Whitney – A senhora vai conhecê-lo amanhã.

Quando ela o viu, reconheceu-o e lhe transmitiu a mensagem que havia recebido dez anos antes.

Alguns meses mais tarde, ela e meu pai visitaram Christiania (hoje Oslo), Noruega. Quando entraram na nova casa publicadora, vovó observou:

“Este lugar me parece muito familiar. É um dos locais que me foram mostrados anos atrás, onde as publicações eram produzidas em países fora dos Estados Unidos.”

Retornando com o Pastor Matteson à sua sala da redação, conversou com ele acerca do trabalho da publicadora, como se tivesse vivido ali por algum tempo e soubesse tudo sobre o seu funcionamento.

Seis anos depois, quando pela primeira vez ela entrou na sala das maquinas da casa publicadora em North Fitzroy, Austrália, vovó conversou com os obreiros sobre diferentes partes do prédio e suas instalações, mostrando que tinha pleno conhecimento do lugar. E transmitiu mensagens e conselhos que lhe haviam sido apresentados dezessete anos antes, na visão de dez minutos em Battle Creek.

Mas voltemos aquela noite em 1875. Após a dedicação do Colégio e o encontro ministerial, os obreiros retornaram as suas respectivas associações e contaram aos membros das igrejas acerca da visão das editoras em terras de além-mar. Naquela ocasião, os adventistas do sétimo dia tiveram uma idéia ampliada acerca da obra em âmbito mundial que estava pela frente. Renovou-se-lhes o animo e eles se reconsagraram a tarefa de levar a mensagem da breve volta de Jesus a todo o mundo.

Durante os dez anos que se seguiram a visão, três importantes instituições foram estabelecidas na Califórnia – a editora Pacinc Press, em Oakland; o Retiro da Saúde (hoje hospital de Santa Helena),

perto de Santa Helena, e uma escola em Healdsburg, que cresceu para tomar-se o Colégio União do Pacifico. Outro estabelecimento de ensino (agora Colégio União do Atlântico) foi aberto em South Lancaster, Massachusetts. Em muitas cidades grandes também se criaram missões com o objetivo de preparar instrutores bíblicos para irem de casa em casa. As igrejas se multiplicaram e a mensagem criou raízes em terras distantes.

Hoje, hospitais, casas publicadoras, colégios e centros evangelísticos circundam o globo. A visão de 1875 se cumpriu mil vezes. A mensagem alcançará em breve os mais remotos lugares da Terra, e Jesus voltará.

....

25

O Sinal Secreto

Tiago White morreu em agosto de1881, deixando com Ellen a tarefa de levar avante sozinha a obra que ambos haviam compartilhado.

Essa era a terceira vez que a morte entrava no larda família White. Vinte e um anos antes, haviam perdido Herbert, o caçula, com três meses de idade. Três anos depois lhes foi tirado Henry o filho de dezesseis anos, o “doce cantor” da família. Havia sido muito amado e sua falta era profundamente sentida.Mas os pais não permitiram que nenhuma dessas perdas lhes entenebrecesse a vida. Em lugar de passar tempo em inúteis lamentações, olhavam para a frente, para a feliz manhã da ressurreição, quando uma vez mais teriam a pequena família reunida.

Pouco tempo depois do funeral de Tiago, minha avó escreveu: "A morte de meu esposo foi para mim um pesado golpe, sentido de maneira mais aguda ainda por ter sido tão repentino. Ao ver o selo da morte sobre seu semblante, meus sentimentos foram quase insuportáveis. O que eu queria era extravasar minha angustia, chorando. Mas sabia que isso não salvaria a vida de meu amado, e senti que não seria cristão entregar-me a tristeza. Procurei a ajuda e o conforto lá do alto, e as promessas de Deus para mim se confirmaram. A mão do Senhor me susteve.”

Quatro anos apos a morte de seu esposo, Ellen White foi para a Europa. Seis anos mais tarde, como filho William, S, N. Haskell e alguns outros obreiros, embarcou no navio Alameda, com destino a Austrália. Enquanto atravessavam o Pacifico, numa visão a noite foram-lhe mostradas muitas coisas cerca da obra na Austrália. Ela também recebeu uma mensagem especial para N. D. Faulkhead, tesoureiro da Echo Publishing Company nossa casa publicadora em Melbourne.

O Sr.Faulkhead era um vibrante homem de negócios. Alto, elegante e genial, era um homem profundamente amado por sua esposa e os dois filhos,e respeitado por todos os que trabalhavam com ele.Quando aceitou a mensagem adventista, entusiasmou-se com a esperança da breve volta de jesus. Mas era membro de varias lojas maçônicas e ocupava,cargos importantes nessas sociedades secretas.

À medida que o tempo passava, ele dava cada vez mais atenção as lojas e cada vez menos a obra de Deus. Andava com frequência na companhia de homens interessados somente nas coisas deste mundo, e assistia menos regularmente as reuniões adventistas.

Seus amigos da casa publicadora pediam que ele se retirasse das sociedades secretas e dedicasse todo o seu tempo e vitalidade a obra de Deus. Como lembrete para ele, repetiam as palavras de jesus:

“Ninguém pode servir a dois senhores.” Mas sua posição nas varias lojas lhe traziam muita honra e ele recusou o conselho dos cobreiros, pois tinha em mais alta consideração as lojas maçônicas do que qualquer outra coisa no mundo.

Poucos dias depois de chegar a Austrália, a Sra. White viu em visão mais algumas coisas acerca do perigo em que se encontrava o Sr. Faullchead. Imediatamente, escreveu-lhe numa carta muito longa as instruções que havia recebido para ele. Mas quando estava para coloca-la no correio, pareceu ouvir uma voz dizendo: “Ainda não, ainda não; eles não vão recebe-la.” Assim, deixou a carta de lado,Mas se sentia ansiosa porque na visão tinha visto que o Sr. Faulkhead era como um homem que estivesse a ponto de cair num precipício.

Durante os meses seguintes, ela pensou varias vezes em mandar-lhe a mensagem, mas cada vez a voz dizia: “Ainda não! Ainda não!" Quase um ano se passou.

Então, um dia, um adventista que nada sabia disso perguntou a ele:

- O que você faria se a irmã White tivesse um testemunho para você?

- Teria de ser um testemunho muito forte, para levar-me a crer que o Senhor teria dado a ela uma mensagem destinada a mim – respondeu ele.

Esse senhor respeitava a Sra. White e gostava de conversar com ela, mas quando se tratava dos seus testemunhos...bem, ele não tinha tanta certeza assim.

Mas o Espirito Santo trabalhava em seu coração. Certa noite, ele sonhou que a Sra. White tinha uma mensagem de Deus para ele. Alguns dias mais tarde,após uma reunião administrativa, o Pastor William White dirigiu-se ao Sr. Faulkhead e disse:

- Minha mãe deseja vê-lo antes que o senhor saia.

Embora já fosse o fim da tarde, ele se encaminhou diretamente a sala dela. Ao bater, pensou no sonho.

- A senhora tem alguma coisa para mim, irmã White? – perguntou ele depois que Ellen o cumprimentou.

- Sim, tenho uma mensagem para você e sua esposa, e gostaria de visita-los quando lhes for possível.

Pensando no sonho, ele perguntou ansiosamente:

- A senhora não pode dizer nada agora?

A Sra. White soube que por fim chegara a hora de transmitir a mensagem. Foi a sua escrivaninha,abriu uma gaveta e pegou um maço de folhas datilografadas. Sentou-se numa poltrona e, tendo o Sr. Faulkhead sentado perto dela, começou a ler o que havia escrito quase um ano antes.

Ellen leu uma descrição de algumas das reuniões das sociedades secretas as quais ele pertencia,como as vira na visão. Durante a leitura, ele reconheceu as palavras exatas que havia proferido num dos encontros, bem como as respostas que os homens haviam dado, expressas no linguajar e nos termos próprios da sociedade. Ela contou inclusive onde ele estava sentado quando conversava com os homens e o que aconselhava que eles fizessem.

- Ouvi que eles se dirigiam ao senhor como “Venerável Mestre” – disse ela.

E descreveu cenas de bebedeira que haviam ocorrido tarde da noite, após o encerramento da reunião, quando ele já havia saído.

Ellen advertiu-o de seu perigo. Ele se tornara tão absorto no trabalho das lojas, e tão orgulhoso das honras recebidas, que estava perdendo o amor que havia nutrido pelo Salvador. Na visão, fora-lhe mostrado que ele contribuía com grandes somas de dinheiro para a loja maçônica, enquanto na igreja procurava moedinhas em sua carteira. Ela afirmou francamente que, a menos que ele rompesse sua ligação com essas sociedades, abandonaria a verdade e perderia a vida eterna.

Depois de ler e conversar com ele por longo tempo, Ellen disse:

- Não posso relatar tudo o que me foi mostrado – e inconscientemente ela moveu as mãos do mesmo modo como o anjo o havia feito quando lhe deu as instruções.

De repente, o Sr. Faulkhead empalideceu. Com voz assustada, perguntou:

- Irmã White, a senhora sabe o que acabou de fazer?

- Não – respondeu ela. –Não tenho consciência de ter feito algo incomum.

Tentando controlar sua agitação, ele exclamou:

- A senhora fez um sinal secreto, conhecido só entre os membros da loja!

Os dois continuaram a conversa. A Sra. White fez um novo movimento com as mãos. Ele ficou pálido outra vez. Quando se recompôs, disse:

- A senhora o fez de novo, irmã White; a senhora fez um sinal secreto. Este só é conhecido na mais elevada ordem da sociedade.

E contou que somente seis pessoas em toda a Austrália tinham conhecimento daquele sinal. Ele mesmo o havia aprendido alguns dias antes. E acrescentou:

- E um sinal jamais divulgado a quem não e membro, e nenhuma mulher tem conhecimento dele.

O Sr. Faulkliead não precisou de evidências adicionais de que Deus havia revelado aquelas coisas a Sra. White em visão. Teve o solene pensamento deque Deus o havia notado e que havia enviado uma mensagem especial para ele.

O rosto da Sra. White iluminou-se, pois pôde ver que o Sr. Faulkhead acreditava em suas palavras e receberia o conselho.

Enquanto a Sra. White continuava lendo e conversando, sua sobrinha, May Walling, entrou na sala.

- Tia Ellen - disse ela – a senhora precisa descansar.

Mas a Sra. White disse:

- May tenho um recado especial do Senhor para o irmão Faulkhead, e devo transmiti-lo a ele.

Mais tarde, meu pai bateu à porta e protestou:

- Mamãe, a senhora esta esgotando suas energias; já esta conversando com o Sr. Faulkhead há quase três horas!

- Não nos interrompa; o Senhor esta me concedendo forças para a tarefa - disse ela em voz baixa, fechando a porta. E o filho saiu.

Voltando-se para o Sr. Faulkhead, ela notou que uma grande batalha se travava em sua mente. Anjos bons e maus lutavam por sua alma. Pouco depois o rosto dele se iluminou com alegria celeste.Olhando para cima, ele exclamou: "Senhor, eu me entrego a Ti sem reservas!"

Com lagrimas nos olhos, ele disse à Sra. White:

- Aceito a luz que o Senhor me enviou por seu intermédio. Agirei em conformidade com ela. Sou membro de cinco lojas, e outras três estão sob meu controle. Eu comando todas as suas transações. Daqui para a frente não assistirei mais as reuniões e encerrarei minhas relações administrativas com as lojas o mais breve possível. Acabo de ser investido na mais alta ordem de uma das sociedades, mas romperei minha ligação com todas.

Era quase hora de sair o último trem para sua casa no subúrbio. Quando ele chegou a estação, o trem já havia partido, fazendo com que ele percorresse a pé os seis quilômetros e meio. O Sr. Faulkhead escolheu as ruas menos movimentadas, pois queria

pensar. Grande alegria lhe encheu o coração, ao entender que o Deus que governa o Universo e guia os planetas, vira o seu perigo e enviara uma mensagem especialmente para ele.

Na manhã seguinte, bem cedo, ele se encontrava na casa publicadora, contando de sua decisão aos colegas. A notícia se espalhou rapidamente pelos escritórios, produzindo alegria entre seus amigos.

Chamando a secretaria, ditou cartas de renuncia às lojas maçônicas. Depois, temendo mudar de ideia, entregou as cartas ao Pastor Daniells, para que ele as pusesse no correio.

Durante o restante da vida, o Sr. Faulkhead dedicou seu tempo ao trabalho no escritório da publicadora, espalhando a mensagem do breve retornode Jesus.

Ao longo dos anos, ele frequentemente advertia os jovens a não entrarem para sociedades secretas,contando-lhes das tentações que o haviam cercado. Com frequência mostrava-lhes uma pilha de convites vindos de governantes, primeiros-ministros e outros homens ricos e honrados – convites para festas que envolviam prazeres e orgias. E dizia: “Toda vez que olho para eles, lembro-me das ciladas do diabo."

....

26

Quem Fez o Sulco?

Alguns meses depois de chegar a Austrália, a Sra. White disse: “Precisamos ter um Colégio neste país.” Ela também declarou que esse Colégio deveria ser localizado numa grande propriedade, onde a agricultura e outras atividades pudessem ser ensinadas.

Quando os irmãos ouviram isso perguntaram,assustados. Com apenas uns quinhentos adventistas em toda a Austrália como poderemos manter um empreendimento dispendioso como um colégio? Mas vovó continuou falando acerca de um colégio onde os Jovens australianos pudessem estudar sem ter de viajar para a América do Norte. Finalmente organizou-se um grupo com a incumbência de procurar um local adequado.

Encontraram a venda varias propriedades com boa terra mas os preços eram elevados demais. Depois de alguns meses de procura chegaram a propriedade Brettville de 1.450 acres de terra arborizada, por três dólares o acre. Sua localização era favorável, a cento e

vinte e sete quilômetros ao norte de Sydney, Nova Gales do Sul. Os homens escreveram a Sra. White, pedindo-lhe que fosse examinar o terreno. Ela tomou um trem em Sydney onde estava morando na época,e com o Pastor George B, Starr e sua esposa e dois outros amigos foi investigar.

Enquanto viajavam, ela contou um vivido sonho que havia tido algumas noites antes. Esse tipo de sonho é as vezes chamado de visão noturna. No sonho, o mesmo anjo que lhe aparecia nas visões diurnas estava a seu lado e falava com ela. Parecia-lhe estar olhando propriedades com vistas ao estabelecimento do Colégio. Ellen caminhava com amigos em meio a um bosque cerrado quando chegaram a uma pequena clareira, em cujo centro ela viu um sulco, aberto recentemente por um arado. O sulcoera pequeno; tinha uns dezoito centímetros de profundidade por um metro e oitenta de comprimento.No sonho, enquanto observava o sulco, ela viu dois homens que se aproximavam e começavam a examinar o solo. “Esta terra não é boa. O solo é desfavorável”, disseram eles.

A Ela olhou para cima e viu um anjo em pé sobre o sulco. “Falsas testemunhas foram trazidas para falar contra a terra”, disse o anjo. Ele então descreveu as várias camadas de terra e explicou a ciência do solo. Disse que a terra se adaptava ao cultivo de frutas e vegetais, e produziria bem se fosse devidamente cultivada. E acrescentou: “O Senhor é capaz de estender uma mesa no deserto.”

Os amigos que Viajavam no trem com a Sra. White ficaram contentes ao ouvir o relato do sonho. Tiveram a certeza de que anjos de Deus os guiariam ao local certo para a escola.

Depois de viajar por duas horas e meia, desembarcaram numa pequena estação perto de uma aldeia de pescadores Foram recebidos pelo Pastor Daniells, Pastor William White e vários outros obreiros da associação. Almoçaram juntos, entraram em três barcos a remo e foram ao Ribeirão

Dora, que na realidade era um pequeno rio. Quando vinha a maré do oceano, a água ficava salgada por vários quilômetros, mas se tomava doce mais acima. Era difícil remar contra a correnteza, e os homens fizeram rodizio junto aos remos.

A viagem foi agradável e o cenário interessante. Árvores e arbustos fechados cresciam as margens do rio, com algumas samambaias e flores silvestres. Aves cantavam nos galhos que se estendiam sobre a água. Algumas emitiam um som que parecia o toque de um sino. Em dado momento, os viajantes se assustaram com algo que parecia um grupo de meninos rindo, mas o som rouco vinha da garganta de um martim-pescador australiano, passarinho cujo nome local era “Joãozinho Risada”.

Quando o barco atracou as margens da propriedade, subiram o barranco e entraram numa floresta. Era um dia claro e fresco de maio – início do outono na Austrália. A Sra. White sentou-se para descansar num tronco perto de uma fogueira que os homens haviam acendido, enquanto o grupo se dividia em duplas para seguir em varias direções.

Após algum tempo o casal Starr voltou, encantado com o que havia visto em sua caminhada pelo mato e com o ar fresquinho, carregado da fragrância dos eucaliptos. Sugeriram que a Sra. White os acompanhasse para dar uma olhada ao redor. Enquanto andavam pela densa floresta, chegaram a uma pequena clareira, em cujo centro havia um sulco feito recentemente. Media dezoito centímetros de profundidade e um metro e oitenta de comprimento, exatamente como o que a Sra. White havia visto na visão da noite.

Enquanto estavam ali parados, querendo saber como o sulco havia surgido, dois membros do grupo de inspeção chegaram da direção oposta e se colocaram um em cada extremidade do sulco. Eles se curvaram, pegaram um pouco de terra nas mãos e começaram a examiná-la. Um deles disse:

- Esta terra não é boa, o solo e desfavorável – as palavras exatas que a Sra. White havia ouvido no sonho.

O outro homem observou:

- É arenoso e parece acido, Em minha avaliação, não produzira nada.

Depois perguntaram:

- Como foi que apareceu este sulco aqui?

Estavam todos perplexos, querendo saber quem o teria feito, e como. Não havia nenhum arado ou outro implemento agrícola a vista. Nenhum veiculo havia transitado por ali – nem sinal de cascos de cavalos. O capim não havia sido achatado e os arbustos não tinham sido perturbados. Ainda assim, ali estava aquele sulco aberto fazia pouco tempo.

Aqueles que haviam vindo de trem com a Sra. White esperaram que ela contasse seu sonho aos homens, e ela o fez. Quando ouviram o que o anjo dissera, não tiveram mais nada a dizer. Creram que Deus conhecia mais a terra do que eles próprios. Ele havia enviado sua mensagem, segundo a qual a terra produziria frutas e vegetais, e isso resolvia a questão. Todos sentiram a convicção de que Deus os estava guiando para o local certo, destinado ao Colégio.

Os homens se espalharam de novo e a Sra. White retornou ao assento no tronco, perto da fogueira. Estava feliz, pois pensava no Colégio que seria estabelecido ali, e nas centenas de missionários que seriam preparados naquele lugar.

Fizeram o trajeto de volta rio abaixo, a luz das estrelas. À noite, o grupo se reuniu numa cabana para discutir o assunto. Haviam solicitado que o perito em terras do governo visitasse o lugar. Seu relatório foi muito desfavorável. Em sua opinião, a terra era tão fraca que “se um coelhinho quisesse atravessar a propriedade, teria de levar sua lancheira junto”.

A comissão precisava agora decidir entre o relatório de um homem preparado cientificamente e as palavras do anjo. Conversaram por longo tempo. Discutiram ocasiões em anos passados em que Deus havia abençoado Seu povo de modo especial porque Lhe haviam seguido os conselhos. Agora Ele lhes falara através de Seu anjo, e decidiram permitir que Sua palavra encerrasse a questão. Votaram unanimemente estabelecer o Colégio naquela propriedade.

Alguns meses mais tarde, a União Australasiana aprovou essa decisão e lançou-se o projeto do colégio. A propriedade foi chamada Avondale por causa dos muitos cursos de água cristalina que a cortavam. A questão seguinte era como pagariam o terreno. O dinheiro para o pagamento da entrada era emprestado, mas de onde viriam os 4.500 dólares para reembolsar o empréstimo e terminar de pagar a aquisição? Embora a igreja estivesse crescendo rapidamente, ainda havia menos de mil adventistas em toda a Austrália. Tinham pouco dinheiro e nenhum amigo rico. Mas os irmãos haviam seguido o conselho de Deus, e agora Ele lhes honraria a fé.

Por essa época, a Sra. Wessels, da África do Sul, sua filha Anna e o esposo de sua filha visitaram a nova propriedade, e Anna doou 5.000 dólares. Com esse dinheiro, terminaram de pagar a compra e ainda sobrou um pouco. Vovó White, posteriormente, tomou emprestados mais 5.000 dólares da Sta. Wessels e entregou-os a escola para o inicio das construções.

Um hotel velho e abandonado na Vila Cooranbong, a curta distância da propriedade da nova escola, foi alugado como sede provisória, na qual teve inicio um Curso noturno. Nesse mesmo prédio moravam rapazes que tinham vindo trabalhar e obter crédito para as futuras despesas escolares, derrubando o mato para a plantação do pomar e da horta. À noite, assistiam às aulas. Como não havia tratores ou outros implementos agrícolas motorizados, era preciso escavar as raízes dos gigantescos eucaliptos com picaretas e pás, e arar a terra com bois e cavalos.

Compraram uma serrana para transformar as imensas árvores em madeira. Um segundo piso foi acrescentado à casa que abrigava a serraria, e os cultos sabáticos eram realizados ali. O curso noturno foi transferido do velho hotel para o sótão da serraria.

No dia 5 de outubro de 1896, trinta e cinco pessoas se reuniram para observar a Sra. White colocando a pedra fundamental do primeiro prédio, o dormitório das maças. Presenciei o acontecimento, como adolescente, e me lembro de que as perspectivas eram desanimadoras. Tão pouco dinheiro e tão poucas pessoas para empreender uma tarefa tão grande! Observando a expressão sóbria de alguns rostos, vovó disse: "Ânimo, meus filhos! Isto é uma ressurreição, não um funeral.”

As aulas começaram no dia 28 de abril de 1897, com quatro professores e dez alunos. Dentro de um mês, outros alunos e professores chegaram e a escola cresceu rapidamente. Tão logo pôde ser usado o dormitório feminino, os cultos sabáticos e algumas aulas aconteciam no seu refeitório. No sótão da serraria foram colocados catres, com cortinas entre eles, e o lugar se tornou casa para alguns dos rapazes naquele primeiro ano. Deus abençoou a escola desde o inicio. Não houve um único caso de doença entre alunos e professores naquele primeiro inverno.

E o que dizer da terra? Teria produzido, como o anjo havia predito? Dentro de um período notavelmente curto após a plantação, o pomar começou a produzir deliciosas frutas. A horta da escola produziu verduras e melões em abundancia. A comunidade escolar inteira prosperava, Um pé de milho doce trazido para dentro da nossa casa chegou quase a altura do teto.

Cerca de um ano depois do início das aulas, a Austrália sofreu uma tremenda seca. O gado e as ovelhas mornam aos milhares. Um cavalo podia ser comprado por um shilling (equivalente a vinte e cinco centavos de dólar na época), e uma ovelha por meio shilling. Lembro-me de como minha irmã e eu implorávamos que nosso pai comprasse um pônei, mas morávamos muito longe dos mercados para tornar possível essa aquisição. Foi um verão abrasador, com os termômetros registrando a temperatura de 42°C dentro de casa.

Miraculosamente, a seca poupou a propriedade do colégio. Um jornal de Sydney comentando a triste situação do país em geral, mencionou que a única exceção era a propriedade da Escola Avondale, comparando-a com um Oasis no deserto.

Isso aconteceu ha muito tempo. Agora, todos os anos, no primeiro dia letivo, os novos alunos percorrem um campus artisticamente arranjado, contemplando os sólidos prédios onde poderão estudar artes e ciências ou adquirir habilidades e aprender ofícios úteis enquanto trabalham para custear as despesas com os estudos. São conduzidos pela fábrica de alimentos saudáveis, uma

próspera indústria que vende seus produtos em todos os pontos da Austrália. O prédio da fábrica esta localizado as margens do Ribeirão Dora, perto do atracadouro dos barcos.

Retomando ao campus, passam por um peque no monumento de pedras perto do auditório musical. Nesse monumento, lêem a inscrição que conta a história do sulco e são lembrados de como Deus enviou um anjo do Céu para oferecer ajuda especial a fim de que se encontrasse o lugar certo para o Colégio Missionário Australasiano, hoje chamado Avondale College.

....

27
A Enfermeira de Battle Creek

- Ella por que você tirou a mesa?

- Não a tirei, mamãe. Já estava assim quando entrei.

Então foi você Mabel? Diga-me: isto é uma brincadeira? Onde você pôs a toalha da mesa?

- Mamãe eu não toquei em nada.

- Mas a toalha estava posta sobre a mesa, com os talheres. Onde estão os talheres? E onde esta o pão que deixei na bandeja quando bateram à porta e fui atender? Quem esteve na cozinha? Você viu alguém entrando em casa Mabel?

- Não, mas vi uma senhora alta saindo; parecia que estava carregando alguma coisa embaixo do avental.

- Então era isso que estava acontecendo enquanto a vizinha me distraia na porta da frente! As duas mulheres, evidentemente, agiram de comum acordo. Enquanto uma me informava tão bondosamente onde comprar os melhores moranguinhos, a outra entrava

pela porta dos fundos e pegava tudo o que pudesse carregar com as mãos. Isso me faz lembrar daquilo que o dono do armazém disse ao seu pai; “Não deixe de trancar a porra quando sair; não há nada quente ou pesado demais para algumas pessoas.”

Depois disso, tomávamos o cuidado de virar a chave quando saíamos de casa. Ficávamos de olho no varal, no dia de lavar roupas. E procurávamos não deixar nada de valor no quintal. Mas embora tomássemos as melhores precauções, alguns objetos ocasionalmente desapareciam. Nessa época estávamos morando numa casa alugada em Cooranbong, esperando que terminasse a construção de nossa casa, do outro lado da rua, na frente da casa de vovó White, perto de Avondale.

Um dia, ao voltarmos da igreja, mamãe pediu-me que buscasse um pudim de arroz no compartimento refrigerador, um quartinho de pedra junto a porta da cozinha. Mas o pudim havia desaparecido, e com ele um jarro de leite.

Quando contamos o fato a vovó, ela disse:

- Nenhuma de vocês diga uma palavra sobre isso a quem quer que seja!

Ela fez visitas cordiais pela vizinhança, inclusive; à família suspeita do furto.

- Viemos morar aqui entre vocês – disse ela – e confio que vocês nos considerarão bons vizinhos. Estamos estabelecendo uma escola aqui perto, para a qual poderão enviar seus filhos a fim de obterem uma boa educação. Estamos prontos a ajudá-los naquilo que for possível.

Não muito tempo depois disso, vovó teve a oportunidade que esperava de ajudar os vizinhos. Embora os arredores fossem escassamente povoados, e sem telefone, rapidamente se havia espalhado a notícia de que a Sra. White tinha uma enfermeira

na família, a Srta_ Sara McEnterfer, do famoso hospital de Battle Creek. A notícia foi bem recebida, pois o hospital ou consultório médico mais próximo ficava em Newcastle, a 36 quilômetros por estrada de ferro. O primeiro pedido de ajuda veio de uma casa em que um garotinho havia escaldado sua perna, ao derrubar uma panela com chá fervente.

Quando a “famosa enfermeira de Battle Creek" entrou na casa, encontrou o paciente de seis anos de idade sofrendo com uma perna muito dolorida. Estava infectada, e por algum tempo o garotinho havia chorado de dor, dia e noite. Todas as manhãs, por quase duas semanas, tia Sara, como começou logo a ser chamada na vizinhança, ia com a charrete da vovó para a casa do menino, tratando da perna queimada ate seu completo restabelecimento. Depois disso, os pedidos de ajuda passaram a vir com muita freqüência.

Dentro de pouco tempo foi inaugurada a escola de Avondale, embora nem todos os prédios estivessem prontos. Vovó e sua família de auxiliares já se haviam instalado na casa nova, e ela andava ocupada, escrevendo. Quatro maquinas de escrever tilintavam, enquanto todos trabalhavam febrilmente, copiando, duplicando e endereçando material

pronto para ser despachado – artigos, cartas e manuscritos de livros. Nossa família havia se mudado para a casa nova do outro lado da rua.

Certo dia, um homem chegou à casa da vovó, andando a cavalo. De um fôlego só, disse:

- Temos um menino muito doente em casa, e não sabemos o que fazer por ele, Alguém nos disse que uma enfermeira mora aqui. Será que ela nos ajudaria?

Quando tia Sara chegou à casa, encontrou um menino de nove anos, deitado num catre. Sua cabecinha ardia em febre e os olhos dele estavam vermelhos e inchados, de tanto chorar. Sua mãe estava na cama com um bebezinho, e a tia dele fazia o seu melhor para cuidar dos três.

-Agora me contem como tudo aconteceu – disse a enfermeira.

- Uma semana atrás, quando Willie conduzia um bezerrinho para fora do quintal, pisou num buraco onde haviam sido jogados cacos de vidro e teve um corte de quase quatro centímetros no tornozelo, fundo até ao osso – explicou a tia. – A mãe dele esfregou banha de porco no cone e o enfaixou, mas foi piorando cada dia, ficando tão mal que seu pai teve de levá-lo ao medico em Newcastle, O doutor limpou a ferida e a enfaixou, receitando uns remédios para o menino, recomendando que se aplicassem cataplasmas de leite e pão em intervalos de poucas horas. Depois veio o bebê e a mãe do menino ficou de cama. Tive de cuidar do Willie, mas não sei o que fazer por ele. Nem mesmo sei como fazer o cataplasma. Seu pai não perguntou ao médico como fazê-lo. [Tia Sara soube que estavam embebendo o pão no leite e colocando-o frio sobre a ferida] O médico havia dito que o menino deveria ser levado lá novamente, se piorasse, pois talvez fosse necessário amputar o pé, Então ficamos sabendo da Sra. White e da enfermeira de Batile Creek que mora com ela, e mandamos buscá-la; estamos tão contentes porque veio ajudar-nos!

Tia Sara examinou o paciente.

- É sangue envenenado, e um caso grave – disse ela. – Pegue a chaleira e aqueça água imediatamente. Faremos o possível para salvar a perna.

Ela havia trazido suas flanelas para fomentação, como sempre fazia quando chamada a serviço. Durante duas horas, sem interrupção, aplicou fomentações quentes e frias, alternadamente, e depois enfaixou a ferida. Antes de terminar, o paciente já dormia. Depois de explicar a tia de Willie como continuar os tratamentos, a enfermeira partiu, prometendo retornar no dia seguinte.

Quando ela retornou na manhã seguinte, soube que a tia havia escorregado enquanto carregava uma chaleira de água fervente e havia escaldado sua perna, desde o tornozelo até o joelho. Doía muito, e ela mal podia caminhar. Assim, a enfermeira tinha dois pacientes, em lugar de um. Decidiu levá-los a casa da Sra. White, onde poderia cuidar de ambos. O pai de Willie carregou o menino até a carruagem e depois ajudou a tia a entrar.

Durante todo o trajeto para casa, tia Sara se perguntava onde arranjaria espaço na casa para aqueles dois enfermos. Os quarto quartos do piso superior também serviam de escritório. A cozinheira e uma menina que freqüentava a escola ocupavam um quarto sobre o galpão da carruagem. Alguns hóspedes haviam chegado para o pernoite e dormiriam na sala. Mas tia Sara estava acostumada a dar um jeito. Encontrou um cantinho vago onde poderia estender um colchão para a tia, ate que os hóspedes partissem. E levou o menino para o outro lado da rua, a nossa casa.

Era minha responsabilidade, depois das aulas, abastecer o fogão da cozinha e ter sempre bastante água quente para os tratamentos de Willie. Aplicávamos em sua perna água quente e fria, alternadamente, varias vezes por dia. Tia Sara vinha todas as noites e aplicava cataplasmas de carvão vegetal. Um dia, quando removeu o cataplasma, um pedacinho de vidro do tamanho de um grão de trigo apareceu na superfície da ferida. À medida que o pé ia sarando, os tratamentos eram aplicados com menos freqüência.

Depois de dez dias, os pacientes foram levados para casa e Willie impressionou os vizinhos com sua história sobre a maravilhosa cura “só com água quente e fria e carvão", A partir de então, a Srta. McEmerfer era chamada freqüentemente para prestar ajuda e dar orientações quanto ao cuidado com os doentes. Nunca cobrou nada, embora por vezes tivesse de percorrer longas distâncias.

Os pedidos de ajuda vinham com tanta freqüência que ela não conseguia mais cuidar de suas outras obrigações. A Sra. Rodd, uma irmã adventista que era enfermeira prática, apresentou-se como voluntária e, durante os dois anos seguintes, ela com a ajuda de

seu esposo tratou 240 pessoas, Viajavam centenas de quilômetros a cavalo para as casas espalhadas pelos vilarejos próximos e no meio da floresta.

A maioria dos pacientes que essas duas enfermeiras trataram teve uma recuperação rápida, mas nem todos. Um dia, quando tia Sara atendeu a um chamado urgente, encontrou um homem jovem com febre alta. Estava deitado num quarto pequeno, sem janelas e só com uma porta. A família inteira se apertava ao redor da cama dele, esperando que morresse e – como disse a tia Sara – apressando sua morre ao impedir que ali entrasse um pouco que fosse de ar fresco.

Sara dispensou os chorosos familiares e aplicou no paciente tratamentos para baixar a febre. Depois mandou que o colocassem num quarto mais arejado. Durante várias horas ela cuidou dele, aplicando-lhe compressas frias e escalda-pés, dando banhos de esponja e outros tratamentos, até que a febre cedeu bastante e ele disse que se sentia melhor.

Depois de dar instruções sobre como continuar cuidando dele, Sara foi embora.

A família já havia chamado um médico; quando ele chegou de Newcastle naquela noite, examinou o paciente e aprovou o tratamento recomendado. Antes que ele saísse, um membro da família perguntou:

- Podemos dar ao paciente um pouco de bebida alcoólica para levantar suas energias?

- Um pouquinho, se quiserem – foi a resposta.

Outros membros da família beberam da mesma garrafa. Com a capacidade de raciocínio embotada pelo álcool, começaram a dar ao enfermo drinques freqüentes. Naquela noite, ele morreu de síncope alcoólica.

Quando vovó White viu a grande necessidade, disse: “Devemos ter um lugar onde os enfermos da vizinhança possam ser tratados de modo inteligente, um lugar onde os alunos de enfermagem possam obter experiência prática. Cuidar dos doentes que moram ao nosso redor será o melhor sermão que podemos pregar.” Ela escreveu cartas a amigos, contando-lhes da necessidade de um pequeno hospital ligado à escola de Avondale. A escola cedeu um terreno perto da nova igreja, o qual ficava a dez minutos de caminhada dos prédios escolares. Os estudantes derrubaram alguns eucaliptos e depois trabalharam fora de hora para transformá-los em madeira.

Anunciou-se um piquenique associado a um mutirão. A escola suspendeu suas atividades por um dia, de modo que professores e alunos pudessem ajudar a limpar o terreno para a construção. As famílias que moravam em propriedades vizinhas da escola também deixaram de lado seus afazeres costumeiros e trouxeram ferramentas. Os homens arrancavam raízes de árvores e arbustos e as

empilhavam para a fogueira que acenderiam a noite. As crianças passavam o ancinho nas folhas e removiam pedras. Ao meio-dia, estendemos nosso lanche no chão. Todas as donas de casa haviam trazido alimento a mais, para poder repartir com os que não tinham nada.

A correspondência sempre trazia doações em dinheiro, de amigos de perto e de longe. Quando o terreno ficou limpo, carpinteiros, pintores e encanadores ofereceram seus serviços para ajudar nas horas livres, sem cobrar nada. Dentro de poucas semanas, um hospital de vinte e cinco leitos estava pronto para iniciar seu ministério de cura, mas antes mesmo de os quartos estarem concluídos e mobiliados, os pacientes começaram a chegar o prédio e os equipamentos eram modestos, e os preços moderados. E improvável que algum paciente tenha deixado de receber atendimento por ser pobre demais para pagar.

....

28
Testemunho Para Uma Garota

Essas histórias abrangem apenas alguns poucos incidentes da vida de Ellen White. Quando ela estava com dezessete anos de idade o médico da família deu poucas esperanças de que Ellen pudesse viver mais do que três meses no máximo. Deus entretanto acrescentou setenta anos a vida dela. E deu-lhe forças para fazer um trabalho maravilhoso.

Mas não for Ellen White quem fez essa grande obra. Era Deus operando por intermédio de um frágil ser humano usando-lhe os lábios, a voz e a pena para falar em seu nome. Embora Ellen não tivesse dinheiro e meios de transporte, Deus abriu o caminho para que ela fosse aonde Ele a enviasse. Ele a fortaleceu e deu-lhe voz. Ela cuidou dessa voz usando a para a gloria de Deus e ela se tornou cada vez mais forte a medida que era usada para Ele.

Muitos anos mais tarde na reunião campal de Groveland perto de Boston ela falou para um auditório de vinte mil pessoas. Até mesmo aqueles que estavam sentados ao fundo da gigantesca tenda, ou em pé do lado de fora, declararam posteriormente que puderam ouvi lá de modo distinto, enquanto Ellen falava por cerca de uma hora. Quando paramos para pensar que naquele tempo não havia microfones, entendemos que maravilha foi essa voz que Deus lhe deu.

Pouco tempo depois de Ellen começar a relatar suas visões, foi-lhe dito: “Escreva as instruções que lhe dou para o povo.”

Ela respondeu: “Não posso escrever, Senhor.” Sua mão tremia tanto, que mal se podia ler sua escrita. Depois de fazer varias tentativas, ela desistiu de escrever.

Mas certa noite o anjo do Senhor se pôs ao lado da cama dela e repetiu: “Você deve escrever as instruções que lhe dou.”

E outra vez ela disse: “Não consigo escrever.”

A ordem foi dada novamente: “Escreva!"

Pegando um suporte para escrever, colocou-o sobre o colo, tomou à pena e começou. Descobriu que podia escrever com facilidade sua mão, que havia estado tão fraca e tremula, tragava palavras claras e legíveis. O Senhor havia operado um milagre.
Ninguém sabe quantas paginas Ellen White escreveu com a própria mão. No deposito onde estão guardados os seus escritos, no escritório da Associação Geral em Wasliington, DC. há sessenta mil páginas datilografadas, copiadas de seus manuscritos ou de relatórios taquigrafados de seus sermões e entrevistas. Grande parte daquilo que ela escreveu foi publicado em livros e artigos; além desses, há milhares de páginas contendo mensagens pessoais, escritas na forma de cartas para determinadas pessoas.
A maior parte de seus escritos era produzida quando ela se encontrava sozinha no quarto, durante as primeiras horas da manhã. Muitas vezes, a noite, vinha um anjo com uma mensagem para o povo de Deus – para fortalecer-lhe a fé na Bíblia e ajudá-lo a entender e seguir mais perfeitamente os seus ensinos.
Ela se levantava, se vestia e, se estivesse frio, acendia o fogo na lareira. Depois, após uma oração fervorosa, sentava-se na poltrona com o suporte diante de si e escrevia as mensagens recebidas durante a noite. Muitas vezes, ao descer para a mesa do desjejum, trazia nas mãos doze, catorze ou até dezesseis paginas grandes, em espaço apertado, as quais ela havia escrito enquanto os demais dormiam. Entregava essas páginas a uma de suas copistas para serem datilografadas e duplicadas, sendo as cópias enviadas para as pessoas a quem se destinavam. Essas mensagens para indivíduos ou igrejas eram chamadas testemunhos. Alguns deles foram publicados em livros.
A Sra. White também escreveu muitos livros que tem sido publicados em numerosos idiomas e lidos por cristãos ao redor do mundo. Se lermos e estudarmos esses livros, entenderemos melhor a Bíblia e receberemos ajuda para nos tornarmos o tipo de pessoas que poderão viver com Jesus na Nova Terra.
Você já ouviu acerca das visões publicas da Sra. White – algumas para ajudar presidentes de associações, administradores de hospitais, casas publicadoras e colégios. Mas nem todas foram para eles, nem para pastores, professores de religião ou médicos, nem mesmo para mães e pais.
Os jovens de nossa casa haviam retornado certa vez das aulas noturnas realizadas no sótão da serraria. Naquela noite, quando me ajoelhei ao lado da cama para orar, compreendi que não estava vivendo tão perto do meu Salvador como havia feito no passado. Não estava desfrutando Suas bênçãos como três anos antes, na época do meu batismo. Pedi ajuda de Deus para que pudesse sentir novamente alegria e paz no coração. Mas parecia que eu me afastava cada vez mais dEle, mesmo enquanto orava. Minha oração parecia não passar do teto.
- Depois de permanecer ajoelhada por longo tempo, deitei-me com uma oração silenciosa: “Por favor, querido Deus, ajuda-me a corrigir o que está errado, para que eu possa mais uma vez receber Teu sorriso de aprovação.”
Pouco tempo depois disso, na tarde do dia seguinte, como me lembro bem, a carruagem da vovó parou na frente de nossa casa. Ela não nos cumprimentou com o costumeiro e alegre “boa-tarde!”, mas disse muito seriamente:
- Willie, reúna sua família; tenho palavras para lhes dizer. (Vovó sempre chamava nosso pai de Willie.)
Fomos para a sala da frente - papai, mamãe, Mabel e eu, com nossos irmãozinhos gêmeos. Como de costume, Mabel pegou o bebê Henry e eu fiquei com o pequenino Herbert no meu Colo.
- Alguém pode tomar conta dos gêmeos? – vovó disse. – Quero que Ella e Mabel prestem toda a atenção, pois tenho uma solene mensagem para elas.
Quando estávamos sentadas bem quietas, vovó tomou da sacolinha na qual carregava seus escritos um manuscrito que havia redigido naquela manhã, e começou a lê-lo para nós: “Não consegui dormir após as onze horas. Nas horas noturnas fui instruída por Deus. Experimentei um sentimento profundo. Havia Alguém em nosso meio. Willie, sua esposa May e várias outras pessoas estavam presentes. Palavras de grande importância foram proferidas,”

As frases seguintes eram dirigidas aos nossos pais. Foi-lhes dito que havia gente demais na casa; havia muito barulho e confusão, bem como esquecimento de Deus nos deveres diários. Deveria haver mais tempo para o estudo da Bíblia.
Estávamos morando numa residência velha, em péssimo estado, a única casa disponível, e tomávamos conta de vários pensionistas, inclusive um senhor inválido de oitenta anos de idade.
Vovó continuou lendo. Nós, as crianças, disse ela, deveríamos ser ensinadas a formar hábitos ordeiros, a conservar nossas roupas limpas e consertadas. Como eu detestava remendar! Perdi uma ou duas frases, pensando nisso. Trazendo meus pensamentos de volta, escutei com mais atenção.
"Que uma fé viva se entrelace como fios de ouro com as experiências diárias, no desempenho das pequenas tarefas. 'Fazei tudo para a gloria de Deus.' Que depois se olhe para Jesus; Seu amor será o motivo constante, dando força vital a tudo que é empreendido."
Então as palavras seguintes foram dirigidas especificamente para nós, as meninas: "Sua mãe precisa da ajuda de vocês como membros da sociedade. Atentem para seus conselhos e instruções. Respeitem-lhe as palavras. Obedeçam aos seus pedidos. Sejam leais aos deveres domésticos isso é parte da educação que as capacitará a tomar-se membros da família lá do alto."
- Enquanto vovó continuava, percebi que a maior parte do testemunho se destinava especialmente a mim. Meu nome foi mencionado varias vezes. Foi-me dito que meu trabalho deveria significar um bom exemplo para minha irmã mais nova e que eu deveria ser uma Cristã viva em casa, fiel em todos os pequenos deveres, atentando para cada sugestão que mamãe fizesse, mas sem esperar que ela me dissesse o que fazer, quando eu podia ver o que precisava ser feito.
Deveria manter meu quarto em ordem, removendo cuidadosamente toda poeira e sujeira. A cozinha deveria ser conservada limpa e com capricho.
Interrompendo vovó, perguntei:
- O anjo disse todas essas coisas ou a senhora pensou nelas enquanto escrevia?
- O anjo falou comigo a noite – vovó respondeu – e eu anotei as mensagens que foram dadas a mim para você, Mabel e para seus pais.
Depois ela continuou a ler: "Os livros devem ser postos de lado até o momento oportuno, e a mente só devera ser ocupada com os estudos se não forem negligenciadas as tarefas domésticas. Você pode preencher seu lugar na casa como uma Cristã atenciosa, solicita e prática, trabalhando para Jesus, cumprindo pequenos deveres que muitas vezes são desagradáveis, mas precisam ser feitos sem adiamento."
Foi-nos dito que não desanimássemos. Os anjos nos observavam para ver como poderiam trabalhar conosco no sentido de ajudar-nos a cultivar caracteres cristãos.
Vovó aconchegou-nos a si. Pondo Mabel no colo e um braço nos meus ombros, ela leu as últimas palavras do testemunho:
"Ao executarem seus deveres diários pronta, ordeira e fielmente, vocês serão missionárias. Estarão dando testemunho de Cristo. Estarão mostrando que a religião de Cristo, por principio e prática, não as torna relaxadas, rudes, desrespeitosas para com seus pais ao levar em pouca consideração os seus conselhos e instruções. A religião da Bíblia, praticada, torná-las a bondosas, atenciosas e fiéis. Não negligenciarão as pequenas coisas que devem ser feitas para dar uma aparência bonita e cuidada até mesmo a cozinha, que tem revelado infidelidade. Quem e fiel no pouco, também é fiel no muito."
Vovó terminou a leitura. Deixou o manuscrito nas mãos de mamãe e se pôs em pé. Imediatamente subi as escadas correndo para o meu quarto, enterrei o rosto no travesseiro e chorei. Sentia-me amargurada e ressentida Por que deveria passar tanto tempo varrendo, escovando e lavando louça? Precisava de tempo para estudar!
Queria colocar-me entre os primeiros lugares do curso noturno.
Então, de repente, como se atingida por um relâmpago, lembrei-me – da minha oração. Justamente na noite anterior eu havia pedido a ajuda de Deus. Seria essa a resposta dEle? Teria o grande Deus do Céu ouvido o clamor de uma menina e enviado o Seu anjo com a resposta ao pedido dela? Sim.

Deus havia me ouvido. Ele me amava! Havia mandado a mensagem de reprovação porque me amava!
Lagrimas de arrependimento tomaram o lugar das lagrimas ímpias e rebeldes de alguns momentos antes. Ajoelhei-me onde, na noite anterior, havia orado e me sentido abandonada por Deus. Mas Ele não me abandonara!
Depois de lavar as marcas das lagrimas, desci depressa para a sala onde papai, mamãe e Mabel conversavam. Vovó já havia saído. Lancei-me nos braços de mamãe.
- Ella – disse papai ternamente – Você enfrentou tempos difíceis nestes últimos meses. A vida não tem sido fácil para nenhum de nós. Mas essas provas são passar. Dentro de pouco tempo, nossa casinha estará pronta e moraremos lá, só nós quatro e os bebês. Não haverá mais chão de tabuas ásperas para escovar. Teremos um fogão novo, não como este velho e rachado aqui, que enche a cozinha de fumaça. Os galhos verdes de eucalipto que cortei na clareira para fazer lenha já estarão secos e queimarão melhor.
- E teremos um banheiro, não é, papai, com uma banheira? - acrescentou Mabel, feliz. – Não precisaremos mais carregar a tina e toda a água para o piso de cima a fim de tomarmos banho de noite!
Mamãe me apertou a mão.
- Imagine só, Ella; teremos uma pia na cozinha e água na torneira, vinda de um grande tanque lá fora. Mas, Will, você se esqueceu? Se o Joe Mills vier morar conosco e for para a escola, seremos cinco aqui em casa, além dos gêmeos, em vez de quatro. De qualquer maneira, ficarei contente se ele vier.
- Sim – disse papai. – Joe é um menino prestativo. Ele pode cuidar do jardim e ajudá-la nas tarefas da casa.
- E ordenhar a vaca! – anunciei enfaticamente, pensando em outro fardo que me sairia dos ombros.
- E terei só cinco lâmpadas para limpar, em lugar de onze, e só cinco globos para polir todos os dias - disse Mabel, com júbilo.
Papai sorria enquanto se levantava para sair da sala.
- Não precisarei ficar tanto tempo longe de casa como no ano passado – disse ele. - Levaremos nossos livros para o bosque nas tardes de sábado. Poderemos conhecer os lindos passarinhos das florestas ausiraliarnas e cultivar novas espécies de samambaias e flores.
Durante alguns minutos, fiquei pensando numa panela grudenta que eu havia deixado de molho, bem escondida num canto da cozinha, atrás do fogão. Levei-a para o monte de areia atrás de casa e lhe dei uma boa esfregada. Depois olhei ao redor, na cozinha, arrumei as coisas aqui e ali e escovei direitinho a mesa de tabuas “Foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei”, repeti para mim mesma.. “Daqui para a frente, procurarei realizar cada tarefa tão cuidadosa e fielmente, como se pudesse olhar para cima e ver Jesus observando tudo o que faço."
E agora, meninos e meninas, não temos espaço para mais histórias neste livro.

Talvez algum dia, na gloriosa Nova Terra, vocês e eu possamos sentar ao lado de minha querida avó, Ellen White, e dizer-lhe de nossa gratidão pelas coisas amáveis que escreveu para ajudar-nos a ser mais semelhantes a Jesus, preparando-nos para receber as alegres boas-vindas ao lar celestial e a nossa família lá do alto.

Livros do ano 2015

Aventureiros

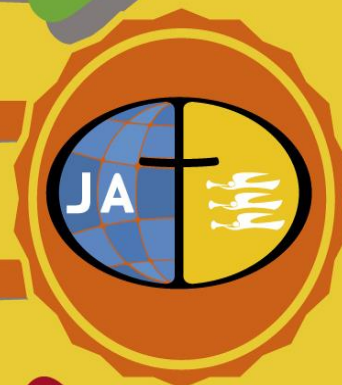
KING, O PREGADOR QUE NÃO CONSEGUIA PREGAR AUTOR: KIMBER J. LANTRY

Desbravadores

HISTÓRIAS DE MINHA AVÓ

AUTOR: ELLA M. ROBINSON

Jovens

O MENSAGEIRO DO DESERTO:
SIGA O EXEMPLO DE JOÃO BATISTA
AUTOR: DOUGLAS REIS

Universitários

MARAVILHAS DA CRIAÇÃO:
EVIDÊNCIAS DE UM PROJETO INTELIGENTE
AUTOR: GERALD E. VYHMEISTER